



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
INSTITUTO DE ESTUDOS SÓCIO-AMBIENTAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO – MESTRADO EM GEOGRAFIA**

**NO OBSCURO DO OURO, O BRILHO DO CERRADO:  
A DINÂMICA TERRITORIAL DO MUNICÍPIO DE CRIXÁS-GO**

**WAGNER ALCEU DIAS**

**GOIÂNIA  
2010**



Universidade Federal de Goiás  
Instituto de Estudos Sócio-Ambientais  
Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Geografia

WAGNER ALCEU DIAS

**NO OBSCURO DO OURO, O BRILHO DO CERRADO:  
A DINÂMICA TERRITORIAL DO MUNICÍPIO DE CRIXÁS-GO**

Orientador: Professor Dr. Manoel Calaça

Goiânia  
Janeiro/2010

WAGNER ALCEU DIAS

**NO OBSCURO DO OURO, O BRILHO DO CERRADO:  
A DINÂMICA TERRITORIAL DO MUNICÍPIO DE CRIXÁS-GO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pesquisa e Pós-Graduação do Instituto de Estudos Sócio-Ambientais da Universidade Federal de Goiás – IESA/UFG, como requisito para obtenção do título de mestre.

Área de concentração: Natureza e produção do espaço

Orientador: Professor Dr. Manoel Calaça

Goiânia  
Janeiro/2010

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
GPT/BC/UFG**

D541n Dias, Wagner Alceu.  
No obscuro do ouro, o brilho do Cerrado: a dinâmica territorial do município de Crixás-Go [manuscrito] / Wagner Alceu Dias. - 2010.  
134 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Manoel Calaça.  
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Instituto de Estudos Sócio-Ambientais, 2010.

1. Estrutura econômica – Crixás (GO). 2. Ouro. 3. Cerrado. I. Título.

CDU: 911.3:33(81)

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Andréa Pereira dos Santos

WAGNER ALCEU DIAS

**NO OBSCURO DO OURO, O BRILHO DO CERRADO:  
A DINÂMICA TERRITORIAL DO MUNICÍPIO DE CRIXÁS-GO**

Dissertação defendida e aprovada em 27 de Janeiro de 2010, pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

---

Dr. Manoel Calaça – IESA/UFG  
(Orientador)

---

Eguimar Felício Chaveiro – IESA/UFG  
(Membro Interno)

---

Jacob Binsztok - UFF  
(Membro Externo)

---

João Batista de Deus – IESA/UFG  
( Suplente)

À minha filha Nádia Tavares Dias, que agora sempre espera por mim. Minha mãe Maria das Graças Nogueira Dias e meu pai, Mario Batista Dias, que não se encontra mais conosco, ambos foram decisivos em minhas conquistas. E finalmente, à minha companheira, amiga, esposa, Valdelina Tavares, pelo incentivo e força durante os anos de convívio.

## **AGRADECIMENTOS**

Inicialmente, minha sincera gratidão à oportunidade cedida pela Universidade Federal de Goiás, para a construção desta pesquisa.

À minha tia Aparecida e Divino por sempre me querer bem.

Aos meus primos (irmãos) Rosilene e Ronievon, presenças que constituíram positivamente meus caminhos.

Ao professor Denis Castilho, amigo incondicional, pensador que está nas referências da bibliografia da vida.

Ao grande parceiro no percurso do mestrado, José Novais, emigrante da Bahia, que nos ensina a fazer pesquisas em Goiás.

A todos os professores que ministraram disciplinas na Pós-Graduação, Alex Ratz, Celene, Beatriz, e em especial ao professor Eguimar, sujeito que trás em sua humildade a ternura dos desencontrados.

Ao Nivaldo, que no Gomim se fez professor. Trabalhando juntos, nossa amizade foi conferida pelas diversas andanças no Cerrado.

Por fim, minhas considerações pelo privilégio de ter o professor Calaça como orientador, que hora se confundia como um pai, pai que perdi há dois anos. Tenho uma enorme admiração, respeito e afeto pela sua pessoa, pois suas atitudes e ações me fazem acreditar que ainda existem pessoas que honram a chamada "humanidade". Dessa forma, tê-lo como professor, orientador, amigo, pai, enfim, corrobora na evolução da minha vida pessoal e profissional. Obrigado por tudo.

Renda-se, como eu me rendi. Mergulhe no que você não  
conhece como eu mergulhei. Não se preocupe em  
entender, viver ultrapassa qualquer entendimento.

Clarice Lispector

## RESUMO

A história de Crixás remonta as primeiras lavras de ouro em Goiás. No início da formação territorial desse município circunscreve o conflito entre bandeirantes e indígenas, que nos permite uma análise do processo de territorialização e desterritorialização, cuja essência está estruturada no esforço da compreensão dos atores sociais daquela localidade. Dessa forma, fica claro que o território de Crixás foi estabelecido por uma relação de interesses estritamente econômicos. Portanto, podemos constatar a existência de um território, cuja ordem conceitual se expressa pela ideia de domínio, organização e gestão de uma determinada área, como alerta Manuel Correa de Andrade. Embora o Estado de Goiás manifeste uma miscelânea territorial econômica, sua estrutura fora se afirmando através dos primeiros arraiais, que a partir de então desenvolveram, gradativamente, perfis econômicos distintos desde a mineração. Posteriormente, perpassa pela pecuária e agricultura, até desembocar no agronegócio, que administra todos os perfis econômicos promovendo uma reestruturação no setor produtivo. Em Crixás, a mineração e a pecuária são mantidas enquanto atividades econômicas, porém sua produtividade é intensificada por meio de novas relações de produção, impostas pela industrialização progressiva. Nessa perspectiva, podemos fazer uma analogia da sua estrutura econômica a partir do Bioma Cerrado que resguarda “amarelos naturais” contraditórios. O “amarelo do ouro” e o “amarelo do pequi”. Ambos amarelos com valores econômicos e culturais. Todavia, o ouro já não tem o “brilho da emancipação humana”. O processo de industrialização exercida pela mineradora Serra Grande insere sua produção no mercado global. Assim, o “brilho” do ouro é refletido na Europa, Japão e outros países, tendo ações negociadas nas bolsas de Joanesburgo, Nova Iorque, Austrália e Gana. Já o pequi perde abundância para as pastagens. Mesmo com o crescimento da pecuária em Crixás, acontece a festa desse fruto, cujo objetivo é demonstrar a riqueza do Cerrado e sua importância para a cultura de seu povo. Para tanto, o município de Crixás possui sua estrutura econômica sustentada por contradições e conflitos territoriais. As circunstâncias da metodologia da pesquisa requerem a primazia do estudo agrário e regional, perfazendo análises comparativas históricas e contemporâneas. Para sustentar a presente pesquisa, adotaremos a linha teórica baseada no materialismo histórico e dialético, com objetivo de contemplar a totalização da dinâmica territorial do município de Crixás-Go, para mediar nossa compreensão do seu papel econômico no contexto goiano.

Palavras-Chave: Crixás. Território. Estrutura Econômica. Ouro. Cerrado.

## ABSTRACT

The story goes Crixás the first gold mines in Pennsylvania in the early formation of the territorial city limits the conflict between pioneers and Indians, which allows an analysis of the process of territorialization and deterritorialization, whose essence is structured in the effort of understanding the actors social in that locality. Thus, it is clear that the territory of Crixás was established by a ratio of narrow economic interests. Therefore, we note the existence of a territory whose order is expressed by the conceptual idea of the field, organization and management of a particular area, as a warning Manuel Correa de Andrade. Although the state of Goiás express a patchwork territorial economic structure had been asserting themselves through the first camp, which since then developed gradually distinct economic profiles from mining. Subsequently embraced by livestock and agriculture, before emptying into the agribusiness, which manages all profiles promoting economic restructuring in the productive sector. In Crixás, mining and livestock are kept as economic activities, but their productivity is enhanced by new relations of production imposed by the progressive industrialization. From this perspective, we can make an analogy between their economic structures from the Cerrado biome that protects "yellow natural" contradictory. The "yellow gold" and "yellow pequi." Both yellow with economic and cultural values. However, the gold no longer has the "brightness of human emancipation." The process of industrialization exerted by the mining Sierra Grande enters its production in the global market. Thus, the "brightness" of gold is reflected in Europe, Japan and other countries, with shares traded on the Johannesburg, New York, Australia and Ghana. Already pequi loses plenty to pasture. Even with the growth of livestock in Crixás party happens this fruit, whose purpose is to demonstrate the richness of the Cerrado and its importance to the culture of his people. To this end, the municipality of Crixás has sustained its economic structure by contradictions and conflicts over land. The circumstances of the research methodology require the primacy of the agrarian and regional studies, making comparative analysis of historical and contemporary. In support of this research, we will adopt a theoretical framework based on dialectical and historical materialism, aiming to address the aggregation of local dynamics in the city of Crixás-Go to mediate our understanding of its role in the economic context Goiás.

Keywords: Crixás. Territory. Economic Structure. Gold. Cerrado.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 01	Mapa 01- Localização do Município de Crixás	17
Ilustração 02	Gráfico 01- A participação do agronegócio nas exportações de Goiás dezembro/2007	29
Ilustração 03	Mapa 02- Localização das minas de ouros no município de Crixás	35
Ilustração 04	Mapa 03- Etapas da fragmentação territorial de Crixás	40
Ilustração 05	Mapa 04- Logística do Município de Crixás	50
Ilustração 06	Quadro 01- Elementos que constituem a dinâmica territorial	54
Ilustração 07	Tabela 01- População distribuídas entre as Mesorregiões do Estado de Goiás – 2008	56
Ilustração 08	Tabela 02- População das Microrregiões do Estado de Goiás – 2008	57
Ilustração 09	Gráfico 02- População do Estado de Goiás, Microrregião de São Miguel do Araguaia e Município de Crixás	58
Ilustração 10	Mapa 05- Microrregião de São Miguel do Araguaia e Crixás em evidência	59
Ilustração 11	Gráfico 03- Extensão territorial do Estado de Goiás, da Microrregião de São Miguel do Araguaia e Município de Crixás	59
Ilustração 12	Mapa 06- Principais fluxos derivado do pólo agroindustrial	60
Ilustração 13	Gráfico 04- Efetivo da pecuária do Estado de Goiás, da Microrregião de São Miguel do Araguaia e Município de Crixás em 2007	62
Ilustração 14	Tabela 03- Principais produtos goianos exportado em 2007	63
Ilustração 15	Gráfico 05- Os 10 maiores município produtores de gado do estado de Goiás em 2008, seguido do comparativo entre as Microrregiões de São Miguel do Araguaia e Sudoeste Goiano em relação à densidade da pecuária.	64
Ilustração 16	Gráfico 06- Produção de Grãos no Estado de Goiás, na Microrregião de São Miguel do Araguaia e Município de Crixás em 2008.	65
Ilustração 17	Gráfico 07- Produção mineral no Estado de Goiás, Microrregião de São Miguel do Araguaia e Município de Crixás em 2007	65

Ilustração 18	Gráfico 08- Arrecadação de ICMS no Estado de Goiás, Microrregião de São Miguel do Araguaia e Município de Crixás em 2008	66
Ilustração 19	Figura 01- Identificação do substrato espacial material da cidade de Crixás e do distrito Auriverde	68
Ilustração 20	Figura 02-Panorama do distrito de Auriverde	69
Ilustração 21	Mapa 07- Logística – principais fluxos da comunidade de Auriverde	71
Ilustração 22	Gráfico 09- Opinião pública apontando as dificuldades de morar em Auriverde	72
Ilustração 23	Gráfico 10- Cidades que mais participam do mercado interno de Crixás	73
Ilustração 24	Figura 03- Panorama da cidade de Crixás	75
Ilustração 25	Gráfico 11- Produção agrícola de Crixás em 2008	77
Ilustração 26	Gráfico 12- Ação do homem no Cerrado - 2007	79
Ilustração 27	Gráfico 13- Alerta de desmatamento no Cerrado – 2007	80
Ilustração 28	Gráfico 14- Estrutura agrária de Crixás e Nova Crixás em 1999	82
Ilustração 29	Tabela 04- Extensão territorial dos municípios pertencentes à Microrregião de São Miguel do Araguaia	83
Ilustração 30	Gráfico 15- Estrutura agrária de Crixás em 2005	84
Ilustração 31	Mapa 08- Principais municípios goianos produtores de ouro e sua comercialização em 2007	86
Ilustração 32	Figura 04- Fitofisionomias do Cerrado	88
Ilustração 33	Mapa 09- Distribuição do Cerrado pelas regiões brasileiras	89
Ilustração 34	Mapa 10- Localização da multinacional AngloGold Ashanti em operação	90
Ilustração 35	Gráfico 16- Contribuição produtiva da filial Serra Grande à multinacional AngloGold Ashanti	91
Ilustração 36	Figura 05- Imagens do ouro e do pequi	93

Ilustração 37	Figura 06- Alimentos derivados do pequi – encontrados no festival do pequi de 2009	94
Ilustração 38	Figura 07- Túneis de uma das minas da Serra Grande	95
Ilustração 39	Figura 08- Água e detritos sendo retirados da mina	96
Ilustração 40	Gráfico 17- Emprego formal por setor de atividades em Crixás, 2008	106
Ilustração 41	Tabela 05- Comparativo da população dos municípios da Microrregião de São Miguel do Araguaia em entre o ano de 2001 a 2009	107
Ilustração 42	Tabela 06- Número de empregos formais nos municípios da Microrregião de São Miguel do Araguaia entre 2000 a 2008	107
Ilustração 43	Tabela 07- Remuneração média dos empregos formais dos municípios da Microrregião de São Miguel do Araguaia em 2008	108
Ilustração 44	Tabela 08- Remuneração média dos empregos formais em setores de atividades nos municípios de Crixás em 2008	109
Ilustração 45	Tabela 09- Remuneração média dos empregos formais em setores de atividades no Estado de Goiás em 2008	110
Ilustração 46	Gráfico 18- Pib e renda per capita doas municípios da Microrregião de São Miguel do Araguaia entre 2002 a 2006	111
Ilustração 47	Gráfico 19- Comparativo do nº de automóveis dos municípios da Microrregião de São Mguel do Araguaia em 2008	112
Ilustração 48	Gráfico 20- População urbana rural do município de Crixás entre 1980 a 2007	114
Ilustração 49	Tabela 10- Comparativo da taxa de crescimento geométrico populacional dos município da Microrregião de São Miguel do Araguaia entre 1991 a 2008	117
	Tabela 11- Comparativo do repasse do ICMS(R\$mil) entre os municípios da Microrregião de São Miguel do Araguaia no ano de 2006 e 2008	117

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

DNPM – Departamento Nacional da Produção Mineral

FCO – Fundo Constitucional de Financiamento do Centro-Oeste

GO – Goiás

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ICMS – Imposto Sobre Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

Km – Quilômetros

MG – Minas Gerais

MTS – Ministério do Trabalho e Serviço

PO – Pura Origem

PIB – Produto Interno Bruto

S – Sul

S/A – Sociedade Anônima

SANEAGO – Saneamento de Goiás

SEE – Secretaria de Educação do Estado

SEFAZ – Secretaria do Estado da Fazenda.

SEPIN – Superintendência de Estatística, Pesquisa e Informação

UEG – Universidade Estadual de Goiás

UNB – Universidade de Brasília

W – Oeste

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO-----</b>	<b>16</b>
<b>2</b>	<b>DA CATEGORIA DE ANÁLISE PARA O OBJETO DE PESQUISA: O TERRITÓRIO DE CRIXÁS-GO-----</b>	<b>21</b>
2.1	Território: algumas considerações teóricas-----	23
2.2	A formação territorial de Crixás-GO-----	28
2.2.1	A fragmentação territorial de Crixás-GO-----	36
2.3	A divisão territorial do trabalho e a formação da estrutura econômica de Crixás-GO-----	43
2.4	A configuração territorial de Crixás-GO-----	48
<b>3</b>	<b>TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADES: A DINÂMICA TERRITORIAL DE CRIXÁS-GO-----</b>	<b>53</b>
3.1	Crixás-GO no contexto do Estado de Goiás-----	56
3.2	A relação entre cidade e distrito no município de Crixás-GO-----	67
3.3	Pequena agricultura e grande pecuária em Crixás-GO-----	76
3.4	Crixás-GO: a cidade do ouro e o campo de Cerrado-----	85
3.5	Os amarelos do Cerrado de Crixás-GO: qual é a cor da riqueza?-----	92
<b>4</b>	<b>CRIXÁS-GO: A ORGANIZAÇÃO ESPACIAL E SUA DINÂMICA DEMOGRÁFICA-----</b>	<b>98</b>
4.1	Sertanejo, tradição e transformação: um olhar geográfico da população de Crixás-GO-----	101
4.2	A relação de trabalho: novas formas e velhas funções em Crixás-GO-----	105

4.3	Movimentos e perspectivas do desenvolvimento socioeconômico para Crixás-GO	113
	<b>CONCLUSÃO</b> -----	<b>119</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> -----	<b>124</b>
	<b>APÊNDICES</b> -----	<b>129</b>

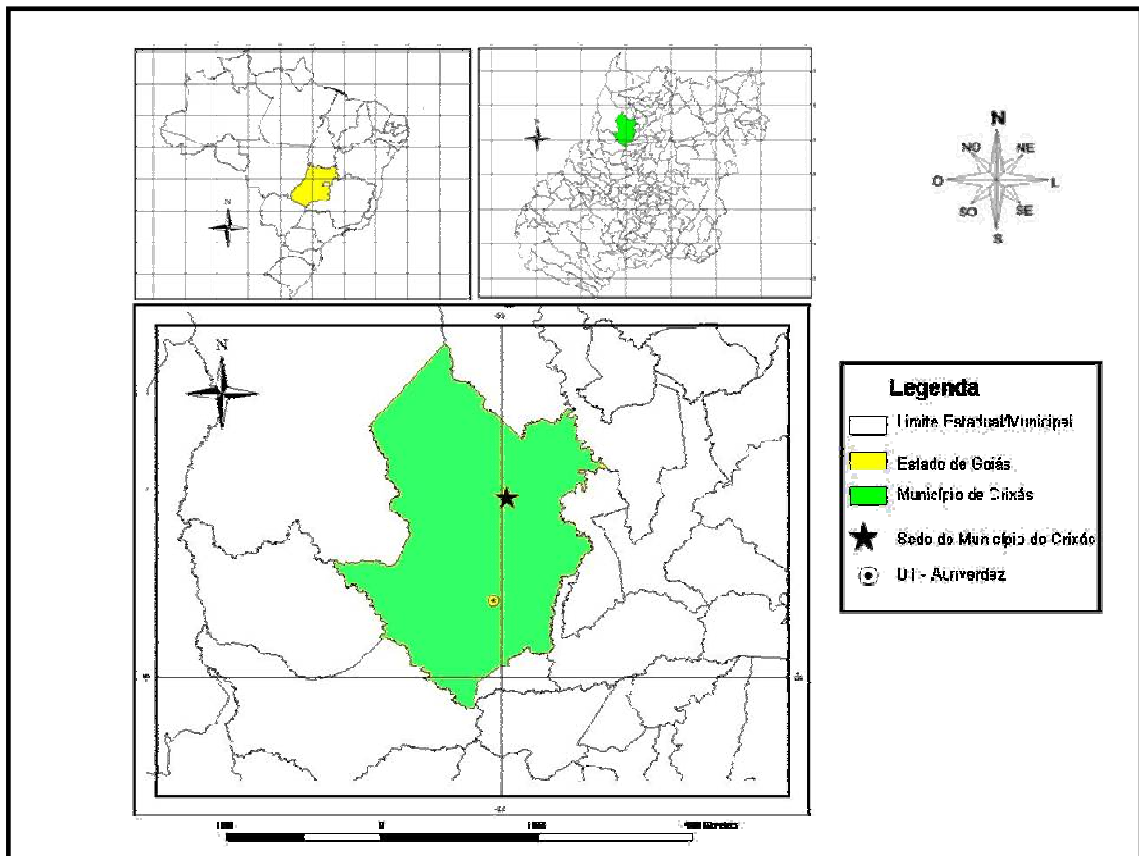
## 1 – INTRODUÇÃO

O que promoveu a execução desse trabalho, sem dúvida, foi a observação do município de Crixás e sua expressividade na exploração do ouro, fato que perpassa sob o entendimento do processo histórico, estudo que indicou os elementos constituintes da formação territorial denunciando seus conflitos e intransigências dos sujeitos que ali estabeleceram relações de poder.

A construção territorial de Goiás, desde o século XVIII, promovida pelas primeiras bandeiras, aproximadamente no ano 1720 em diante, precisamente comandadas por Bartolomeu Bueno da Silva Filho, não obedecia nenhum tipo de hierarquia ou delimitação, o que eliminava qualquer tipo de preconceito ou preferência pela área explorada e povoada. Simplesmente eram estabelecidas buscas incessantes de minas de ouro, o que caracterizava as chamadas “picadas”, arranjo esse que fazia e instalava as primeiras infra-estruturas no estado de Goiás. Os caminhos iam surgindo no meio do Cerrado. Caminhos que se propagaram para a formação de diversas cidades, entre elas a cidade de Crixás. A mineração do ouro é responsável pela territorialização por grande parte das terras de Goiás, movimento que sucedeu o município de Crixás, o qual carrega em sua economia os traços da sua origem.

A cidade de Crixás possui 3 (três) colégios estaduais, 4 (quatro) municipais, 2 (dois) particulares, 5 (cinco) cursos de nível superior (instalados na UEG), 3 (três) hospitais, emissora de rádio FM, 3 (três) agências bancárias, comércio variado, pequenas indústrias transformadoras, 2 (dois) laticínios, 1 (um) matadouro de gado, parque de exposições agropecuárias com leilões semanalmente, 1 (uma) indústria de fécula de mandioca com estimativa de 20.000 hectares (4.132.23 alqueires) de terras a serem plantadas, gerando mais de 3.000 empregos. Crixás-Go fica localizada na Mesorregião do Norte Goiano e Microrregião de São Miguel do Araguaia, com área territorial de 4.661 Km<sup>2</sup>. Dista 320 km de Goiânia, 354 Km de Brasília, 100 Km da BR-153 e 68 Km da Go-04, conhecida como estrada do Boi, cuja população é de 14.986 habitantes (SEPIN – Superintendência de Estatística, Pesquisa e Informação / SEPLAN, 2008). Veja logo em seguida o mapa 01 indicando sua localização.

## MAPA 01 – LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE CRIXÁS EM GOIÁS



Mapa 01 – Localização do Município de Crixás-Go

Fonte: Base de dados – IBGE

Elaboração: DIAS, Wagner Alceu.

A cidade de Crixás é localizada pelas coordenadas geográficas  $14^{\circ} 32' 56''$  S,  $49^{\circ} 58' 8''$  W, e desenvolve uma expressiva produção aurífera, considerada uma das maiores produtoras de Ouro do país, com destaque em escala nacional, que chega a lembrar os tempos da colonização. Isso se deve à Mineradora Serra Grande, controlada pelo **Grupo AngloGold Ashanti** em parceria com a **Kinross do Canadá**, instalada desde o ano de 1989, que explora ouro no município a 3 Km da Cidade. Acredita-se que a mineração em Crixás tenha um papel circunstancial para entender sua dinâmica territorial, uma vez que a história do município se faz pela prática de garimpos. Portanto, essa atividade econômica deve ser considerada ao abordar Crixás, assim como seus desdobramentos, sob os quais serão pautadas as formas e as funções derivadas dessa atividade.

Para o bosquejo da pretensa análise, se faz ímpeto a opção por algumas categorias de análise da geografia, das quais o território contribuiu com mais efervescência para a formulação de uma síntese das variações políticas, econômicas e culturais. Segundo Raffestin (1993), a cristalização do território se manifesta sob a influência das relações de poder,

contando que onde existe poder há resistência. É nessa perspectiva que se fez uma análise contextualizada com a realidade pesquisada.

Diante da configuração territorial instalada em Crixás, pode-se afirmar que sua modernização não ocorre pela superação ou reacomodação das atividades econômicas, mas por uma modificação estrutural da economia. Este detalhe enaltece uma reciprocidade quanto à sociedade, que também passa por um processo de transformação. A mineração e a pecuária são preservadas enquanto atividades econômicas, porém suas potencialidades produtivas são intensificadas por meio de novas relações e mecanismos de organizações impostas pela industrialização progressiva (SOUZA, 1999).

Nessa perspectiva, a análise da estrutura econômica fez-se a partir do Bioma Cerrado, que resguarda “amarelos naturais” contraditórios; o “amarelo do ouro” e o “amarelo do pequi”. Ambos amarelos com valores econômicos e culturais. Todavia, o ouro já não tem o “brilho da emancipação humana”. O processo de industrialização exercida pela mineradora Serra Grande insere sua produção no mercado global. Assim, o “brilho” do ouro é refletido na Europa, Japão e outros países, tendo ações negociadas nas bolsas de Joanesburgo, Nova Iorque, Austrália e Gana. Já o pequi perde sua abundância para as pastagens. Mesmo com o crescimento da pecuária em Crixás, acontece o “festival do pequi”, cujo objetivo é demonstrar a riqueza do Cerrado e sua importância para a cultura de seu povo. Para tanto, o município de Crixás possui sua estrutura econômica sustentada por contradições e conflitos territoriais, desde sua formação até sua atual configuração.

Após o exercício do reconhecimento do objeto de estudo proposto pelo presente trabalho, para que a proposta de compressão da dinâmica territorial de Crixás se confirme diante dos leitores, é fundamental a divisão de capítulos concomitantemente a uma subdivisão dos itens que acompanham cada um dos capítulos. Por fidelidade à metodologia proposta no trabalho, tem a necessidade de apresentar três capítulos, dos quais faz uma breve apresentação do que se trata em cada um deles, explicitando seus enfoques centrais, explanação que não substitui a leitura do trabalho para uma compreensão mais aprofundada.

A presente pesquisa foi construída sobre um rigor seqüencial, que obedece as seguintes etapas: levantamento bibliográfico. Esta fase foi realizada durante todo o período da pesquisa. Buscas sucessivas de dados oficiais referentes à infra-estrutura, bens, serviços e produtos no município de Crixás-Go, junto a órgãos públicos do Estado de Goiás e sites que hospedam dados e estatísticas. Realização de um levantamento de documentos e publicações relativa ao desenvolvimento econômico do município de Crixás-GO. Foi elaborado e aplicado questionários em trabalhos de campo, que ao todo somam 05 (cinco). Um momento

fundamental para a consolidação dos objetivos da pesquisa foi o exame de qualificação, havendo circunstanciais contribuições dos Professores Drs. Eguimar e Dimas. E por fim a execução da fase da redação da dissertação, da qual as fases anteriores foram primordiais na estruturação do texto final. Acompanhado a todas as etapas houve a realização de 4 (quatro) disciplinas oferecidas pelo corpo discente do IESA/UFG, indicadas pelo Professor Dr. Calaça, orientador que sempre se fez presente nas dificuldades.

O primeiro capítulo se manterem uma discussão teórica do território, cuja categoria de análise será uma das premissas na abordagem da complexa realidade instalada no município de Crixás, visto que o processo de formação territorial de Crixás é marcado pela fragmentação advinda de várias emancipações emergidas durante os tempos. Pois, municípios vizinhos, hoje emancipados, já pertenceram ao município de Crixás, o qual foi um dos maiores de Goiás. Porém, a categoria território será utilizada como uma construção intelectual para fins de análise do objeto de estudo, nesse caso Crixás, em função da capacidade de abarcar elementos culturais, econômicos e políticos. As prerrogativas de uso da categoria território estão sob conduta das diversidades de relações emergidas da globalização e fragmentação, processo este que tem como reflexos respectivos a generalização e particularização. Tal consequência não deve ser observada de maneira isolada, pois ambas se justapõem promovendo múltiplas territorialidades. Evidentemente, sob tais circunstâncias, a partir do território pode-se fazer uma leitura da realidade sem perdas significativas à compreensão da complexa realidade.

Posterior à discussão de território enquanto conceito, desenvolve-se uma discussão do território enquanto instrumento de análise, com o objetivo de identificar as territorialidades do município de Crixás. Dessa forma, Crixás se apresenta não somente como objeto, mas denuncia sua forma. Isso é de grande importância para identificar as especificidades de Crixás oriundas dos conflitos da ação do poder, tanto local como global. Essa fase do trabalho é concentrada no segundo capítulo, o qual terá como objetivo realçar as disputas dos atores hegemônicos pautados no viés econômico. Para isso, deve-se entender Crixás e seus pilares econômicos no contexto local e global, não abdicando do materialismo histórico, pois será nessa perspectiva que aparecerá a dinâmica territorial.

Na seqüência dos capítulos, ao terceiro pertence uma explanação da dinâmica territorial de Crixás, observando aspectos demográficos dos quais pretende-se chegar ao entendimento da organização espacial. Será nessa etapa que o município de Crixás se mostrará como um reflexo das relações de produção e reprodução do capital diante da correlação entre as forças políticas, econômicas e culturais.

O desfecho do trabalho procede conectado a uma proposta metodológica capaz de fazer uma leitura do município de Crixás, que não abdique aspectos naturais e sociais como unidade. As circunstâncias da metodologia da pesquisa requerem a primazia do estudo agrário e regional, perfazendo análises comparativas históricas e contemporâneas. Para sustentar a presente pesquisa, adotaremos a linha teórica baseada no materialismo histórico dialético, com objetivo de contemplar a totalização da dinâmica territorial do município de Crixás-Go, para mediar nossa compreensão do seu papel econômico no contexto goiano.

A dialética não dá “boa consciência” a ninguém. Sua função não é tornar determinadas pessoas plenamente satisfeitas com elas mesmas. O método dialético nos incita a revermos o passado à luz do que está acontecendo no presente; ele questiona o presente em nome do futuro, o que está sendo em nome do que “ainda não é” (KONDER, 1993, p. 84).

Diante da citação fica indispensável salientar que o método dialético possui um espírito crítico e autocrítico, que contempla as variáveis históricas, ou seja, os elementos que contribuíram na construção de determinada realidade enunciando a maneira que a mesma se manifestará no futuro. Neste propósito, é possível ter uma visão mais ampla e aprofundada da atual situação do objeto de estudo “Crixás”. Explicar algo de cabeça para baixo, ou seja, explicar o que é, a partir daquilo que não é.

Acredita-se que o caminho a ser percorrido constroem princípios autênticos capazes de proferir uma ciência geográfica moralmente conceituada, certo que toda e qualquer análise deva ser compelida de seriedade e compromisso, na tentativa de exaltar resultados com alto grau de valores humanos. Espera-se que a ética profissional desse trabalho científico possa representar a emancipação humana, e que esta pesquisa seja uma parcela significativa da compreensão da realidade, do Crixense exprimindo satisfação para com a ciência geográfica.

## **2 – DA CATEGORIA DE ANÁLISE PARA O OBJETO DE PESQUISA – O TERRITÓRIO DE CRIXÁS-GO**

Com o objetivo de fazer uma pesquisa relevante à realidade do Município de Crixás, sob o título “No obscuro do ouro, o brilho do Cerrado: a dinâmica territorial do município de Crixás-Go”, será de crucial necessidade estabelecer um método cujas categorias de análise da geografia sejam eficazes para o propósito deste trabalho. Com este intuito, optamos em trabalhar com a categoria território, a qual se apresenta como uma unidade regida por organizações estabelecidas por diferentes poderes, o que pressupõe constantes conflitos.

A pretensa análise, a partir da categoria território, não nos implicará na exploração de outras categorias, pois paisagem e espaço também farão parte da conjuntura da presente pesquisa, uma vez que apenas e somente uma categoria de análise não há de condicionar um trabalho que ostente qualidade.

Acreditamos que a categoria território possui diferentes vertentes para abordar o objeto de estudo, nesse caso, Crixás. De acordo com Haesbaert (1997), existem três vertentes – jurídico-político, cultural e econômico – as quais pretendemos explorá-las simultaneamente, com a intenção de sustentar os dados empíricos coletados no decorrer da pesquisa. A primeira vertente se caracteriza como um espaço delimitado e controlado por um poder especialmente de caráter Estatal. A segunda prioriza a dimensão simbólica arraigadas à subjetividade, partindo do princípio da apropriação e gestão de uma determinada área, o que acaba por imprimir particularidades de grupos sociais. A terceira vertente se emprega sob a perspectiva da territorialização e desterritorialização, fato que nos oferece possibilidade de compreensão dos conflitos sociais à luz da relação do capital versus trabalho; sendo eminentemente uma circunstância econômica.

Candiotto e Santos (2009, p.323) também fazem suas considerações, destacando a importância da categoria território.

Compreender o conceito de território, conforme já mencionado, é fundamental quando se pretende analisar, a partir de uma base geográfica, os processos sociais e seus diferentes ritmos e implicações territoriais. Nesse sentido, além da possibilidade de uma análise que busca integrar a dimensão econômica, política, cultural e a natural, a abordagem territorial pode contribuir também para se planejar e gerir o desenvolvimento, a partir de uma perspectiva participativa, para viabilizar práticas sociais mais democráticas, solidárias e transparentes de gestão territorial.

A dimensão que a categoria território consegue abarcar possibilita uma vantagem para o pesquisador, uma vez que a formação do município de Crixás decorre da integração do tempo, espaço e sociedade. Portanto, o objeto de pesquisa tem suas dimensões embutidas sobre sua própria formação. As diversas concepções territoriais devem ser compreendidas sob o olhar do objeto, visto que as pesquisas empíricas por si só não dizem muito. Nestas circunstâncias, é preciso que o pesquisador tenha um bom conhecimento teórico-metodológico para personificar o conceito sobre a realidade do objeto pesquisado.

Os conceitos se relacionam diretamente com o objeto, ganhando sentidos diversos; isto porque o objeto possui uma relação com o pesquisador, que se apresenta em perfil singular, embora os referenciais teóricos sejam os pilares da observação do objeto. Mesmo assim, a singularidade aparece em virtude dessa relação do objeto e do pesquisador, pois a visão e denominação que o segundo faz em relação ao primeiro sempre será carregada de subjetividades condicionadas por interesses.

Conforme a colocação de Sahr e Sahr (2009, p.143) a respeito do empírico e teórico: “Cada reflexão teórica está condicionada a uma situação histórica. Neste sentido, a teoria não é só uma reflexão abstrata, mas também uma expressão da práxis. Práxis esta vista sob dois ângulos: um o do pesquisador e um que envolve o pesquisado.”

Evidentemente, o conceito sobre o objeto constrói uma reflexão que, todavia, se apresenta no contexto e nas tendências do pensamento do pesquisador. O que será escrito a partir da análise do objeto, embasado em teorias, será a tradução da realidade perpassando por um filtro seletivo hierárquico governado pelo autor, que é exatamente o pesquisador.

Apresentar o território de Crixás nos obriga a entender as diversas considerações da categoria. Também deveremos seguir a rigor os ritos da pesquisa na intenção de construir um trabalho de qualidade que possa servir de referência aos que, futuramente, pretendem fazer outras pesquisas sobre outros contextos. Para isso, no próximo item, trataremos de esboçar, com mais envergadura, a dimensão da categoria de análise, em particular do território e seus elementos investigativos.

## ***2.1 – Território: algumas considerações teóricas***

Toda ciência possui algum conceito-chave do qual é utilizado para fazer análises do objeto que se pretende estudar. A Geografia não é diferente. É detentora de cinco categorias de análise, dentre as quais o território se apresenta como uma delas. Espaço, região, lugar e paisagem são as outras quatro categorias.

Durante a história do pensamento geográfico, as categorias tomam sentidos e prioridades distintas, pois o contexto dos tempos aos poucos vai direcionando o aperfeiçoamento da análise geográfica, construindo sua identidade a partir de sua autonomia de uso das categorias, encontrando o melhor ângulo para analisar a sociedade.

No início da geografia tradicional, entre 1870 e 1950, quando passa a ser uma disciplina institucionalizada, os geógrafos da época possuíram fortes apreços pelas categorias lugar e região, o que não impediu alguns estudiosos de utilizarem outras categorias.

La Blache segue e difunde a geografia tradicional utilizando a região e o lugar. Enquanto isso, Ratzel pensa o espaço permeado pela política, acreditando que a junção de espaço concebido como indispensável para a vida do homem, juntamente com as políticas introduzidas pelas relações de produção, sejam elementos circunstanciais para tratar do conceito-chave território.

Eliséé Reclus também merece atenção, pois seus esforços se concentraram na compreensão das relações das classes sociais, a partir do espaço ocupado e dominado. Sua contribuição é ajustada mais adiante por Santos (2007a), que traz uma nova concepção à categoria, afirmando que: “O território em si não é uma categoria de análise em disciplina histórica, como a geografia. É o território usado que é uma categoria de análise.”

Na década de 1950 até 1970, a geografia passa por profundas mudanças paradigmáticas, deixando de ser tradicional para ser teórica-quantitativa. A partir de então, a categoria de análise que ganha privilégio é a do espaço. O mundo inteiro começa a fazer análises e discutir o espaço, mesmo numa visão limitada, onde seu uso é indiscriminadamente usado.

Portanto, Henri Lefébvre revoluciona o conceito de espaço, considerando a sociedade como elemento essencial para sua existência. Logo em seguida, Milton Santos triunfa com o conceito de formação sócio-espacial. Porém, a categoria espaço, principalmente desde a década de 70 até meados de 2000, era intensamente empregada, na qual também eram utilizadas as categorias região e lugar com menos expressividade. Mas de 2000 até o ano

presente, (2009), as abordagens territoriais cresceram vertiginosamente. Cresce a popularidade da categoria território em razão das recentes transformações do mundo. As mudanças ocorridas nos meios de produção, comunicação e transporte alteraram profundamente a vida das pessoas. As distâncias geográficas já não são contabilizadas. A globalização faz o mundo diminuir, enquanto que a exclusão aumenta. As recentes mudanças que a sociedade sofre é a principal razão pela qual a geografia busca alterar seu ângulo de análise. Dessa forma, o território merece algumas considerações teóricas, para melhor compreender sua evolução ao longo do pensamento geográfico.

Desde o século XV já se falava em território. Jean Gottmann mencionava o território ligado a política, o qual era tratado como compartimentação, existindo duas funções, uma que servia de abrigo para oferecer segurança, e outro como trampolim proporcionando oportunidade.

No século XVI, XVII e XVIII a ideia de território foi apreendida sob o pensamento de Machiavelli, denominando o território como algo estritamente do Estado, enunciando a apropriação proporcionada por um poder em virtude da dominação. No século posterior, meados do século XIX, adiciona-se as contribuições de Ratzel, já mencionado no início deste item. Sua concepção se baseia em métodos naturalistas, contudo, além de relacionar o território ao poder do Estado de controlar, indicando a importância dos recursos naturais como solo, água e clima, para o fortalecimento do Estado, foi o primeiro a avançar os estudos e aproximar sua análise integrando a cultura e a economia. Tentativa essa que não teve êxito, mas que deu um impulso para outros geógrafos pensarem e aprimorarem essa ideia.

Claude Raffestin, esse é o nome que merece contundência quando falamos em território. Sem dúvida foi e continua sendo um grande intelectual que aprimorou a categoria, diferenciando-a do espaço. Em sua obra que o consagrou e revolucionou a categoria território, ele relata que:

É essencial compreender bem que o espaço é anterior ao território. O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator “territorializa” o espaço. [...] O território, nessa perspectiva, é um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por consequência, revela relações marcadas pelo poder. O espaço é a “prisão original”, o território é a prisão que os homens constroem para si (RAFFESTIN, 1993, p.143-144).

Seus argumentos em distinguir o espaço do território proporcionam à categoria uma importante definição, não no sentido teórico, mas no uso metodológico. Ao distinguir o território do espaço ele menciona elementos investigativos para se chegar à unidade territorial, capaz de identificar as práticas eclodidas por um dado território.

Raffestin (1993) ainda pontua que a produção do território é constituída pelo entrelaçamento de dois campos, o das relações sociais e o das relações de poder. Dessa forma acontece a cristalização do território, feito que envolve a ação humana, propriamente o trabalho como aplicação de energia e conhecimento.

O território hoje, enquanto categoria, é bastante usado pelos geógrafos. Portanto, há de encontrar vários conceitos que vão de encontro com o cerne da questão, ocorridos pela delimitação das ações humanas efetuadas por diferentes tipos de poderes, o que vislumbra certa organização. Alguns se enveredam mais pela abordagem cultural, outros destacam os aspectos políticos e econômicos. Citaremos alguns dos autores que estudam a categoria, indicando os perigos e polêmicas de seu conceito.

Em 1988 Marcelo Lopes de Souza, em um artigo com o título “Uma objeção (crítica aos prestigiamentos pseudocríticos do espaço social)”, faz afirmações que causam alvoroço entre os grandes estudiosos da geografia. Na respectiva década, como já foi mencionado, o espaço era concebido como conceito-chave para análise geográfica. Essa negação do espaço como conceito repercute principalmente entre os geógrafos norte-americanos que tanto utilizavam a categoria. Suas ideias não chegaram a ser revolucionárias em circunstância das críticas exalada em seu artigo, pela ausência de sustentações ou propostas de um eixo epistemológico convincente (SAHR e SAHR, 2009).

Somente depois de quase uma década, em 1995, Marcelo Lopes de Souza publica o texto “O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento” que exalta o território em seu conceito, e novamente é alvo de críticas. Porém, em uma recente publicação de 2009, com o título “Território’ da divergência (e da confusão): em torno das imprecisas fronteiras de um conceito fundamental”, ele explica e esclarece os equívocos cometidos pelos críticos leitores.

Essas foram algumas das polêmicas que surgiram mediante a quem se arriscasse escrever algo que inovasse as análises geográficas, pois substituir o espaço como conceito-chave era mudar a vertente do olhar do pesquisador frente ao objeto de pesquisa. Portanto, mesmo com as excessivas utilizações da categoria território, deve-se ter o cuidado para não confundir território como uma mera parcela ou pedaço de solo. Sua dimensão pode abarcar tanto os aspectos materiais quanto imateriais. É exatamente como Saquet (2009, p. 90) refere:

O território é produto social e condição. A territorialidade também significa condição e resultado da territorialização. O território é o conteúdo das formas e relações materiais e imateriais, do movimento, e significa apropriação e dominação, também material e imaterial, em manchas e redes. A territorialidade corresponde ao poder exercido e extrapola as relações políticas envolvendo as relações econômicas e culturais, indivíduos e grupos, redes e lugares de controle, mesmo que seja temporário, do e no espaço geográfico com suas edificações e relações. A territorialidade efetiva-se em todas as nossas relações cotidianas, ou melhor, ela corresponde às nossas relações sociais cotidianas em tramas, no trabalho, na família, na rua, na praça, na igreja, no trem, na rodoviária, enfim, na cidade-urbano, no rural-agrário e nas relações urbano-rurais de maneira múltipla e híbrida.

O emaranhado de territorialidades, emergidos num só território, é denominado por Raffestin (1993) como tessituras, ocorrendo em função do entrelaçamento das relações de poderes que rotineiramente envolvem a vida do cidadão, sem mesmo que ele perceba. Já lembrava Souza (1995) que em toda relação há de existir poder. Admiti-se, então, que a territorialidade não é o mesmo que território. Dessa forma, as territorialidades acabam por fortalecer ou enfraquecer os grupos sociais, pois no jogo de poder sempre vai existir o dominante e os dominados. Mesmo diante dessa realidade, para ambos, respectivamente, sua afinidade para com a territorialidade está diretamente associado à subjetividade de manter relações com outros elementos da vida social; o que não é mensurável (ALMEIDA, 2009).

Vale ressaltar que, entre os diferentes interesses de grupos sociais, seja político, econômico ou cultural, há a existência de forças que acabam por privilegiar algum seguimento social. A força de que falamos pode ser exercida pelo poder de persuasão ou de coerção. Os dois termos utilizados por Raffestin (1993) nem sempre se apresentam como tal para a sociedade, justificando nossa afirmação de que a sociedade contemporânea pode estar na posição de réu ou vítima de um processo de alienação, ainda que se apresente como sujeito da formação dos territórios. Não importa sua condição no processo de formação territorial, dominante ou dominado, é um par dialético, do qual ambos se afirmam e se complementam, situação óbvia e irrefutável.

No intuito de aguçar a discussão em torno da formação do território, Candiotto e Santos (2009, p.324) fazem considerações importantes sobre a função dos diferentes grupos sociais:

A constituição de territórios pela sociedade, depende das intencionalidades e do poder de organização dos diferentes grupos sociais. Trata-se de relações de poder nos quais os interesses dos grupos mais fortes (política, econômica ou culturalmente) tendem a predominar.

Assim, a organização é um elemento fundamental para gerir o território e seus conflitos. Do contrário, o que se impõe é o domínio territorial de forma unilateral, em que apesar das diferentes territorialidades existentes, o grupo que representa a força dominante determina as feições territoriais. Ou seja, concomitantemente, à segregação socioeconômica são impostas as segregações territoriais, que conformam no mesmo espaço, territórios distintos e por vezes antagônicos. Todavia, é mister lembrarmos que as relações de poder e, portanto os territórios, não são imutáveis.

Essas são algumas das razões objetivas do cotidiano. Agimos frequentemente sob influência de uma ideologia societária que elege a conveniência, ação que transgride aos interesses individuais ou coletivos.

Em toda a sociedade nacional há grupos e classes sociais que, devido às suas características, como idade, gênero, escolaridade, renda, profissão, ocupação, local de moradia, religião, etc., possuem interesses diferentes e muitas vezes conflitantes. Por exemplo, no meio urbano os moradores reagem à presença de poluidores do ar, como uma fábrica, ou poluidores sonoros, como clubes ou igrejas. As fábricas poluem porque querem produzir para vender e lucrar, as igrejas colocam alto-falantes para propagar sua fé, os jovens gostam de frequentar bailes com músicas em alto decibéis. Os moradores, por sua vez, querem emprego, ar limpo e silêncio (CASTRO 2005, p. 40).

Desse modo, obviamente, sempre estamos submetidos a algum tipo de relação de poder, cuja prática desencadeia na formação de uma territorialidade que, por sua vez, representa as diversas maneiras de uso dos territórios.

Entretanto, depois dos diversos exemplos do conceito de território já é possível ter a compreensão da necessidade de usufruí-lo como instrumento de análise de pesquisa, observando a sua capacidade dimensional das relações sociais. Fato esse que Santos et al. (2006, p. 15) ponderam brilhantemente:

É o uso do território, e não o território em si mesmo, que faz dele objeto da análise social. Trata-se de uma forma impura, um híbrido, uma noção que, por isso mesmo, carece de constante revisão histórica. O que ele tem de permanente é ser nosso quadro de vida. Seu entendimento é, pois, fundamental para afastar o risco de alienação, o risco de perda do sentido da existência individual ou coletiva, o risco de renúncia ao futuro.

Nessas condições, fica evidente que seu uso deve ser cauteloso. Para a adequação do território como categoria de análise, se faz crucial a compreensão e distinção do território de outras categorias, na premissa de identificar os elementos fundamentais da sua formação.

Para isso, não existe exatamente uma fórmula feita e acabada, podendo ser apropriada por diversos pesquisadores. É necessário que o pesquisador planeje e determine quais os elementos a serem abordados para a compreensão do território, não descartando as novidades que o objeto de estudo possa revelar. Ciente de que toda pesquisa é prescindida por um problema, o objetivo geral formulado mediante a problematização é que vai se responsabilizar por indicar os caminhos que o pesquisador deve percorrer. Portanto, existem quesitos que são generalizados, elementos que não devem ser diferenciados pelas pesquisas. É o que Saquet (2009, p. 73-74) propõe:

Nessa concepção, alguns processos são centrais: a) a relação espaço-tempo como movimento condicionante e inerente à formação de cada território através das processualidades histórica e relacional (transescalar, com redes e fluxos); b) a relação idéia-matéria, também como movimento e unidade; c) a heterogeneidade correlata e em unidade com os traços comuns e, d) a síntese dialética do homem como ser social (indivíduo) e natural ao mesmo tempo.

Os quatros processos mencionados serão circunstanciais para atender à proposta de compreender a dinâmica territorial do município de Crixás. Esta pesquisa deve demonstrar a real condição de Crixás. Isso é que torna o território uma categoria de análise autêntica e protegida contra qualquer tipo de subjetividade que possa alterar a realidade.

## ***2.2 – A formação territorial de Crixás-GO: uso e conflito***

Embora o Estado de Goiás manifeste uma miscelânea de territorialidades econômicas, sua estrutura foi se afirmando através dos primeiros arraiais que, a partir de então, desenvolveram-se gradativamente, caracterizados por fases econômicas, desde a mineração, que perpassa pela pecuária, agricultura e desemboca no agronegócio, o qual administra todas as fases e setores, de maneira a compor a produtividade econômica de Goiás como destaque no cenário nacional e internacional, assim como mostra o gráfico 01.

### A PARTICIPAÇÃO DO AGRONEGÓCIO NAS EXPORTAÇÕES DE GOIÁS DEZEMBRO/2007

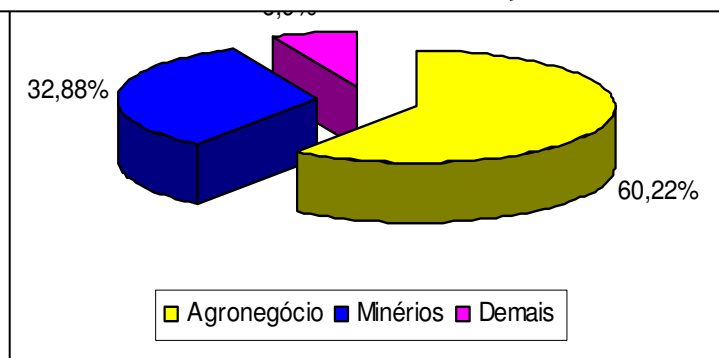


Gráfico 01 – Participação de Goiás nas exportações de Goiás – dezembro – 2007.  
 Dados extraídos da Superintendência Federal da Agricultura  
 Disponível em: <http://www.e.gov.br/> Acesso em: 03/04/2009  
 Org. Dias, Wagner Alceu.

Os municípios goianos não entraram no mesmo rol quanto a sua origem de formação. Basta uma análise histórica, especialmente no século XVIII, desde as bandeiras até os dias atuais. Primeiro, deve-se conceber os arraiais que foram constituídos pela exploração do ouro, fato que desencadeou várias cidades como a Cidade de Goiás, Pirenópolis, Traíras, Pilar e Crixás. Palacin (1975). Em seguida, com a decadência das jazidas superficiais, houve a acomodação da pecuária, acarretando na formação de novos povoados como, por exemplo, os municípios de Itaberaí e Anápolis. Mas a expansão do povoamento não para por aí, pois Goiás ganha vários municípios com a introdução da estrada de ferro que teve papel expressivo na formação de municípios como Itumbiara, Mineiros, Anicuns, Trindade entre outros.

A história de Crixás remonta as primeiras lavras de ouro em Goiás. Segundo Galli (2005), Domingos Rodrigues do Prado foi o “descobridor” de Crixás no ano de 1734, tendo como fundador Manuel Rodrigues Tomaz. Feito a consideração, percebe-se que o Município de Crixás constitui-se uns dos mais velhos, enquanto unidade territorial do Estado de Goiás.

Atrás do binômio repetem-se as incursões. Ganha maior fama quem inaugura chão, como Domingo Rodrigues do Prado o faz no caso de Crixás, em 1734. Sem estradas nem caminhos, tendo-se de picar mato e romperem-se aberturas, o gasto de tempo e sobra de perigos passam a costume e tolerância. De pista, servem-se os bandeirantes só de pálidos indicadores: uma tapera aqui, um morro ali, um curso d’água acolá – revelações dos que vieram antes (ASMAR, 1988, p.17).

Para dar início no desenrolar da formação territorial de Crixás, vamos relacionar ao enunciado um poema que traceja uma história sobreposta por outra, que descreve a chegada dos bandeirantes na aldeia dos índios Kirirás. Oliveira (2001, p.38) escreve num

ritmo agradável, da qual as palavras parecem ganhar vida trazendo o passado às lembranças do presente. Em seu argumento afirma:

E ... poucos sabiam;  
que aqui viviam  
eram os nativos  
Os Kirirás  
que:

gordos, sadios, vadios,  
quase nus,  
comendo as caças,  
do rio os peixes,  
do mato os frutos;  
tirando raízes,  
fazendo remédios;  
fazendo feitiços,  
adorando o Sol,  
adorando a Lua,  
seguindo o Pajé,  
o chefe da tribo;  
dormindo na esteira,  
formando fileiras,  
fazendo o tacape,  
fazendo os seus arcos,  
fazendo suas flechas,  
quebrando cocos,  
tirando o óleo;  
do Urucum tirando a tinta  
pra se enfeitar,  
das aves as penas,  
para se vestir  
pra se cobrir!...

Inocentes coitados  
viviam felizes,  
nem imaginavam  
que uma nova história  
estava por vir!

Era o ciclo do ouro,  
A febre do ouro,  
Essa cor amarela,  
Esse metal precioso,  
De tanto valor...

Eram os Bandeirantes  
que vinham chegando,  
se embrenhando  
e desbravando,  
com muita fé...

Na época das bandeiras, no século XVIII, precisamente comandadas por Bartolomeu Bueno da Silva Filho, iniciou a territorialização das terras goianas. Eram estabelecidas buscas incessantes de jazidas de ouro, no qual o objetivo de encontrar o mineral precioso não correspondia nenhum rigor logístico, o que eliminava qualquer tipo de preconceito ou preferência por área explorada e povoada.

A mineração do ouro é responsável pela territorialização de grande parte das terras de Goiás, movimento que sucedeu no município de Crixás e que ainda carrega em sua economia os traços da sua origem.

O nome Crixás não foi um nome colocado pelo “descobridor” nem pelo seu fundador, foi em homenagem aos indígenas que viviam naquela região. Antes da chegada dos bandeirantes, as terras que hoje são conhecidas como o município de Crixás já eram constituídas como território. Território dos indígenas, pelos Kuruxás e Kirirás. Lima (2007) descreve a ocorrência de 19 (dezenove) ranchos que acumulavam cerca de 600 (seiscentos) indígenas. Portanto, podemos constatar a existência de um território, cuja ordem conceitual se expressa pela ideia de domínio, organização e gestão de uma determinada área (ANDRADE, 2006). Isso mostra que a territorialização dos bandeirantes é antecedida da desterritorialização dos índios Kuruxás e Kirirás, processo que ocasionou muitos conflitos. Os indígenas foram submetidos ao trabalho forçado, as mulheres abusadas sexualmente. Acrescenta-se ainda que vários índios foram mortos por resistência à escravidão. Há relatos que existam índios dessa aldeia em alguns pontos do Triângulo Mineiro, nas proximidades dos Rios São Marcos, Parati e Urucuaia. Numa outra escala, mas que pode ser perfeitamente aplicada ao fato, Andrade (2006, p.214-215) pontua que:

Os indígenas, por exemplo, tomaram conhecimento do processo de espoliação econômica e de desaculturação a que estavam sendo submetidos... Dessa convergência espacial dos contrários, surgia a reação a gestão central à desterritorialidade e à integração com a formação de novas territorialidades, novas formas de concepção de uso e do processo de domínio do território. Concepções que têm fundamentação de caráter econômico, mas que têm também uma forte conotação antropológica e social.

No bosquejo da formação territorial de Crixás, circunscreve o conflito de reterritorialização e desterritorialização, cuja essência está estruturada na ação dos atores sociais de controle. Logo, esse entendimento perpassa por uma territorialidade passiva, assim concebida por Dematteis (2006). Para o autor, a territorialidade passiva pode, com maior

frequência, ser concebida como negativa. Essa territorialidade é verificada na formação territorial de Crixás.

Os conflitos gerados entre indígenas e bandeirantes, de certa forma, provocaram transformações no ambiente, que antes era organizado sob uma cultura mais arraigada à simbologia natural, bem diferente da que adentrava, pelos dos bandeirantes. Nesse processo, segundo Medeiros (2009), os indígenas ao se desapropriarem de suas fronteiras também perderam seus valores culturais exalado à natureza. Portanto, esse processo de desaculturação pode ser considerado como desterritorialização. Concomitantemente, a introdução de uma nova organização dos elementos que constituem o espaço se caracteriza como uma reterritorialização, neste caso específico, produzida pela chegada dos bandeirantes em busca do ouro, fenômeno que Nicolas (2006, p. 85) profere:

Assim, cada apropriação do espaço implica uma nova atribuição de coerência, de uma nova lógica que adquire conteúdo com um dever social específico, no qual se tecem o individual e o coletivo. Transforma-se o espaço ao se transformar a sociedade, e em cada uma dessas transformações está envolvido a uma atribuição de uma temporalidade particular que é a que vive a sociedade particular num dado momento.

A partir da citação de Nicolas, fica fácil compreender a sintetização de Saquet (2009, p. 81) que esclarece, teoricamente, os indícios da formação de territórios:

As mudanças sociais, por exemplo, tem ritmos diversos e resultam do modo de viver e produzir, tanto econômica como política e culturalmente. O território é considerado produto histórico de mudanças e permanências ocorridas num ambiente no qual se desenvolve uma sociedade. Território significa apropriação social do ambiente; ambiente construído, com múltiplas variáveis e relações recíprocas.

O homem age no espaço (natural e social) de seu habitat, produzir, viver, objetiva e subjetivamente. O território é um espaço natural, social, historicamente organizado e produzido; a paisagem é o nível visível e percebido deste processo.

O controle dos bandeirantes sobre a área, até então indígena, é exercido pela prática de coerção, utilizado por meio da força, usando estratégias de controle que exclui sujeitos e recursos. Dessa forma, fica claro que o território de Crixás foi estabelecido sobre uma relação de interesses estritamente econômicos.

Passado esta fase de territorialização passiva, cujas estruturas se manifestavam por via econômica, ocorreram diversas transformações proporcionadas pelas próprias relações de produção. A exploração do ouro se materializa pela formação do arraial que, conseqüentemente, vai construindo as paisagens. Paisagens que carregam sentidos diversos,

na sua leitura por parte dos habitantes de Crixás, corroborando na formação de territorialidade, constituída por relações abstratas entre um grupo de indivíduos. É nesse momento que o território passa a ter sua dinâmica autodefinidora regida por relações de produção e de sentimentos adjacentes, como a confraternização e a solidariedade. “A formação de um território dá às pessoas que nele habitam a consciência de sua participação, provocando o sentimento da territorialidade que, de forma subjetiva, cria uma consciência de confraternização entre as mesmas” (ANDRADE, 2006, p.214).

A partir daí, Crixás torna um loco de vida. A extensão territorial juntamente com a imaginação de seus habitantes vão dar vida ao lugar, passando, assim, a ser chamada como arraial, posteriormente cidade de Crixás. Desde então, quando o território de Crixás foi tomado pelos bandeirantes, sua dinâmica foi transformada. Além dos indígenas que ali foram escravizados, o negro também fazia composição do quadro de diversidade da comunidade.

A formação territorial de Crixás é condicionada pelas práticas da garimpagem, que aos poucos fora formando seu povoado, onde se mesclavam negros, brancos e amarelos. É como Asmar (1988, p.32) afirma:

Amarelo, do ouro, Preto, do escravo. E branco, do senhor que, explorando ouro e escravo, nem por isso deixa de ser explorado pelo Poder da Coroa, que se reserva o direito de não se deixar explorar por ninguém – de baixo. No alvorecer da vida goiana, o Poder se antecipava a qualquer procedimento político-econômico-social. A Coroa se serve de prepostos sem autonomia num organograma administrativo que irradia autoridade e arbítrio através de todos os caminhos. O bandeirante não se isenta da licença para descobrir minas e prear índios. Cartas Régias emitem normas e mercês mas, também, ressalva seu império.

Diante de raça, etnia e cor existia uma hierarquia quanto à soberania. O amarelo do ouro era o objeto que condicionava toda a população, mantendo uma ordem de organização e sobrevivência. Os negros eram escravos que vieram do continente africano, cuja função se pautava na cristalização do trabalho. A diferença do ouro para o negro é que o negro era menos valorizado, pois ambos eram visto como valor de troca. Os homens brancos eram os bandeirantes, que muitas vezes eram portugueses nomeados pela Coroa.

Na tríade das cores eclodia uma dinâmica espantosa, pois o objetivo maior era extrair ouro das jazidas, não importando os custos. Com técnicas bem inferiores às de hoje, mas com pujança de transformação relevante para a época, a principal atividade econômica era a mineração. Assim, o arraial, que posteriormente iria ser denominado por Crixás, fazia-se desenvolver. A mineração era uma atividade depredatória das margens dos rios, uma vez que

o ouro era de aluvião. Essa atividade, mais tarde, lhe causaria quase que por completo a extinção da própria comunidade, assunto que trataremos mais adiante.

Em se tratando do arraial, suas base e estrutura foram constituídas pela prática da mineração, organizada primeiramente pelos bandeirantes, sempre em semelhança com a Província goiana. Asmar (1988, p. 42), em uma entrevista, afirma exatamente o que foi proferido:

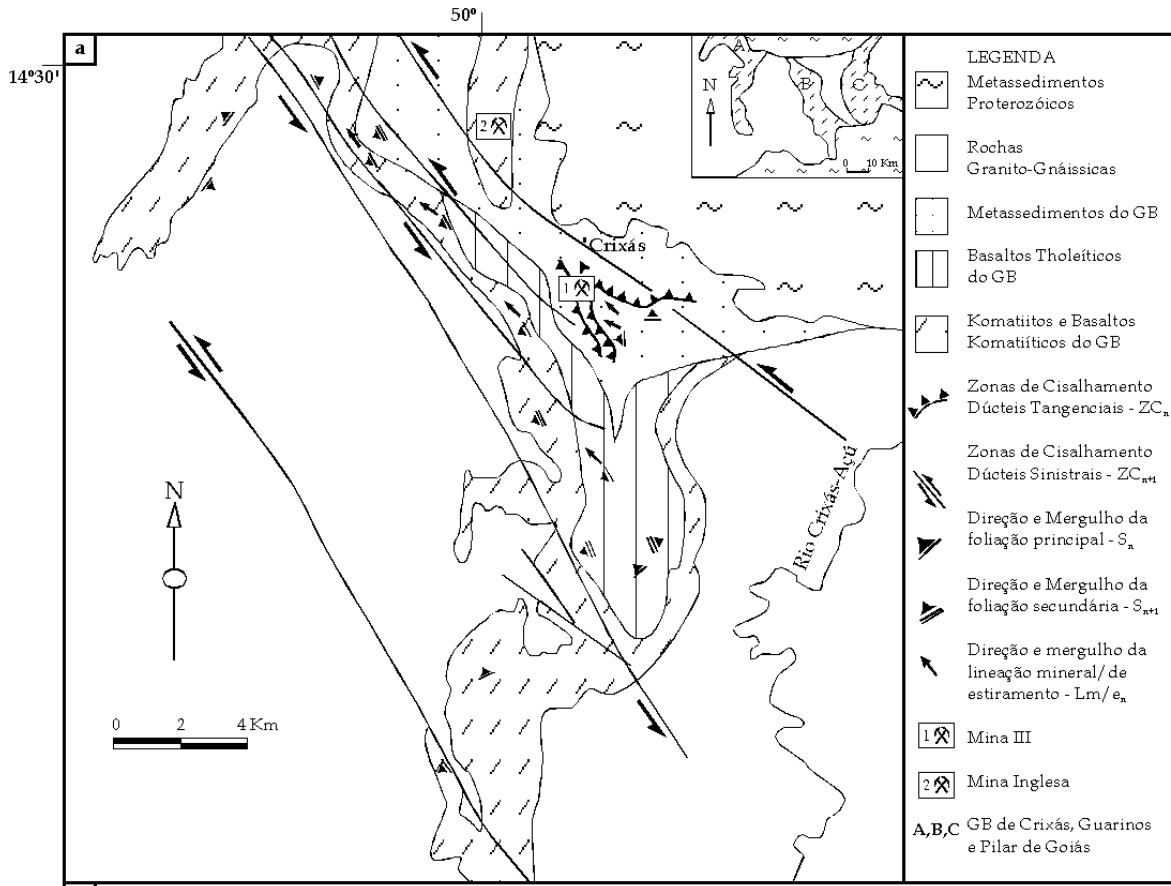
Sintetiza Cunha Mattos:

O arraial de Crixás, que foi muito rico e povoado, tem tido os mesmos flagelos que aniquilaram os outros da província. Está edificado junto ao Morro de São Gonçalo e Serra da Pedra Furada, sobre o Rio Vermelho, que entra no de Crixás, que tomou o nome de uma tribo de índios já extinta. Teve muitos escravos e gente branca; aqueles acabaram, e esta apenas conserva sua descendência em alguns bastardos. Nas terras de Crixás encontra-se muito ouro, que se não aproveita por falta de água e braços. Tem 184 casas em 13 ruas principais, praças e travessas, e quatro igrejas pobríssimas e arruinadas; uma companhia de infantaria miliciano, uma de cavalaria, uma de henriques e uma de ordenanças; foi povoado em 1734 por Domingos Rodrigues Prado, genro de Bartolomeu Bueno, o povoador de Goiás. Os pobres habitantes de Crixás subsistem pela mineração e por uma diminutíssima agricultura e pesca. É lugar mui doentio por motivos das águas estagnadas em grandes escavações, e pelo desdobramento do Rio de Crixás, o qual ficando de todo seco quando não há chuvas é como um mar nos tempo das águas.

E aí emite e ressalva:

Este arraial é o mais bem traçado da Província, e existiu nele uma casa de fundição que deu nome e uma rua do mesmo arraial.

A explicação do arraial de Crixás ter sido um dos mais bem preparados está na localização geográfica, como mostra o mapa 2, tanto dos pontos de lavras, como a própria infraestrutura que a natureza oferecia.



Mapa 2 – Localização das minas de ouro no município de Crixás.  
 Extraído da dissertação de Cláudia Lima de Queiroz defendida em 13/07/1995 pela UNB.  
 Mapa modificado por Dias, Wagner Alceu.

A proximidade das lavras em relação ao arraial era uma condicionante para uma melhor eficiência, tanto para os que trabalhavam, quanto para os que apenas moravam no arraial. Portanto, despendia de menos tempo para o deslocamento até as lavras. Também encontrava-se meio a caudalosos rios uma fartura de água, que ao mesmo tempo se tornou um problema, isso porque, com as práticas da mineração, estancava-se muita água, ocasionando locais provenientes à doenças.

A formação territorial de Crixás encontrava-se numa constante dinâmica, pessoas de outros arraiais sempre apareciam, até mesmo de outros continentes como é o caso da família Dietz, descendentes de alemães que vieram pra Crixás atraídos pelo ouro. Em meio a tanta busca pelo metal precioso, a força da natureza era afrontada, o que era sinal de riqueza se tornou o inverso. Atraídos por um sonho amarelo, muitos foram submetidos a um pesadelo também amarelo. Lima (2007, p.45) sintetiza que

Em épocas passadas encontramos registros históricos sobre a febre amarela que em 1800 dizimou a população crixaense. A causa foi atribuída ao garimpo a céu aberto, onde depois de abandonadas as catas se transformaram em poços de água parada, verdadeiros criatórios de mosquitos.

Além do ouro encontrado nas lavras e a febre amarela, a malária também estava presente entre as pestes. A territorialização posterior a dos indígenas não foi de grande sucesso, pois milhares de pessoas morreram pelo despreparo da gestão. Todavia, tal território fora apropriado em virtudes de produção/exploração por parte dos que ali viviam. É importante salientar que esse território, que sofreu alterações profundas ao ser desterritorializado e reterritorializado, também foi palco de diversos instrumentos carregados de intenções de controle sobre a natureza. As mutações que o território tolera são, em decorrência das técnicas dos atores sociais, responsáveis pela territorialização. Para isso, enunciaremos a explicação de Aracri (2006, p.41):

A técnica, portanto, permite a instrumentalização do território, de maneira que este possa ser portador de uma racionalidade *funcional*, já que envolve uma reorganização tendente a permitir que uma série de ações alcancem objetivos previamente designados e antecipadamente calculados. É desta forma que o território torna-se suporte da produção.

Porém, depois de passados centenas de anos, seu território foi novamente territorializado por descendentes daqueles que sobreviveram às pestes, juntamente pelas famílias que hoje são pioneiras da cidade, advindas de diferentes lugares.

Antes de analisarmos a estrutura econômica, demografia, relações de produção, enfim, temas pertinentes que possam ser investigados para entender a dinâmica territorial de Crixás, seguiremos uma linha cronológica, destacando a fragmentação territorial ocorrida durante mais de duas décadas e meia.

### ***2.2.1 – A fragmentação territorial de Crixás-GO***

O Estado de Goiás, desde sua colonização e povoamento, já passou por várias transformações. Iremos enfatizar, neste item, as mobilidades territoriais transcorridos nas mediações do município de Crixás, que nem sempre teve o formato que tem hoje. Porém, é necessário deixar claro que o território tratado neste item será enquanto unidade política, o que não impede que outras territorialidades também venham sofrer o mesmo processo de fragmentação. Saquet (2007).

As várias façanhas ocorridas sob instâncias políticas legitimaram constitucionalmente as integrações, criações e fragmentações territoriais. Neste item veremos que o território de Crixás é criado e recriado em função de interesses de grupos sociais sob sentimentos ideológicos. Para colaborar com a veracidade das causas e processos de fragmentação de Crixás, Rosa (2004, p. 14,15) explicita poeticamente:

Município de Crixás,  
Um território gigante  
Largura de sul a norte  
Uma distância importante  
E de leste a oeste  
Do Tombador à Bandeirante  
Trinta e dois mil quilômetros quadrados  
Um espaço até bastante  
Seu espaço foi perdendo  
Corrutelas foram crescendo  
Com a chegada de imigrantes

Foram quatro patrimônios  
Que agora é cidade  
Corrutelas progressivas  
Pequenas comunidades  
Foram chegando imigrantes  
Encontraram liberdade  
Um povo trabalhador  
Encontraram facilidade  
Foi saindo do fracasso  
Encontraram mais espaço  
Hoje tem felicidade

Era quatro corrutelas  
Hoje são quatro cidades  
Maior parte imigrante  
De outras comunidades  
Coisas que eles não tinham  
Hoje tem prioridade

Casa própria por exemplo  
 Pra morar mais a vontade  
 Fácil para encontrar  
 Um lugar pra trabalhar  
 Viver com dignidade

Uirapuru e Mundo novo  
 Leonino e Bandeirante  
 Grande parte desta gente  
 São de lugares distantes  
 Formaram as quatro cidades  
 A maioria imigrante  
 Prova que o nosso município  
 Era um território gigante  
 Municipando o Gomim  
 Ainda fica um pedacinho  
 Para nosso Crixás brilhante

A dinâmica que circunscreve a formação dos limites territoriais transgride os elementos físicos, uma vez que o território não se perpetua apenas sobre a legitimidade jurídica, entendendo que o mesmo é composto pelo envolvimento dos interesses de grupos ou classes sociais.

Na perspectiva de exaltar correspondência com a fragmentação territorial de Crixás, denunciando as mazelas para com o desenvolvimento econômico local, ressaltamos a afirmação de Souza (2009, p. 61):

(as formas espaciais, os objetos geográficos tangíveis – edificações, campos de cultivo, feições “naturais” etc.) equivale a “coisificar” o território, fazendo com que não se perceba que, na qualidade de projeção espacial de relações de poder, os recortes territoriais, as fronteiras e os limites podem todos mudar, sem que necessariamente o substrato material que serve de suporte e referência material para as práticas espaciais mudem.

Para que nossa abordagem não se limite a um mero recorte específico, trataremos em fazer menção das relações de poder paralelamente ao movimento da demografia, elemento que faz do substrato material o palco dos conflitos para seu uso.

A extensão territorial de Crixás já foi enorme, embora hoje a fragmentação territorial a dimensionou para 4.661,077 km<sup>2</sup>. Embora esta parcela ainda seja representativa,

do ponto de vista dimensional dentro do Estado de Goiás, o município utiliza pouco para sua produção. Dados que serão apresentados no item específico, destinado a análise da pecuária e agricultura, demonstram as atividades econômicas que compõem o quadro produtivo de Crixás.

Para iniciar a análise do processo de fragmentação territorial de Crixás é necessário voltar ao descobrimento de Crixás, ano de 1734, o qual era caracterizado como um povoado chamado de Nossa Senhora da Conceição. Depois de 6 anos é elevado a arraial, em razão da consciência de uma territorialidade, havendo serviços e utilidades sociais que admitem a fixação definitiva de seus habitantes, como igreja, curandeiros, festejos entre outros. Nesse período, Pilar de Goiás era a sede, restando o mérito de distrito à futura cidade de Crixás.

Passados 15 anos de sua promoção para arraial, Crixás novamente ganha prestígio. Em 1755 ficou consagrada como paróquia Nossa Senhora da Conceição, obtendo o título de sede da vila, que foi transferida de Pilar de Goiás, situação que perdurou por quase dois séculos até que o Decreto-Lei Estadual nº 557, de 30 de março de 1938, condena o Distrito de Crixás a ceder para Pilar de Goiás as prerrogativas de sede municipal. Daqui em diante será mister sempre fazer observações no mapa 3, para acompanhar a evolução das divisões políticas territoriais que mencionaremos mediante legitimação de leis, decretos e sanções.



Pela Lei Estadual nº 850, de 30 de outubro de 1953, finalmente é criado o município de Crixás, o qual se instala oficialmente em 1º de janeiro de 1954. Mas antes que isso acontecesse, há muitas reviravoltas quanto a autonomia dos distritos e municípios de Pilar de Goiás e Itapaci. O Decreto-Lei Estadual nº 8305, de 31 de Dezembro de 1943, obriga o Município de Pilar a mudar de nome, passando a ser denominado de Itacê. Dois anos mais tarde, no dia 19 de Julho de 1945, novamente é elaborado um Decreto-Lei Estadual nº 55, ordenando que Itacê fosse rebaixado à categoria de distrito, passando o município a denominar-se Itapaci.

Recorremos então ao ano de 1954 acrescentando o detalhe de que Crixás, ao ser criado como município, é desmembrado de Itapaci, entretanto sua dimensão municipal vai abarcar a princípio dois distritos, Crixás e Bandeirante. Posterior a isso, mais precisamente em 5 de Novembro de 1968, é criado e integrado ao município de Crixás o distrito de Mundo Novo de Goiás, sobre determinação da Lei Estadual nº 7178. Mas isso não perpetuou por muito tempo, logo as lideranças políticas do distrito de Mundo Novo de Goiás trataram de emancipá-lo. A Lei Estadual nº 8849, de 10 de Junho de 1980, executa tal feito.

Mas a história da fragmentação territorial não para por aqui. A mesma Lei Estadual que emancipa o município de Mundo Novo de Goiás também cria o distrito de Nova Crixás, que em seguida é acoplado ao distrito de Bandeirantes, para a ocorrência de uma nova emancipação. Portanto, os dois distritos, Nova Crixás e Bandeirantes, se unem privilegiando o nome de Nova Crixás ao novo município. Assim, o território de Crixás vai se estabelecendo em meios aos desmembramentos oriundos das territorialidades que se formaram pelos cantos da grande extensão territorial.

Em divisão datada de 2003 foi promulgada com a exclusividade de criação do distrito de Auriverde, que a partir de então fará parte do município de Crixás. Em 1986, o município de Crixás é composto por um distrito e um povoado que não chega a ser constituído como distrito. Em 1992 no dia 29 de abril, amparada pela Lei Estadual nº 11706, é criado o município de Uirapuru, desde então, Crixás não sofreu mais alterações dessa natureza.

Depois de relatar dois séculos de dança territorial surge nossa indagação. Como se comportou a sociedade que conviveu no período de tais fragmentações? Acreditamos que para responder a esta pergunta deve-se fazer uma prévia análise de alguns elementos. A viabilidade econômica de criação de unidades administrativas, observando as necessidades da união, pois será ela quem sentirá os reflexos através de seus orçamentos.

Por suporem a existência de uma relação de proporcionalidade entre gastos com o Legislativo e os outros gastos com a administração, os autores concluem que o aumento na proporção de recursos fiscais apropriados pelos municípios, em relação aos estados e à União, eleva o pagamento de salários de prefeitos, vereadores e burocratas em geral e, por outro lado, reduz o orçamento estatal e federal que estaria mais vinculado à prestação direta de serviços e investimentos públicos. Soma-se a isso o fato de que a maior parte dos municípios recentemente criados é pouco povoada; e municípios com menos habitantes tendem a gastar mais, em termos per capita, com seus Legislativos, do que municípios mais populosos (MAGALHÃES, s/d., p. 19).<sup>2</sup>

De certo modo, com a saturação orçamentária advinda da criação dos demais municípios que poderiam fazer parte do município de Crixás, ocorre uma reciprocidade de deficiência nos gastos públicos, principalmente com as necessidades básicas como saneamento, moradia, saúde e educação. Podemos perceber claramente a negligência dos interesses políticos, que sempre estão precedidos de indivíduos, ao observar o caso da emancipação de Uirapuru. Seu contingente populacional tem pouco mais de 3.000 habitantes, com uma estrutura urbana muito precária, carecendo de diversidade de mercado e serviço, havendo a necessidade de deslocamento para Crixás. Criar um município desse porte é, portanto, exaltar total desconhecimento ou descompromisso para com a qualidade de vida.

A criação dessas unidades administrativas, constituem campo de ação para o Geógrafo, não somente na busca das explicações inerentes aos processos de fragmentação territorial e do conseqüente surgimento de novos núcleos de poder local, como também do ponto de vista técnico, conforme aponta a lei 6.664/79, que entre outras funções estabelece que é competência do Geógrafo atuar “na divisão administrativa da União, dos Estados, dos Territórios e dos Municípios” (CIGOLINI, 2000, p. 55).

De acordo com a afirmação proferida por Cigolini, o geógrafo deve ter uma participação em criações de núcleos administrativos, neste caso os municípios. Isso, evidentemente, não se refere à ideia da supremacia do saber geográfico, mas uma contribuição da qual possa haver um maior cuidado e um planejamento responsável capaz de definir até que ponto é conveniente a emancipação, tanto para o território que é emancipado como para o território que era pertencente.

A fragmentação territorial de Crixás foi sempre presidida por pequenos grupos sociais. Esse processo nasce naturalmente por forças do indivíduo, que tem propósitos de fortalecer seus vínculos com o seu meio. Nessa perspectiva, o cidadão leva seus anseios para

---

<sup>2</sup> Texto para discussão de João Carlos Magalhães - Emancipação Político-Administrativa de Município no Brasil.

um político, com reivindicações de intento coletivo que parte da primazia na criação de caminhos para as verbas federais buscando, dessa forma, um autonomia financeira, visto que o território de Crixás era muito extenso, apresentando diversos percalços para o corpo gestor.

No jogo do poder, como já dissemos anteriormente, sempre há os dominantes e os dominados, alguns que objetivam estratégias e outros que se encontram extremamente vulneráveis à alienação. Dessa forma, Crixás ainda pode passar por uma nova fragmentação, visto que ainda possui um distrito, Auriverde.

Evidentemente, a economia de Crixás não sofreu malefícios com as várias fragmentações, pelo contrário, Crixás está no Ranking dos 10 municípios goianos que mais se desenvolvem economicamente, assim como mostra o documento em anexo. Para fins de melhor compreensão, o próximo item se destinará em discutir a formação da estrutura econômica de Crixás, uma vez que teremos como norte a sua identificação da divisão territorial do trabalho, da qual o município se mantém como grande produtor de ouro, que transcendeu os tempos aprimorando as relações de técnicas de produção, passando da bateia para a alta tecnologia.

### ***2.3 – A divisão territorial do trabalho e a formação da estrutura econômica de Crixás-GO***

A proposta aqui será sustentada em fazer uma breve discussão sobre a divisão territorial do trabalho, na perspectiva de construção de uma visão mais detalhada dos mecanismos que arremetem causa/efeito nos aspectos econômicos de cada especialização territorial. Na inquietação de explicar a economia do município de Crixás, propomos enviar nossos estudos sobre a predisposição do espaço ao se transpor em território. Sabemos que, como afirma Raffestin (1993): “O território, nessa perspectiva, é um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por conseqüência, revela relações marcadas pelo poder. O espaço é a ‘prisão original’, o território é a prisão que os homens constroem para si.” Tal afirmação traz em si uma amplitude temática exaustiva diante da formação territorial, restando nossa humildade em tratar apenas das territorialidades promovidas pelas relações de trabalho, que tendem a seguir uma lógica sistêmica da produção e reprodução de capital.

Não é correto conceber a divisão territorial do trabalho como um processo estático pertencente a uma produção sem movimentos. Ao pensar na formação territorial, tratando das

especialidades de trabalho que vão sendo criadas sob a premissa do capital, é circunstancial não perdermos a noção de espaço para não ser confundida com território, ou vive-versa. Devido a isso, devemos carregar alguns referenciais ao pensar a divisão territorial do trabalho, entre eles a condição histórica das relações sociais ligadas aos recursos naturais. As conjecturas que iluminam nosso embasamento na discussão não omitirão em circunscrever a história de Crixás intimamente arraigada a seus aspectos naturais, contando localização e envolvimento no movimento do capital, fato esse que deve ser observado dentro dos aspectos naturais e por vezes políticos.

A pesquisa se concentrou no processo de uso, ocupação e apropriação da natureza, na expectativa de dar uma base de compreensão do atual desenvolvimento econômico de Goiás. O Sudoeste Goiano enuncia uma modernização do setor agrícola, que traz mudanças radicais na conduta dos produtores frente à natureza, e tentam a todo custo atender os interesses do mercado. Dessa forma, o Cerrado deixa de ser natural para se transformar em técnica, ou melhor, em recursos. Assim, pode-se verificar que as relações sociais de produção, na presença de políticas de desenvolvimento, transformam as paisagens mediadas pelo trabalho, que tendem a ser convenientes a cada um dos lugares.

Nota-se que Goiás se diferencia economicamente quanto a sua divisão territorial do trabalho. Bioma que nunca foi reconhecido como importante para os diversos ecossistemas brasileiros, o Cerrado hoje é contemplado ao incorporar o trabalho e as técnicas, tornando um solo propício à expansão das fronteiras agrícolas. Entretanto, o reconhecimento do Cerrado, para áreas como o Sudoeste Goiano, passa a ser um recurso para a reprodução do capital. Já no Norte e Noroeste de Goiás ainda não foram implementadas tecnologias da modernização agrícola, portanto, sua caracterização é estritamente natural, mas que ganhou atrativos para especializar sua economia a partir da extração de minérios. Esse é o caso de Crixás e a mineração Serra Grande, que explora ouro no município a mais de 20 anos. Nessa circunstância vale citar Santos (2008a, p.305);

Esse mundo da técnica invasora é também o mundo do capital tecnológico invasor que busca, e consegue, contagiar as diversas tarefas rurais. É assim que se expande no campo o domínio desse capital hegemônico com as suas exigências de racionalidade, impondo novos usos e novas definições do tempo social.

Nessa condição, pode-se perceber que o Estado de Goiás, trilhando um calendário baseado no conhecimento da tecnociência, realiza a divisão territorial do trabalho conforme as

relações de produção se articulam, meio a diversidade de recursos existentes dentro do processo histórico.

Todavia, é peculiar às áreas do Norte de Goiás manter uma dinâmica baseada nas condições das leis naturais, onde predomina a economia tradicional, recebendo o pseudônimo de regiões atrasadas ou pobres. Os modelos de organizações socioespaciais, que se instalam nas diferentes localidades do Estado de Goiás, nos arremete a pensar que a cristalização do território ocorre sob uma estrutura natural superposta pelas condições sociais de poder. Ao fazer jus à economia de Crixás, pelas suas estruturas mineralógicas, cremos que seu território tem origem, imediatamente, nas primeiras bandeiras que exploraram o ouro nas mediações do município. “Na produção territorial sempre tem um ponto de partida que nunca é ileso das ações do passado. O processo territorial desenvolve-se no tempo, partindo sempre de uma forma precedente, de outro estado de natureza ou de outro tipo de território” (RAFFESTIN, 2009, p. 31).

Entretanto, pensar na dinâmica territorial de Crixás é analisar o advento da mineração, desde as primeiras lavras até a industrialização do processo de extração presidida pela multinacional Serra Grande.

A afirmação acima deve ser considerada em virtude do merecimento e credibilidade dos recursos ao analisar o território, pois as territorialidades se constituem sob a fluidez de energia e informação, mantendo uma consonância com o processo de uso e apropriação da natureza, podendo haver limitações. Embora a afirmativa possa parecer um tanto determinista, a análise executada é relativamente intrínseca à modernização, pois é sem dúvida o motor da transformação, mas nunca rompe com o recurso, ou até mesmo poderá impor uma territorialidade específica onde inexistam condições favoráveis para a atuação de um poder. Mesmo com todas as inovações tecnológicas ainda ocorre, em algumas áreas, a determinação da natureza na formação do território, pois as relações de poder circunstanciadas pelas políticas econômicas se manifestam onde seja conveniente e coesa ao modo de produção capitalista. Raffestin (2009, p.29) esclarece que:

Hoje, os territórios transformam-se de acordo com o ritmo das novas técnicas e isso ocorre tanto na cidade como no campo. A agricultura tornou-se uma atividade como outra, sujeita a modificações velozes, cujo efeito na paisagem é considerável. As paisagens agrárias e urbanas sofrem logo a influência do terceiro estado da natureza, aquele sintético ou cibernético que começou com a química moderna na metade do século XIX e é caracterizado, hoje, pelo desenvolvimento da biotecnologia através da manipulação genética. Com este desenvolvimento, entramos verdadeiramente no mundo da simulação. A nossa sociedade pode, bem ou mal, criar tudo o que deseja, desde pequenos objetos às paisagens territórios.

Com a informação à disposição, a sociedade atual tem necessidade de matéria, de energia e de espaço como suporte.

A perpetuidade das relações técnicas com a primeira natureza manifesta uma junção harmônica, capaz de elucidar o grau da imbricação do tempo/espaço, fato que nos propicia constatar as diversas temporalidades desiguais ao notar a divisão territorial do trabalho. Evidentemente, as inovações tecnológicas aparecem no cenário das territorialidades como elemento balizador, causando equivalência ou discrepância.

Crixás está inserida na divisão territorial do trabalho pela presença da mineradora Serra Grande, empresa que consegue mobilizar mão-de-obra significativa de seu contingente populacional. A extração desse mineral acontece mediante uma espantosa e moderna engenharia, o que evidencia uma multiplicidade de tempo na formação do território de Crixás. Como já foi mencionado, a modernização do território de Crixás, principalmente na agricultura, é visto como precário e ainda não atende aos postulados da produção industrial. Contudo, pela carência de inovações tecnológicas em alguns setores, Crixás em sua recepção à grande indústria do ouro, acumula tecnologia das mais avançadas do mundo, fato que modifica os traços de semelhanças entre os demais municípios da Microrregião de São Miguel do Araguaia. A mineradora Serra Grande é hoje responsável por parcela substancial da dinâmica de Crixás, pois a empresa conta com um aparato tecnológico que necessita de infraestrutura e serviços para seu eficiente funcionamento.

O setor de serviços é uma verdadeira miscelânea de empresas, todas voltadas a algum tipo de apoio à Serra Grande. O município que conta com 5 (cinco) hotéis sempre está em expectativa de chegada de mão-de-obra qualificada para os diversos serviços necessários à manutenção da extração de ouro. Portanto, esse movimento que as diversas prestadoras de serviços proporcionam à cidade pode ser medido pelas hospedagens, como também pelos gastos do dia-a-dia, higiene pessoal, que envolve desde a compra de um sabonete, escova de dente, fio dental, até um corte de cabelo. Alimentação que é feita, na maioria das vezes, em restaurantes, pois vale ressaltar que não é conveniente um município de 14.000 (quatorze mil) habitantes, sem quaisquer alterações em sua dinâmica, ter 3 (três) churrascarias que comportam em média 50 (cinquenta) pessoas periodicamente. Isto é, sem contar com as pensões e restaurantes de porte menores.

Assim, trabalhadores de prestadoras de serviços, frequentemente, estão envolvidos diretamente com a dinâmica da cidade, gastando parte dos ganhos de seu trabalho, abastecendo o mercado interno da cidade. Ao pensar nestes trabalhos que são ofertados, e

ocupados por pessoas de outros lugares, nos implica em fazer uma discussão sobre como os lugares são interligados, mesmo inexistindo uma regra de fluxo ou qualquer tipo de dependência, mas apenas pelas suas características técnicas promovidas pelas grandes empresas. Para uma reflexão, vamos afunilar o assunto na afirmação de Santos (2008a, p.133):

A cada momento, cada lugar recebe determinados vetores e deixa de acolher muitos outros. É assim que se forma e mantém a sua individualidade. O movimento do espaço é resultante deste movimento dos lugares. Visto pela ótica do espaço como um todo, esse movimento dos lugares é discreto, heterogêneo e conjunto, “desigual e combinado”. Não é um movimento unidirecional. Pois os lugares assim constituídos passam a condicionar a própria divisão do trabalho, sendo-lhe, ao mesmo tempo, um resultado e uma condição, senão um fator. Mas é a divisão do trabalho que tem a precedência causal, na medida em que é ela a portadora das forças de transformação, conduzidas por ações novas ou renovadas, e encaixadas em objetos recentes ou antigos, que as tornam possíveis.

De acordo com a afirmação de Santos, a dinâmica territorial de Crixás, pode ser analisada a partir dos impactos que o lugar recebe ao se relacionar com outros lugares. Tal relação é estabelecida por necessidades estruturais da Multinacional Serra Grande, que passa a ser um atrativo e, ao mesmo tempo, um elemento que potencializa a dinâmica territorial de Crixás. Num primeiro momento, quando falamos que essas relações entre os diferentes lugares signifiquem uma benevolência para o mercado interno, tornando a economia de Crixás sustentável do ponto de vista do movimento do capital, também se percebe contrastes. Basta uma conversa informal com a população da cidade para descobrir sua insatisfação e incômodo perante os forasteiros.

Pelo fato da empresa Serra Grande ser uma multinacional que agrega uma tecnologia de ponta na mineração do ouro, sua manutenção deve ocorrer por empresas prestadoras de serviço de alta competência e mão-de-obra qualificada. Evidentemente, o município de Crixás não dispõe de cursos que possam especializar e absorver a mão-de-obra existente no município, por razões qualitativas do serviço. Com isso, ainda fazendo uma ligação com as palavras de Santos, Crixás recebe variáveis que se adaptam às condições sociais e econômicas, mas também devido a tais condições que passa a ser um elemento determinante para o intercâmbio entre os lugares, de certa forma, excluem outras relações, outras variantes. Percebe-se, porém, que a dinâmica territorial de Crixás é estabelecida por empresas e atores sociais. Nessa perspectiva, os atores sociais ficam a mercê desse processo,

onde muitas vezes não conseguem se inserir ativamente à dinâmica, portanto, serão sérios candidatos a migrarem para outros lugares onde suas habilidades possam ser incorporadas por um indicativo de soma à dinâmica territorial, e não como um simples objeto quantitativo.

Dessa forma, Crixás possui sua representatividade econômica via setor extrativista, e imprime sua particularidade frente a heterogeneidade territorial do trabalho. Porém, o passado não pode ser considerado como um fator determinante para uma eventual transformação em seus pilares econômicos. O contexto histórico pode dimensionar as relações de produção, da qual as áreas do norte goiano possam ter outro papel, ressignificando o território de Crixás.

O item que dará continuidade a esta discussão tem a incumbência de respaldar a análise da dinâmica de Crixás, restringido sob uma análise socioespacial, a qual a maior atribuição se fará mediante aos arranjos caracterizados como possibilidades ou dificuldades apresentados numa dada realidade. Prezaremos pela atual configuração territorial, demonstrativo da conjuntura arquitetônica, juntamente com os elementos naturais, corroborando para um maior conhecimento do município de Crixás.

#### ***2.4 – A configuração territorial de Crixás-GO***

Depois de ter assistido a formação territorial de Crixás, combinada e amparada pela economia eclodida pelas atividades desenvolvidas ao longo dos tempos, agora veremos a cristalização de seus resultados. Para elucidar esse tema, haveremos de entender conceitualmente o que vem a ser a configuração territorial para, então, observar o município de Crixás sem perder detalhes e nem abarcar fenômenos que não dizem respeito ao que realmente possa dar contundência ao nosso propósito.

A compreensão da configuração territorial do município de Crixás vai diretamente ao encontro do produto das relações sociais de produção, que compreende desde uma pequena casa até as faraônicas construções. Outro elemento que faz parte desse cenário é a primeira natureza, constituído por árvores, rios, lagos, enfim, elementos que dispensam as ações humanas para sua existência. Também não podemos desconsiderar os caminhos que preenchem esse cenário, que são justamente as estradas, rodovias e ruas. A união da logística, que também pode ser vista como infraestrutura, elementos naturais, mais todo e qualquer tipo

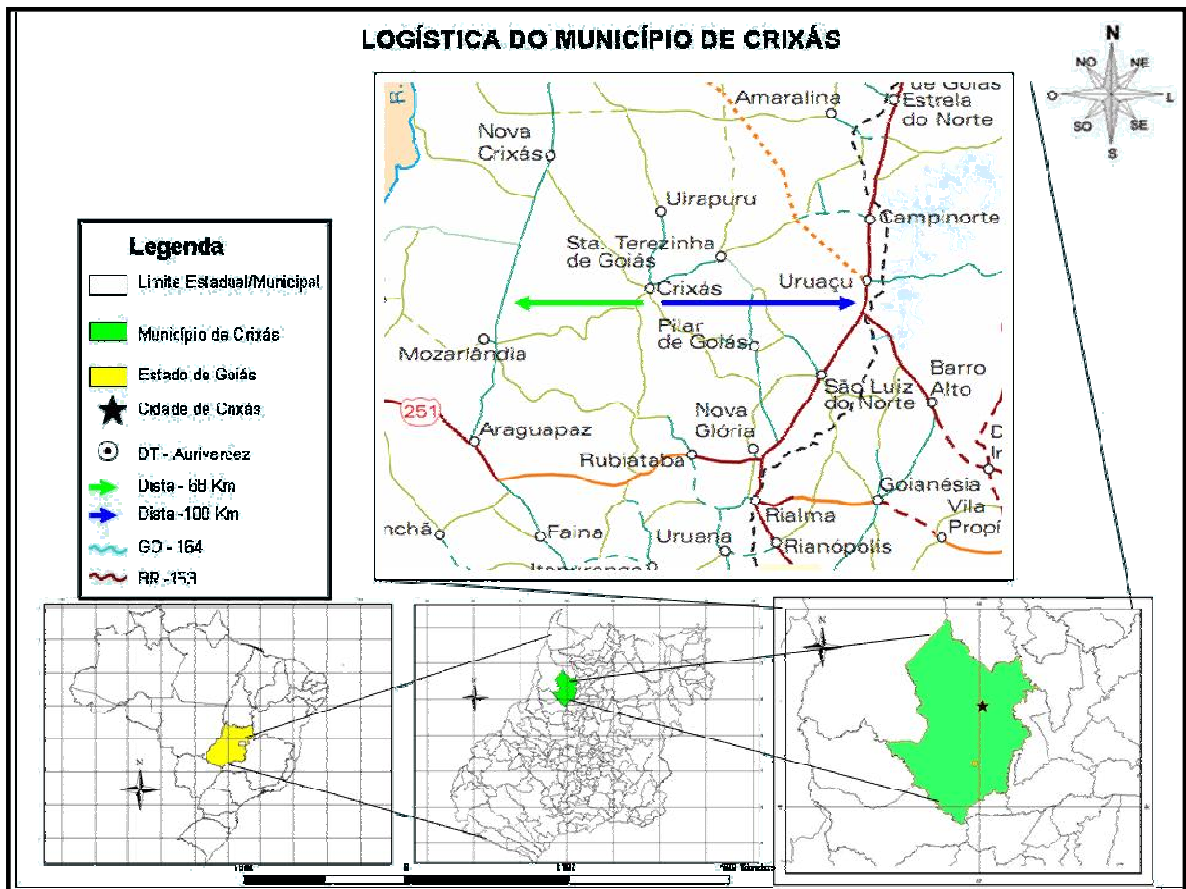
de construção advinda da interação homem e natureza, compõe o que vamos chamar de configuração territorial.

Antes de citar tais elementos que foram elencados como insinuantes da configuração territorial, vamos recorrer a algumas considerações de autores que tratam dessa questão, para que possíveis dúvidas possam ser sanadas. Santos (2008a, p.62) afirma categoricamente o que pretendemos demonstrar neste item:

A configuração territorial é dada pelo conjunto formado pelos sistemas naturais existentes em um dado país ou numa dada área e pelos acréscimos que os homens superimpuseram a esse sistema natural. A configuração territorial não é o espaço, já que sua realidade vem de sua materialidade, enquanto o espaço reúne a materialidade e a vida que anima. A configuração territorial, ou configuração geográfica, tem, pois, uma existência material própria, mas sua existência social, isto é, sua existência real, somente lhe é dada pelo fato das relações sociais. [...] recursos naturais, lagos, rios, planícies, montanhas, e florestas e também de recursos criados: estradas de ferro e de rodagem, condutos de toda ordem, barragens, açudes, cidades, o que for. É esse conjunto de todas as coisas, arranjadas em sistemas, que forma a configuração territorial cuja realidade e extensão se confundem com o próprio território de um país.

Portanto, a configuração territorial é o que ficou demarcado estaticamente, não querendo dizer que seja imutável. As relações de produção poderão ser transformadas sem necessariamente que a configuração territorial passe por modificações. Se, conforme Santos (2008a), o espaço é um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações, o que vamos entreter será o sistema de objetos, sua existência e organização tanto interno quanto externo. Interno é como os bairros, praças, igrejas, lojas escolas se organizam para atender aos seus usuários. Externo é a posição geográfica que se encontra o município em relações ao estado de Goiás.

O mapa 03 mostra a localização geográfica indicando o seu desprivilegio em usufruir de rodovias importantes que poderiam proporcionar uma melhora significativa para a população, se caso houvesse uma política que atentasse para sua integração numa malha viária que promovesse um salto qualitativo quanto a seu fluxo de entrada e saída dos municípios.



Mapa 04 – Logística do Município de Crixás

Fonte: Base de dados – IBGE

Elaboração: Dias, Wagner Alceu

O que o mapa 04 mostra é a posição de Crixás frente às principais rodovias que cortam Goiás de norte a sul. Portanto, a princípio, isso não significa nada. Mas, mediante trabalho de campo realizado no município, houve relato de comerciantes sobre a insatisfação do comércio em detrimento à inviabilidade do fluxo das mercadorias, o que acaba por elevar os preços, causando uma impotência dos consumidores locais. Como exemplo, temos o caso das verduras que vêm de Goiânia ou de Anápolis. O transporte desse produto requer rapidez em virtude da perecibilidade, pois além da distância que submete a qualidade desse produto, também gera mais custos de deslocamento e aumenta o preço em até 40%, o que pressupõe a elevação da carga tributária para os consumidores locais.

Como visto, a partir do conhecimento da configuração territorial, também chamado por Souza (2009) de substrato espacial material, é possível traçar um roteiro de pesquisa para analisar sua construção e implicações para população local. Pois, uma mera observação não traduz as relações que permeiam tal configuração, mas denunciam o produto

das relações. É preciso conhecer nosso objeto de pesquisa, Crixás, como forma e estrutura, para então atentarmos para as relações sociais que denunciarão os processos que ocorrem neste município.

O aprimoramento e a organização da base produtiva nos permitem entender seu percurso evolutivo, que não nega a primeira ocupação, mesmo porque a diferença espacial é combinada, onde suas possibilidades de desenvolvimento podem ser medidas pela ausência ou necessidade da totalização de sua formação econômica. Este fato pode perfeitamente ser verificado sem muitos esforços ao enumerar os estabelecimentos comerciais, casas, instituições públicas, áreas de lazer entre outros, que compõem a cidade de Crixás e o distrito de Auriverde.

A configuração territorial de Crixás é resultado de um processo, mas não quer dizer que todo processo possa acarretar num mesmo resultado. Isso é porque Crixás possui suas particularidades territoriais que são inerentes ao processo de globalização. Não podemos abstrair o local do global. Essa ligação deve ser considerada por razões diversas, da qual uma delas é a maneira que o mundo penetra e colabora na configuração de cada lugar, neste caso Crixás, que mantém relações com Goiás, Brasil e mundo afora. Sua participação em diversas escalas é mantida principalmente por via econômica e cultural.

É diante dessa interligação que precisamos analisar o espaço herdado, que pode oferecer facilidades ou dificuldades para o desenvolvimento das atividades econômicas, contudo, tal espaço pode ser submisso às relações de produção, circunstâncias que não criam, mas recriam um substrato que acompanha uma matriz primitiva.

Conforme Peixinho (2006, p.105), fica claro que as relações de produção reordenam a função dos lugares, porém, se tratando de Crixás, a resistência enunciada pelo autor não recai sobre movimentos sociais ou pela justaposição de interesses coletivos, mas pela própria aptidão da sua origem territorial.

A periodização é fundamental para compreender as mudanças espaciais. Os períodos são marcados pelo desenvolvimento das estruturas e suas formas espaciais. Os lugares vão assumindo formas específicas conforme são alcançados pela divisão territorial do trabalho que, dependendo das escalas das ações, alteram suas relações territoriais no espaço nacional e internacional. Além disso, as funções reclamadas pelas novas estruturas produtivas dependem das condições internas que cada lugar oferece. Desse modo, o espaço preexistente torna-se importante na mediação entre as formas anteriores e as novas, podendo agilizar as novas espacializações ou criar resistências.

Ao fazer menção da formação territorial e econômica de Crixás, relevando o espaço herdado, é coerente afirmar que tal processo atua em sincronia com demais localidades. Se vivemos dentro de uma sociedade reticulada, não podemos pensar Crixás como um espaço isolado, constituído apenas pelas suas atividades econômicas. Ela está acoplada a uma economia mundializada. Pensar Crixás e pensar Goiás, Brasil e na economia mundial, isso implica na observação do advento da diversidade de fluxos que incrementam sua dinâmica territorial. É essa a nossa próxima análise, elucidar a dinâmica territorial a partir de sua formação e configuração territorial.

### **3 – TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADES: A DINÂMICA TERRITORIAL DE CRIXÁS-GO**

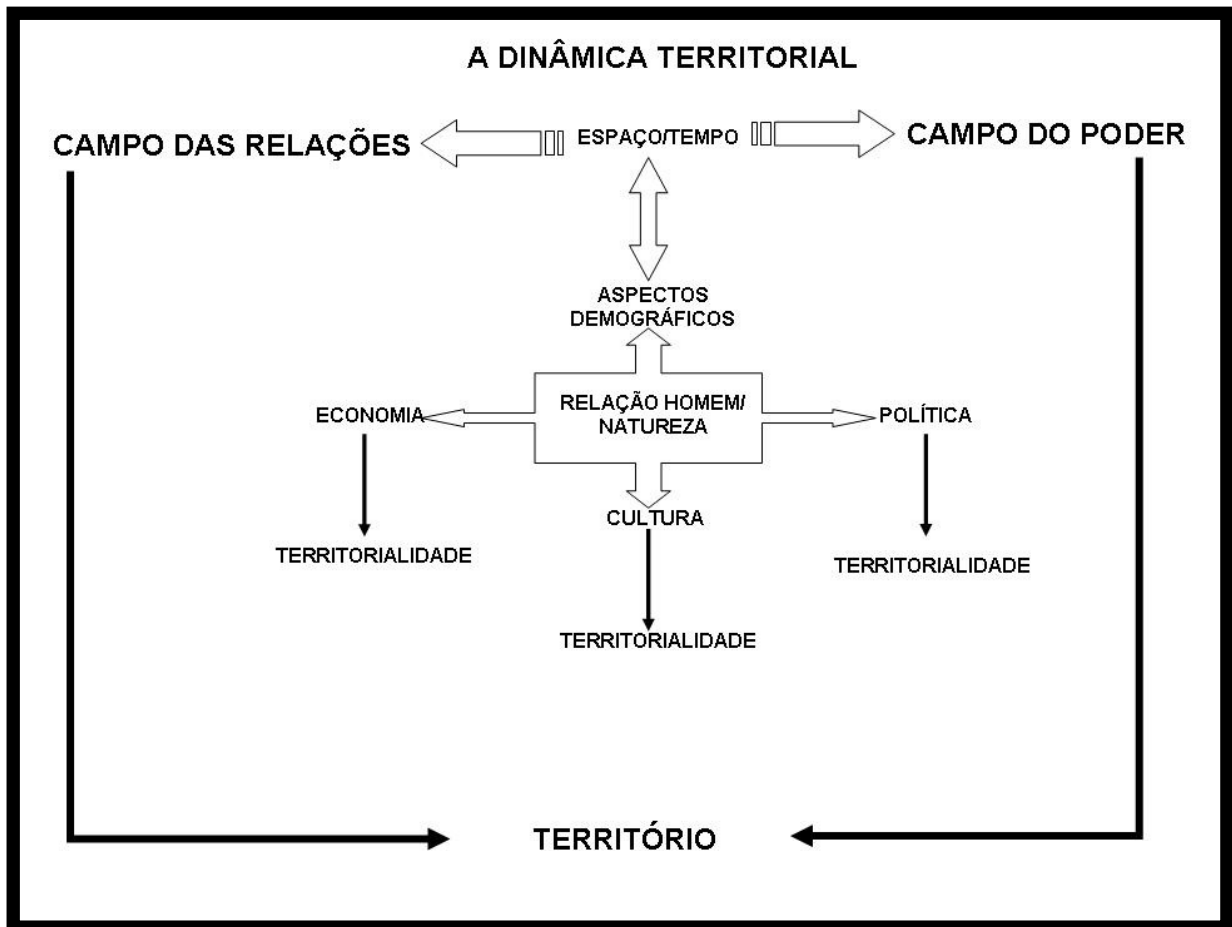
Pensar em território e territorialidades é caracterizar as relações de poder em instâncias econômicas, políticas e culturais. O município de Crixás, como já foi citado, possui uma formação territorial constituída pela extração do ouro. Mas esse processo não se limitou apenas ao local. O tempo do espaço fez com que Crixás se envolvesse na economia regional, nacional e internacional. De acordo com o que foi visto sobre a formação e configuração territorial de Crixás, vamos agora analisar e transcrever a dinâmica territorial de Crixás, em propósitos de conhecer o município, sua função e papel no Estado de Goiás, e sua representação para seus próprios moradores.

Mas, antes de fazer quaisquer considerações sobre os laços econômicos, políticos e culturais que Crixás possui com Goiás e sua microrregião, é de fundamental importância a compreensão conceitual de territorialidade. Nessa perspectiva, Candiotto e Santos (2009, p. 321) denominam a territorialidade de:

O conceito de territorialidade representa os vínculos que determinado indivíduo e/ou grupo social possuem com um ou mais territórios materiais (físicos) ou imateriais (virtuais), como algo subjetivo, ligado à percepção. A identidade individual ou coletiva é decorrente do reconhecimento e da valorização das territorialidades, haja vista que estas são fundamentais para a construção de identidades.

De acordo com essa afirmação, é possível fazer algumas indagações que aos poucos poderão ser respondidas como, por exemplo: Quais são as territorialidades que podem ser construídas numa cidade? Território é o mesmo que territorialidade? Quais são as territorialidades que se apresentam como preponderantes para analisar a dinâmica territorial de Crixás? Estas e outras são perguntas que, ao decorrer da nossa discussão, vão perdendo sentido, em razão das eminências indicativas que transcendem tais perguntas.

Com o propósito exclusivo de compreender a dinâmica territorial, o quadro 01 foi construído sobre todos os elementos encontrados na trama do processo, sob o qual ir-se-á explicar as particularidades contidas em Crixás.



Quadro 01 – Elementos que constituem a dinâmica territorial.  
Elaboração: DIAS, Wagner Alceu.

Inicialmente apresenta-se esclarecimento a respeito do quadro 01, pois os elementos abordados na representação da dinâmica territorial são pertinentes a todas as circunstâncias, não restringindo a nenhuma especificação de localidade. Esse quadro é a generalização da dinâmica territorial, cabendo em nossas discussões interpretar os agentes específicos na perspectiva de exaltar as particularidades que fazem da dinâmica territorial de Crixás um processo singular.

Há um elemento central que em qualquer realidade coincide como determinante para o desdobramento da dinâmica territorial. Este é reconhecido na relação de espaço e tempo. É a partir daí que se formam e configuram todas as instâncias responsáveis pela formação e configuração territorial, sob o qual Santos (2006, p.85) faz uma exposição sobre a concepção do espaço e tempo que contribui para um melhor entendimento dos mecanismos espaciais que acabam por faccionar uma realidade de acordo com as condições sociais.

O espaço-tempo corresponde justamente à capacidade dos sujeitos sociais de usar o espaço, de inseri-lo em seu encadeamento pessoal ou societário de

tempos parciais. Desse modo, os sujeitos individualizam o espaço, apropriam-se dele e o obrigam a transmitir-lhe um valor que se integra à sua atividade, conquanto nos cálculos tradicionais não se reconheça como tal o papel do espaço na formação do valor dos bens ou serviços.

A reflexão sobre espaço-tempo implica referenciar atenções ao estilo de apropriação do solo urbano e, por conseguinte, o caráter produtivo do próprio espaço. Nesta circunstância pode ser acrescido um teor maior ao meio pelo qual uma cidade se estabelece, uniformizando processos com tendências à heterogeneidade dos lugares.

Para entendermos a dinâmica territorial de Crixás, impreterivelmente, será necessário apontar algumas evidências que unem as pessoas, seja por meios materiais ou imateriais. Os movimentos sociais, as indústrias, a religião, os grandes supermercados, o tráfico de drogas, a prostituição, a mineração, entre outros, são considerados elementos investigativos para estudar as territorialidades. Devemos nos atentar para a análise dos diferentes atores sociais e suas articulações na constante ampliação de suas influências, não delimitando o alcance das ações, o que poderia ser um equívoco. As ações que tendem a formar as territorialidades não possuem limites, pois a percepção, ligados a sentimentos subjetivos, não podem ser tangíveis a recortes espaciais.

As territorialidades se encontram no território, que se apresenta essencialmente de cunho restritivo, mas que não impede a existência de vínculos em múltiplas escalas. É exatamente como Candiotto e Santos (2009, p.322) afirmam:

Apesar de a territorialidade ser subjetiva, as firmas/empresas também possuem territorialidades, que são físicas, políticas, econômicas e até sociais. Assim como a territorialidade humana, as territorialidades das firmas extrapolam o espaço físico, estendendo-se à sua área de atuação e influência, e às relações comerciais por elas estabelecidas. Mesmo necessitando de uma base física, os territórios e as territorialidades das firmas são cada vez mais territórios-rede em virtude da crescente importância e dependência do ciberespaço.

A proposta de compreender as diversas formas que os atores sociais hegemônicos se organizam, não é exatamente uma opção de análise, mas uma imposição ao método, pois as relações de poder são relações que se manifestam sobre objetos e pessoas. Pensando nisso, fica praticamente óbvio que Crixás não pode ser estudada isoladamente como um território político, pois isso limitaria as análises, o que certamente daria em uma análise insuficiente da dinâmica territorial de Crixás. As territorialidades que preenchem o território de Crixás são relações tecidas pela microrregião, pelo Estado de Goiás e pelo Brasil.

Será a partir das territorialidades e sua forma de se espacializar que pretendemos compreender a dinâmica territorial de Crixás, observando o movimento e as transformações na economia, política e cultura da população da mesma.

### **3.1 – Crixás no contexto do estado de Goiás**

Compreender Crixás em seus diversos aspectos como, físico, demográfico e econômico não fará sentido se primeiro não entendermos a totalidade de sua dinâmica. Para isso, devemos fazer um minucioso detalhamento sobre o Estado de Goiás, destacando seus municípios e microrregiões, da qual Crixás compõe.

O Estado de Goiás é composto por mesorregiões, microrregiões, municípios e distritos. Iremos estabelecer alguns dados de forma que distribua a população de Goiás entre suas repartições política-administrativas, para uma melhor assimilação e entendimento da atual posição de Crixás e suas possíveis influências.

A tabela 01 traz todas as mesorregiões,<sup>3</sup> indicando a quantidade de municípios acompanhado de seu contingente populacional.

#### **POPULAÇÃO DISTRIBUÍDA ENTRE AS 05 MESORREGIÕES DO ESTADO DE GOIÁS – 2008**

<b>MESORREGIÕES</b>	<b>Qnt. MUNICÍPIOS</b>	<b>POPULAÇÃO</b>
Noroeste Goiano	23	222.874
Centro Goiano	82	3.006.928
Leste Goiano	32	1.112.654
Norte Goiano	27	289.693
Sul Goiano	82	1.212.847

Tabela 01 – População das Mesorregiões do Estado de Goiás  
 Fonte: IBGE – SEPLAN-GO / SEPIN / Gerência de Estatística Socioeconômica. .  
 Disponível: <http://www.seplan.go.gov.br/sepim/> Acesso em: 03/09/2009.  
 Org. DIAS, Wagner Alceu.

Cada uma das 05 mesorregiões em evidência no tabela 01 são subdivididas em microrregiões,<sup>4</sup> as quais são mostradas na tabela 02, que também detalha a quantidade de município que formam as microrregiões, juntamente com o número de população

---

<sup>3</sup> Mesorregião é uma subdivisão dos estados brasileiros que congrega diversos municípios de uma área geográfica com similaridades econômicas e sociais. Foi criada pelo IBGE e é utilizada para fins estatísticos e não constitui, portanto, uma entidade política ou administrativa.

**POPULAÇÃO DISTRIBUÍDA ENTRE AS 18 MICRORREGIÕES DO ESTADO DE GOIÁS – 2008**

<b>MICRORREGIÕES</b>	<b>Qnt. MUNICÍPIOS</b>	<b>POPULAÇÃO</b>
São Miguel do Araguaia	07	79.369
Sudoeste Goiano	18	417.536
Rio Vermelho	09	88.304
Aragarças	07	55.201
Porangatu	19	226.916
Chapada dos Veadeiros	08	62.777
Ceres	22	223.083
Anápolis	20	530.458
Iporá	10	60.187
Anicuns	13	103.763
Goiânia	17	2.089.437
Vão do Paraná	12	107.744
Entorno do Distrito Federal	20	1.004.910
Vale do Rio dos bois	13	111.538
Meia ponte	21	352.205
Pires do Rio	10	93.758
Catalão	11	55.201
Quirinópolis	09	98.317

Tabela 02 – População das Microrregiões do Estado de Goiás – 2008

Fonte: IBGE – SEPLAN-GO / SEPIN / Gerência de Estatística Socioeconômica – 2008.

Disponível: <http://www.seplan.go.gov.br/sepim/> Acesso em: 14/09/2009.

Org. DIAS, Wagner Alceu.

Ao utilizar os dois quadros, podemos afirmar que a mesorregião do Noroeste Goiano que Crixás se encontra, fica em 5ª posição no ranking das mais populosas. Já em relação à Microrregião que abarca Crixás, São Miguel do Araguaia, fica em 13º na ordem crescente com maior número de habitantes.

A discussão em torno do envolvimento de Crixás com sua microrregião e também com o Estado de Goiás tem a premissa de ressaltar a atual demografia que rege a microrregião, o estado e o município. Para isso, faz necessária a leitura do gráfico 02, logo em seguida.

<sup>4</sup> Microrregião é, de acordo com a Constituição brasileira de 1988, um agrupamento de municípios limítrofes. Sua finalidade é integrar a organização, o planejamento e a execução de funções públicas de interesse comum, definidas por lei complementar estadual. Entretanto, raras são as microrregiões assim definidas. Consequentemente, o termo é muito mais conhecido em função de seu uso prático pelo IBGE que, para fins estatísticos e com base em similaridades econômicas e sociais, divide os diversos estados da federação brasileira em microrregiões.



Gráfico 02 – População do Estado de Goiás, Microrregião de São Miguel do Araguaia e Município de Crixás.

Fonte: IBGE – SEPLAN-GO / SEPIN / Gerência de Estatística Socioeconômica – 2008

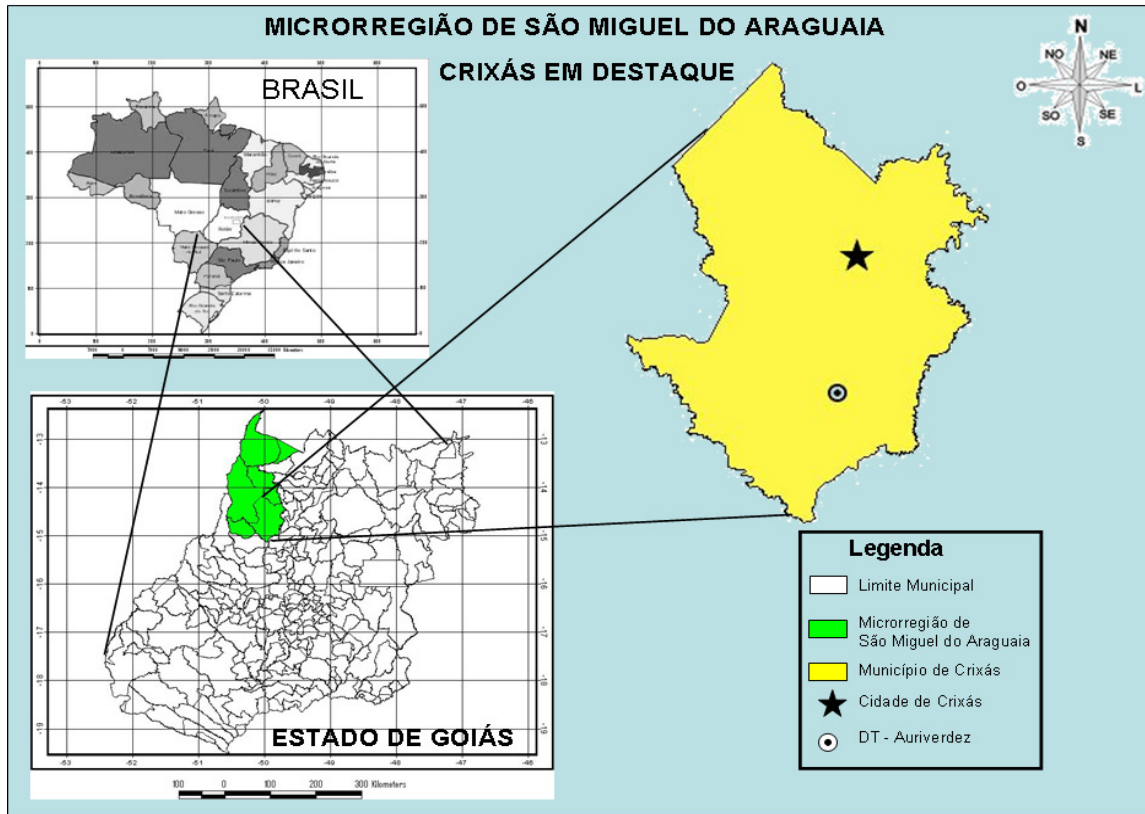
Disponível: <http://www.seplan.go.gov.br/sepim/> Acesso em: 10/09/2009.

Org. DIAS, Wagner Alceu.

Outra afirmação pode ser feita quanto aos números que são expostos sobre a população de Crixás e sua Microrregião. Também é verificada uma população de baixa densidade, em função do tamanho de sua extensão territorial. Essa façanha se desenrola pela falta de atratividade, que nos tempos contemporâneos pode ser entendida como ausência de trabalho. Um dos grandes atrativos é, sem dúvida, a indústria, pois onde Goiás tem uma densidade demográfica alta são os locais extremamente industrializados.

Isso amplia os postos de trabalho, pois daí surge uma alta demanda do setor de serviços, tanto para a população como para as próprias indústrias. Portanto, Crixás e sua respectiva microrregião ainda não dispõem de uma configuração territorial capaz de atrair as agroindustriais, que possivelmente poderiam potencializar o setor agrícola, aquecendo o comércio e acelerando a demanda em serviços públicos e privados.

Na expectativa de dar contundência ao tema, façamos a incumbência de transcrever as atividades econômicas derivadas da agropecuária, mineração e da indústria, que Goiás acena em suas estatísticas, tratando com mais atenção a Microrregiões de São Miguel do Araguaia e Crixás, assim como mostra o mapa 05.



Mapa 05 – Microrregião de São Miguel do Araguaia e Crixás em evidência  
 Fonte: Base de dados do IBGE.  
 Org. Dias, Wagner Alceu.

Ao verificar o mapa logo se percebe as dimensões territoriais, da qual vamos compreender com mais precisão a partir do gráfico 03.

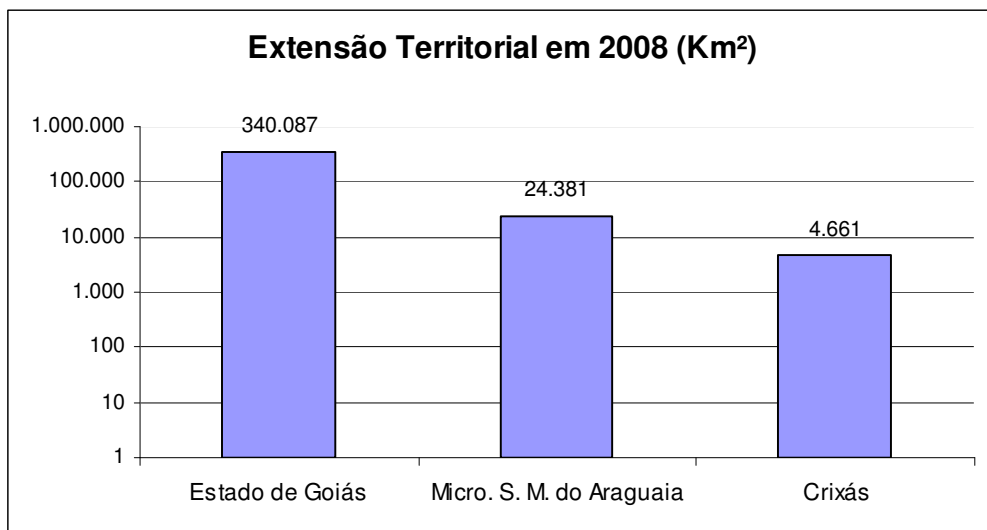
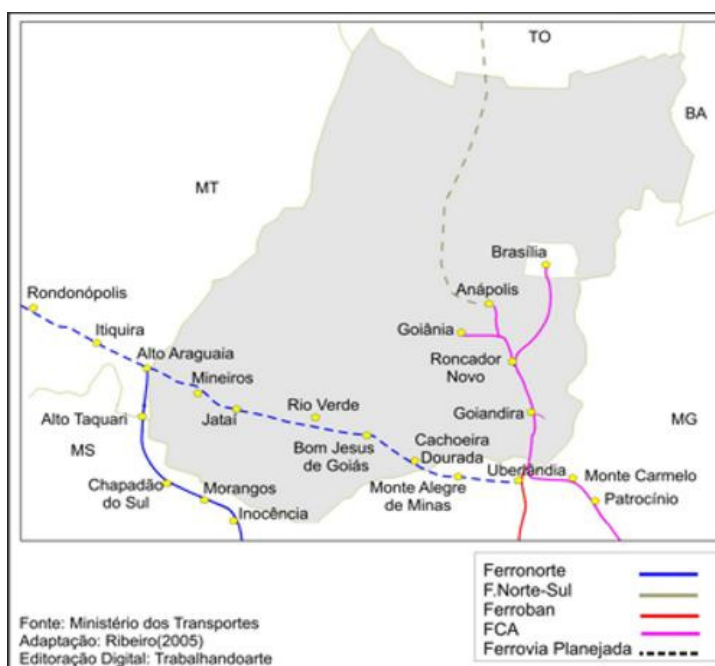


Gráfico 03 – Extensão territorial do Estado de Goiás, da Microrregião de São Miguel do Araguaia e Município de Crixás  
 Fonte: IBGE.- SEPLAN-GO / SEPIN / Gerência de Estatística Socioeconômica.  
 Disponível: <http://www.seplan.go.gov.br/sepim/> Acesso em: 03/09/2009.  
 Org. DIAS, Wagner Alceu.

Aparentemente, Crixás não tem muita significância em tamanho, mas em relações aos demais municípios do Estado seu território é representativo, possuidor de uma área que foi palco de muitas fragmentações, mas que ainda tem uma dimensão confortável para o desenvolvimento de atividades econômicas.

A partir dos quadros vistos é possível constatar que as áreas ao norte de Goiás não têm expressividade populacional, em relação às áreas do sul. Isso se deve ao fator da logística,<sup>5</sup> que foi fundamental para que houvesse um interesse dos grandes conglomerados industriais do Sudoeste brasileiro, juntamente com os incentivos do próprio Estado em avançar suas relações de produção. Basta olharmos para o mapa 6 para entendermos como se desenvolveu esse processo de descentralização industrial, em especial, advindas de São Paulo.



Mapa 06 – Principais fluxos derivado do pólo agroindustrial.  
Disponível em: <[www.trabalhandoarte.com.br](http://www.trabalhandoarte.com.br)>. Acesso em 20 dez. 2008.

Nessa perspectiva, é válido salientar que a intenção de investimentos para Goiás acompanha a lógica do custo/benefício, pois as regiões que irão receber mais investimentos são justamente as que possuem todo um aparato logístico capaz de multiplicar ou triplicar as produções, condicionando o crescimento econômico de Goiás. É como descrevem Pereira & Almeida Filho (2003, p. 47- 48):

<sup>5</sup> Logística é a área da gestão responsável por prover recursos, equipamentos e informações para a execução de todas as atividades de uma empresa. Entre as atividades da logística estão o transporte, movimentação de materiais, armazenamento, processamento de pedidos e gerenciamento de informações.

Portanto, podemos aprender que o Sudoeste de Goiás teve o seu desenvolvimento induzido por forte ação estatal que, para isso, utilizou diversas políticas de incentivo, algumas de âmbito geral, como o SNCR e infra-estrutura rodoviária, e outras de âmbito específico, como o programa POLOCENTRO, que lograram estimular na região agricultura tecnicamente moderna e aliado a esse incentivos federais o governo estatal estimulou a agroindustrialização através de programas que tinham como base a redução do ICMS.

Enquanto isso, as regiões menos equipadas para produção e escoação, são desfavorecidas de investimentos, conseqüentemente tal ação do Estado não potencializa o desenvolvimento econômico das Microrregiões de São Miguel do Araguaia, deixando Crixás às margens da modernização da agricultura. Portanto, pela precária logística do norte, os investimentos são irrisórios, comparados ao da região sul. Mas, mesmo com as prioridades desfavoráveis, Crixás faz-se uma cidade possuidora de uma economia invejável, não esmorecendo frente à escassez de programas de desenvolvimento.

Sobretudo, esse panorama denota uma dinâmica territorial efêmera, onde a proposta aqui é encontrar vestígios e indícios capazes de demonstrar que, mesmo com a ausência de políticas públicas de desenvolvimento, a Microrregião de São Miguel do Araguaia, ainda com o Cerrado em estado consideravelmente conservado, possa representar uma significativa contribuição à economia de Goiás, não descartando a possibilidade de que nas próximas décadas sirva como receptáculo do processo de descentralização da agroindústria e, conseqüentemente, da agricultura.

O plano geográfico, equipado por uma estrutura satisfatória à aplicação de técnicas, consegue aglutinar indústrias, conseqüentemente pessoas, certo de que a natureza da economia de concorrência tem a preocupação de projetar uma produção que não seja de grande onerosidade. A organização espacial, sediado pelas malhas viárias, constitui a conduta indispensável para a chegada da modernização dos meios de produção. Evidentemente, o norte goiano ainda se encontra em fase tradicional na sua produção, mas que não está fora da lógica do capital, uma vez que a descentralização industrial terá como elementar realização a expansão de suas atividades sob a construção de ferrovias e rodovias capazes de integrar a economia goiana, trazendo um salto qualitativo à economia do Estado de Goiás.

Porém, no momento, Crixás carece de infraestrutura para uma maior integração à economia goiana. Mesmo com toda a precariedade, devemos conceber que o norte goiano possui participação na economia goiana. Nossa preocupação será destacar a importância da

Microrregião de São Miguel do Araguaia, da qual pertence o município de Crixás, enfatizando sua economia como parte significativa para Goiás.

A seguir, veremos alguns dados econômicos, financeiros, físicos e demográficos do Estado de Goiás, da Microrregião de São Miguel do Araguaia e do município de Crixás. Serão a partir destes que pretendemos compreender a efetiva participação de Crixás na economia de Microrregião de São Miguel do Araguaia, como também no contexto do Estado de Goiás.

Iniciaremos nossa análise partindo da observação dos dados que enfatizam a pecuária especificando a produção bovina. Veja o gráfico 04.

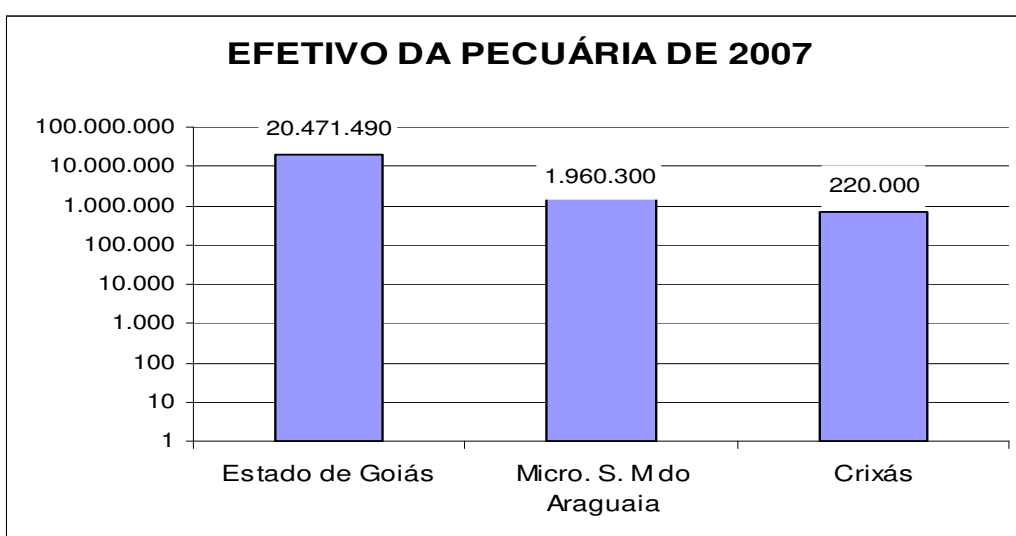


Gráfico 04 – Efetivo da pecuária do Estado de Goiás, da Microrregião de São Miguel do Araguaia e Município de Crixás em 2007.

Fonte: Secretaria da Fazenda do Estado de Goiás – SEPLAN-GO / SEPIN / Gerência de Estatística Socioeconômica.

Disponível: <http://www.seplan.go.gov.br/sepin/> Acesso em: 14/09/2009.

Org. DIAS, Wagner Alceu

Diante do gráfico 04, não restam dúvidas de que Crixás e sua Microrregião possuem um substancial peso na produção de gado em Goiás o que, conseqüentemente, corrobora para a formação expressiva da pecuária goiana. De todo gado produzido em Goiás 9,57% é advindo da Microrregião de São Miguel do Araguaia, que de seu total conta com um percentual de 11,22% do Município de Crixás. Os números da produção bovina favorecem a inserção de Crixás na economia goiana, principalmente se olharmos a importância da pecuária no mercado exterior. Tabela 04.

## PRINCIPAIS PRODUTOS GOIANOS EXPORTADOS EM 2007

<b>PRODUTOS EXPORTADOS</b>	<b>US\$ FOB EXPORTADO</b>	<b>PARTICIPAÇÃO DO TOTAL</b>
<b>CARNES</b>	994.215.439	31,22%
<i>Bovinas</i>	777.680.015	24,42 %
<i>Aves</i>	168.901723	5,30%
<i>Suínas</i>	47.633.701	1,50%
<b>Complexo soja</b>	880.666.827	27.66%
<b>Sulfeto de cobre</b>	436.290.046	13,7%
<b>Ferroligas</b>	172.586.587	5.42%
<b>Complexo milho</b>	167.775.276	5.27%
<b>Couros</b>	105.558.369	3.31%
<b>Amianto</b>	62.786.996	1.97%
<b>Prep. alimentícias</b>	36.858.575	1.16%
<b>Açúcar</b>	36.330.691	1.14%
<b>Algodão</b>	35.462.755	1.11%
<b>Leite e derivados</b>	31.070.424	0.98%
<b>Adubos</b>	23.098.734	0,73%

Tabela 04 – Principais produtos goianos exportado em 2007

Fonte: Superintendência Federal da Agricultura.

Disponível em: <http://www.seplan.go.gov.br/sepin/> Acesso em: 10/06/2009.

Org. DIAS, Wagner Alceu.

Dessa forma, fica explícita a importância da pecuária para a economia de Goiás, pois a carne bovina em 2007 foi recordista, representando 24,42% de participação dos produtos exportados.

Entre todos os municípios de Goiás, ao fazer um levantamento dos que mais criam gado, verificamos que a pecuária é bem distribuída pelo Estado, mas nos chamou a atenção o fato de um dos municípios que compõe a Microrregião de São Miguel do Araguaia estar em 1º lugar no ranking de produção, como mostra o gráfico 05.

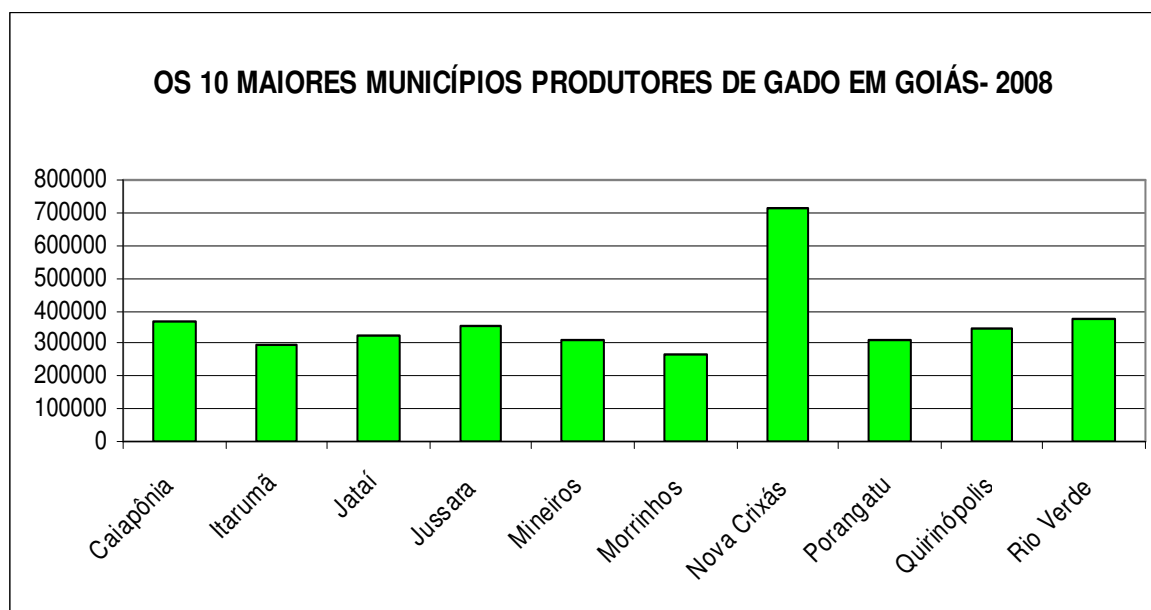


Gráfico 05 – Os 10 maiores municípios produtores de gado do estado de Goiás em 2008.  
 Fonte: Secretaria da Fazenda do Estado de Goiás – SEPLAN-GO / SEPIN / Gerência de Estatística Socioeconômica.  
 Disponível: <http://www.seplan.go.gov.br/sepin/> Acesso em: 15/08/2009.  
 Organização e elaboração DIAS, Wagner Alceu.

A produção bovina de Nova Crixás representa 36,49% do total produzido pela Microrregião. Esse número nos habilita dizer que ao pensar na pecuária, mesmo inexistindo um pólo industrial, não podemos desvincular nosso olhar do norte goiano.

Depois de ter verificado a importância da pecuária para a balança comercial de Goiás, vamos observar a produção de grão do Estado de Goiás e a contribuição da Microrregião de São Miguel do Araguaia, como também do município de Crixás.

O gráfico 06, ao ser analisado à luz da tabela 03, revela que a produção de grãos em Goiás é importante para sua balança comercial, mas que é pouco desenvolvida ao norte de Goiás. São Miguel do Araguaia contribui com a produção de grãos apenas com 0,28% do total do Estado, do qual 0,06% é advindo de Crixás. A agricultura não é uma atividade que demonstra expressão, o que pressupõe pouco envolvimento do agronegócio.

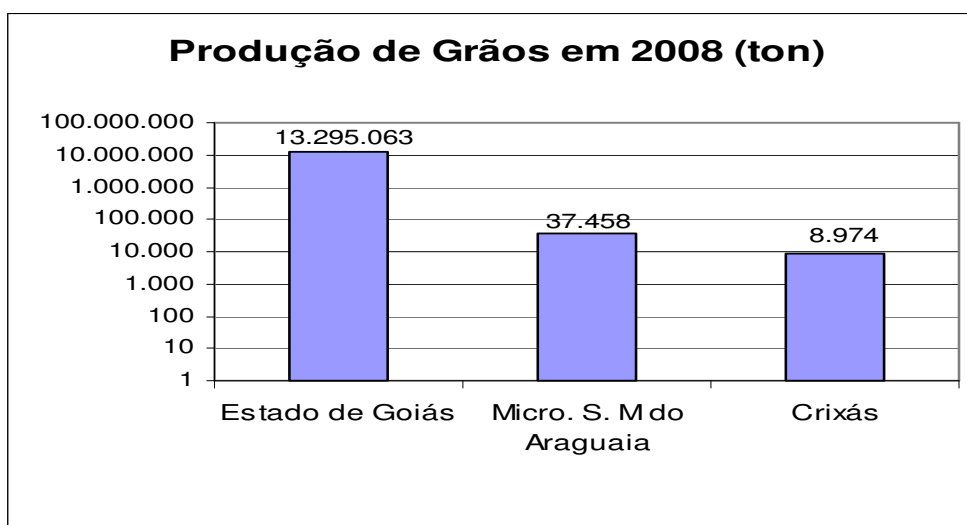


Gráfico 06 – Produção de Grãos no Estado de Goiás, na Microrregião de São Miguel do Araguaia e Município de Crixás em 2008. Fonte: Secretaria da Fazenda do Estado de Goiás. Disponível em: <http://www.sefaz.go.gov.br/> Acesso em: 28/10/2009. Org. DIAS, Wagner Alceu.

Outra contribuição significativa para a economia goiana é a extração mineral, com ênfase para a produção aurífera. Goiás, que produz 11.560 toneladas de ouro por ano, tem uma grande dependência da Microrregião de São Miguel do Araguaia, que produz 49,28% de toda a produção, conforme mostra o gráfico 07.

Entretanto, como é observado pelos números, 100% da produção da Microrregião é derivada do Município de Crixás, pois não há mais nenhum município que faz a extração desse mineral.

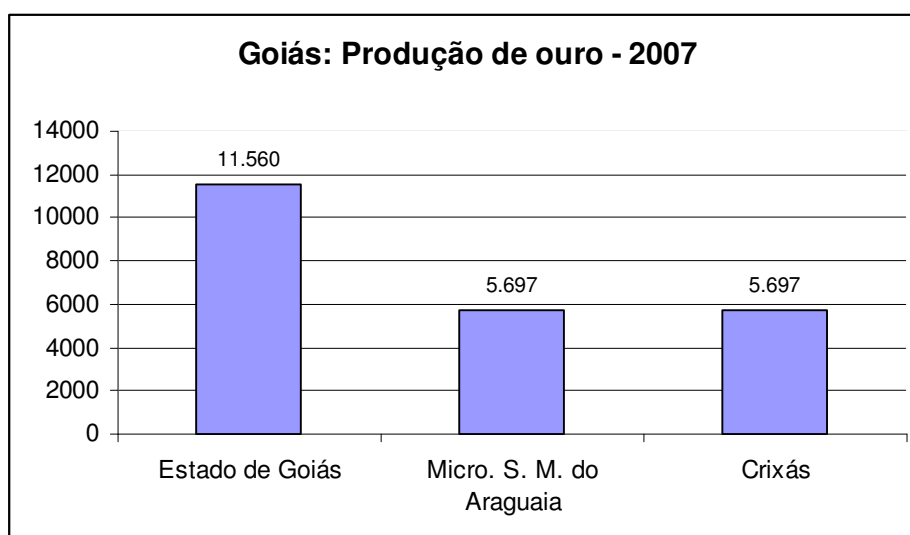


Gráfico 07 – Produção mineral no Estado de Goiás, Microrregião de São Miguel do Araguaia e Município de Crixás em 2007.

Fonte: IBGE – SEPLAN-GO / SEPIN / Gerência de Estatística Socioeconômica – 2008. Disponível: <http://www.seplan.go.gov.br/sepim/> Acesso em: 15/09/2009. Org. DIAS, Wagner Alceu.

Com base nos dados dos quadros e tabelas, aos poucos Goiás se apresenta sobre pautas econômicas, demonstrando certa dependência das áreas do norte. Como foi exposto, a pecuária e a mineração de Crixás e sua respectiva microrregião contribuem fortemente para a formação do perfil econômico de Goiás, concomitantemente desmerecendo atenção para sua agricultura. Diante dessas estatísticas, pressupõe-se que, pela ausência da agricultura em larga escala, elimina a probabilidade do setor industrial ser pujante nestas áreas. Para isso, vamos recorrer ao gráfico 08, que esboça indícios de instalações industriais.

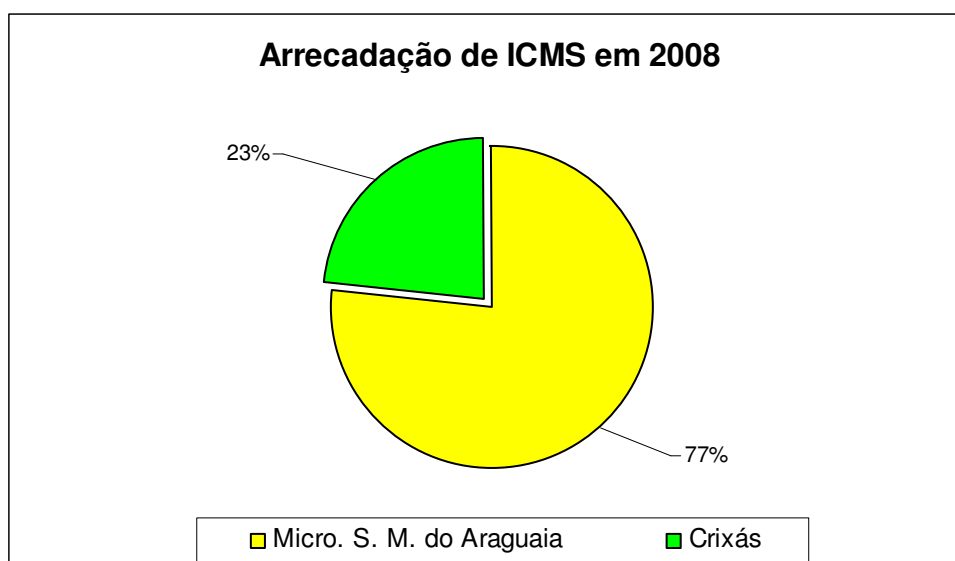


Gráfico 08 – Arrecadação de ICMS no Estado de Goiás, Microrregião de São Miguel do Araguaia e Município de Crixás em 2008

Fonte: Secretaria da Fazenda do Estado de Goiás

Disponível em: <http://www.sefaz.go.gov.br/> Acesso em: 20/07/2009

Org. DIAS, Wagner Alceu.

Diante da arrecadação do ICMS (Imposto Sobre Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços) entende-se que, do total arrecadado pelo Estado de Goiás, apenas 1,16 são da Microrregião de São Miguel do Araguaia, da qual Crixás participa com o percentual de 30,40%. A contribuição da microrregião para o Estado é quase que insignificante, mas a participação de Crixás para a microrregião deve ser considerada como importante. Essa incoerência, cuja arrecadação de Crixás foge da média da microrregião, se deve ao fato da presença da indústria de mineração Serra Grande.

Feito as considerações das atividades econômicas sobre presença e ausência no fortalecimento das estatísticas da microrregião e do Estado de Goiás, vamos agora conhecer mais o município de Crixás, entender sua dinâmica interna.

### *3.2 – A relação entre cidade e distrito no município de Crixás-GO*

No item 2.2.1 foi comentado os vários processos de fragmentação territorial que o município de Crixás sofreu, presidido sobre leis municipais que atendiam os requisitos da lei estadual. Porém, o município de Crixás agrega uma cidade e um distrito. A cidade fica denominada com o mesmo nome do município, já o distrito ganha o nome de Auriverde. Entretanto, a cidade de Crixás, por ser a sede administrativa, tem como incumbência zelar pelo patrimônio do distrito de Auriverde, e também prestar serviços à população, atendendo as necessidades básicas como coleta de lixo, limpeza do perímetro urbano, equipar posto de saúde com médicos e medicamentos, oferecer educação, entre outras benfeitorias.

Segundo Souza (2005, p. 26), a cidade tem uma especificidade em relação ao distrito, enunciando certa hierarquia funcional.

Em contraste, as cidades possuem uma certa centralidade econômica. Sua área de influência pode, muitas vezes, não ir além dos limites territoriais da unidade político-administrativa local da qual ela é a sede (no caso brasileiro, o município). Todavia, basta ela polarizar, economicamente, o seu entorno imediato, ou seja, as cidades vizinhas, para que sua área de influência já possa ser considerada digna de nota. A cidade é, sob o ângulo do solo, ou das atividades econômicas que a caracterizam, um espaço de produção não-agrícola (ou seja, manufatureira ou propriamente industrial) e de comércio e oferecimento de serviços.

Cumprido sublinhar que o distrito geralmente não tem autonomia de mercado ou mesmo de serviço, uma vez que o distrito não possui legitimidade política para receber qualquer tipo de receita. Essas características podem delinear o perfil de um distrito, assim como é denominado por Montes (2006, p. 34): “O distrito é, portanto, uma subdivisão do município, que tem como sede, a vila. Ele não tem autonomia administrativa e só pode ser criado por meio de lei municipal, porém, obedecendo aos requisitos exigidos por lei estadual.” Essa subdivisão via legislação, que ocorre no município, promove um estado de dependência do distrito em relação à sede, que é expressa pela grande mobilidade de pessoas que frequentemente participam do aparato de mercado e serviço da cidade.

Neste item, iremos elucidar a dinâmica existente entre a cidade de Crixás e o distrito de Auriverde, na proposta de chegar ao entendimento de sua atual ligação, dependência, ou até mesmo uma suposta divergência. Nessa análise daremos mais atenção ao distrito, observando sua população, tanto em qualidade como em quantidade. (Fig. 05)

A distância entre a cidade de Crixás até o distrito de Auriverde corresponde a 40 km. Há uma desproporção dimensional entre a cidade e o distrito. Crixás se apresenta mais condensado pela materialização do trabalho e Auriverde um tanto quanto rarefeito de construções. Mas as diferenças entre cidade e distrito não são pautadas apenas mediante a extensão territorial, pois o que vai distinguir a cidade e o distrito será o modo de vida, o tempo no espaço e o espaço no tempo.

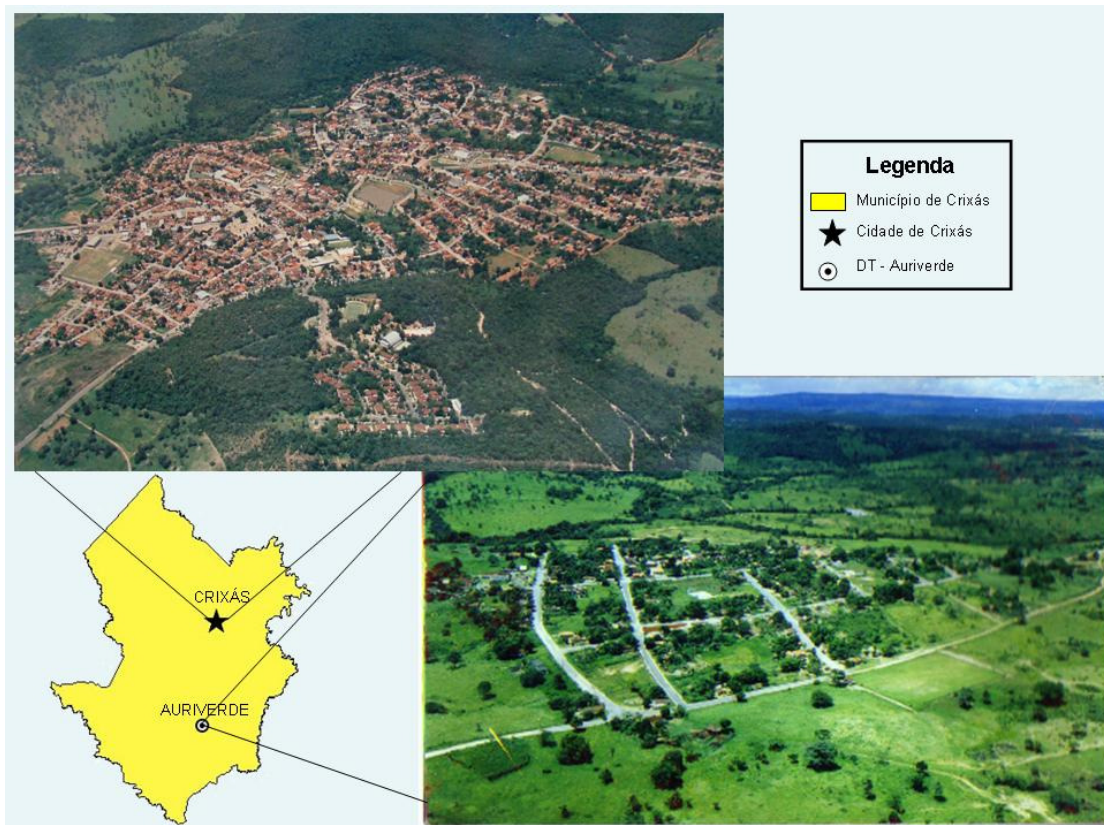


Figura 01 – Identificação do substrato espacial material da cidade de Crixás e do distrito Auriverde  
Org. DIAS, Wagner Dias.

Auriverde conta com, aproximadamente, 150 (cento e cinquenta) residências com uma população estimada em 500 (quinhentos) habitantes. Seu quadro eleitoral está em torno de 2.500 (dois mil e quinhentos) eleitores, dos quais 2.000 (dois mil) se encontram no campo, residindo nas fazendas e chácaras. Portanto, há mais habitantes no campo do que dentro do perímetro urbano. Isso demonstra, de acordo com Souza (2005), que o distrito possui uma natureza centrífuga, por razões do exercício das atividades econômicas estarem voltadas mais para o campo do que propriamente para o interior do distrito.

A figura 02 tem como objetivo mostrar um pouco de Auriverde, seus estabelecimentos comerciais, residências, repartições públicas, área de lazer, igrejas entre outros.



Auriverde, como pode ser observado, não dispõe de uma infraestrutura interna que atenda todas as demandas de seu povo. Sua conjuntura comercial é formada por 2 (dois) mercados, 2 (dois) açougues, 1(uma) oficina de motocicleta, 1 (um) bar, 1 (uma) lanchonete e 1 (uma) pensão. Os estabelecimentos públicos são: 1 (uma) escola municipal, 1 (um) colégio estadual, 1 (uma) biblioteca municipal, 1 (um) posto de saúde municipal equipado com ambulância para transportar pacientes em estado mais grave e 1 (um) reservatório de água da Saneago. A religião é bem representada em Auriverde, que possui 1 (uma) igreja católica, 2 (dois) Assembléia de Deus e 1 (uma) adventista. As residências variam, desde as antigas até as que utilizam uma arquitetura mais moderna.

O setor de serviço é bastante precário, fazendo com que seus habitantes recorram às cidades vizinhas. Ao norte, como já foi mencionado, percorrendo 40 km chega-se à cidade de Crixás. Ao sul, também com uma distância de 40 km, encontra-se localizada a cidade de Nova América.

Portanto, Auriverde se localiza exatamente entre Crixás e Nova América. Essa condição de emergência de mercado e serviço é perfeitamente anunciada por Souza (2005, p.26) em relação às aldeias e povoados, o que não implica em cita-lo, visto que sua denominação de povoado repercute na caracterização de distrito.

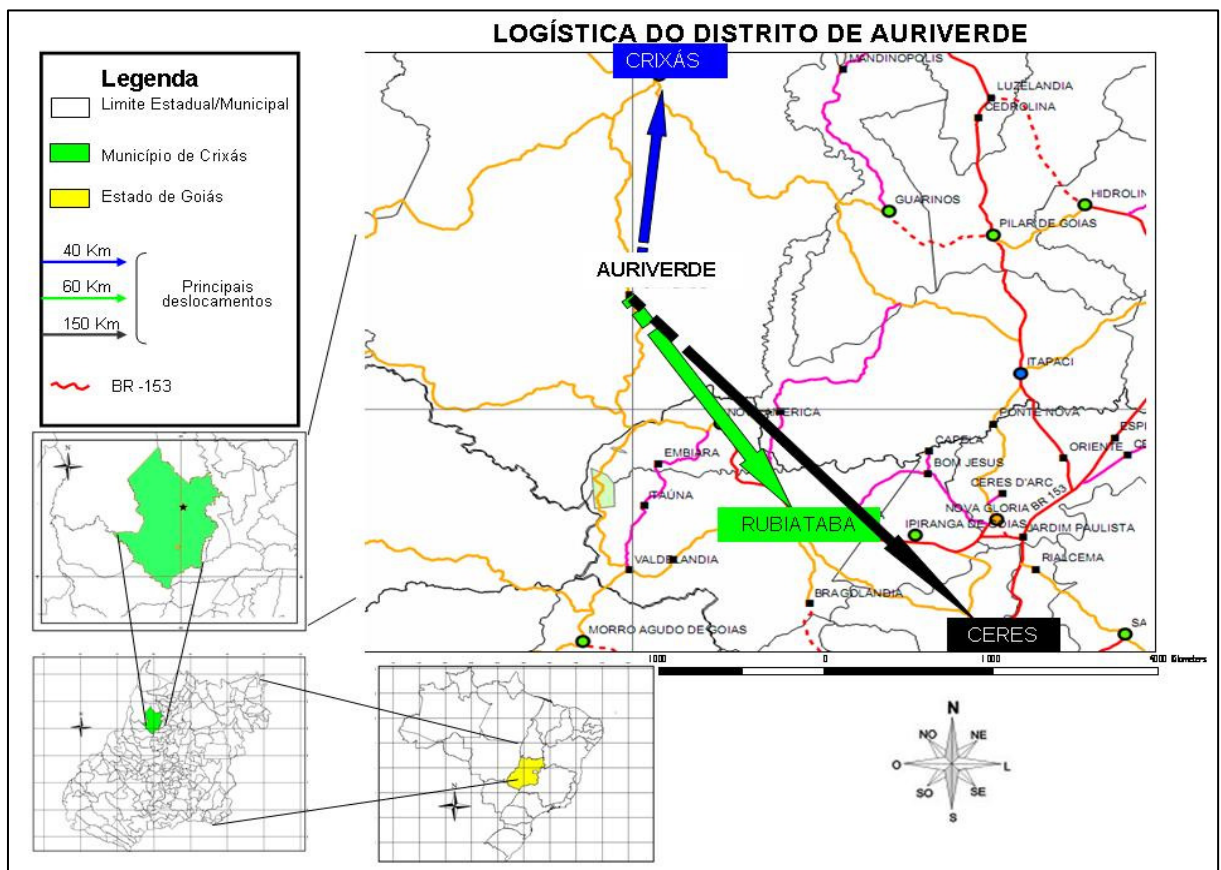
O comércio de aldeia ou povoado é rudimentar, e é voltado para o auto-abastecimento local. Os gêneros agropecuários produzidos pelos aldeões ou moradores do povoado são, eles sim, frequentemente destinados a um mercado maior, onde serão, muitas vezes, processados e industrializados, sendo, posteriormente, reenviados a muitos outros mercados. Por outro lado, os aldeões ou moradores do povoado, enquanto consumidores, precisam, para adquirir qualquer coisa que não seja produzida por eles mesmos ou que ultrapasse aquilo que constitui os gêneros de consumo mais rotineiros (certos alimentos, dentre outras coisas), mas que não são produzidas pela própria família, dirigir-se à cidade mais próxima, às vezes a uma cidade maior e mais distante, dependendo do bem ou serviço que procuram.

Quanto às necessidades de serviços variados que Auriverde não dispõe, seus moradores procuram Rubiataba ou Crixás. Rubiataba fica a 20 km depois de Nova América. Cerca de 30% das pessoas que rotineiramente fazem compras em outras cidades procuram Rubiataba, mesmo sendo mais longe preferem ir para essa direção em função dos preços que sempre são mais atrativos, e também pela situação das estradas. A estrada entre Auriverde e Nova América sempre se apresenta em melhores condições em razão de Mozarlândia. 16 km antes de chegar em Nova América há um trevo que segue até Mozarlândia, dessa forma o frigorífico Bertini proporciona um fluxo intenso de caminhões para o transporte de gado.

Porém, as estradas que dão acesso à Mozarlândia sempre são retocadas, seja pela prefeitura ou pelo Estado de Goiás.

Além do deslocamento que ocorre para Crixás e Rubiataba, também há uma intensa procura pelos serviços de saúde na cidade de Ceres, que é considerada como referência regional na medicina. Para fins de localização e compreensão dos principais deslocamentos da comunidade de Auriverde, o mapa 07 tem essa função.

Durante o ano inteiro, os auriverdenses reclamam de suas estradas, tanto a que liga até Nova América como a que chega até Crixás, pois ambas não são pavimentadas. Inclusive, de acordo com entrevista realizada em trabalho de campo, Auriverde é apontada como um lugar ruim pra se morar, onde um dos principais motivos se encontra na precariedade das estradas que sempre estão muito esburacadas, pontes caídas, oferecendo perigo aos que trafegam.



Mapa 07 – Logística – principais fluxos da comunidade de Auriverde

Fonte: Base de dados – IBGE.

Org. Dias, Wagner Alceu.

Segue-se abaixo o gráfico 09 que ostenta as diversas insatisfações dos moradores de Auriverde em relações a infra-estrutura do distrito, que de acordo com entrevistas realizadas em trabalho de campo, comprova a existência das condições precárias de moradia.

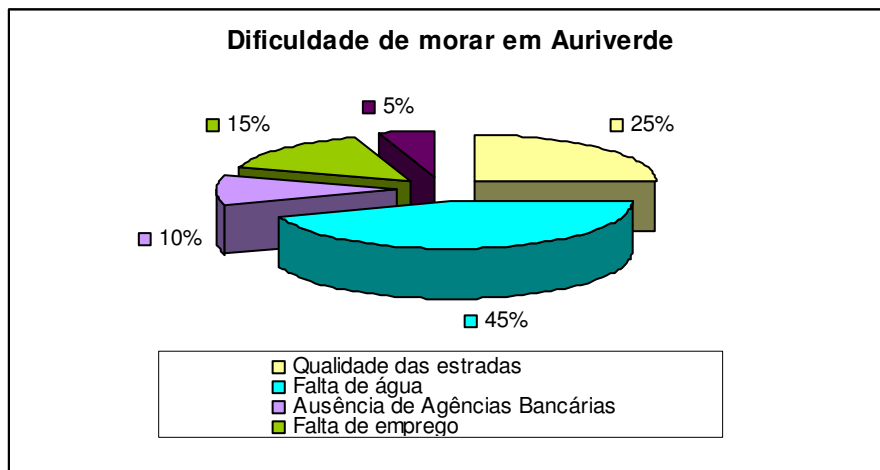


Gráfico 09 – Opinião pública apontando as dificuldades de morar em Auriverde  
Elaboração realizada mediante questionário aplicado em trabalho de campo – 24/05/2009  
Org. DIAS, Wagner Alceu.

Todavia, o problema das estradas é considerado, pelos moradores de Auriverde, a segunda maior importância, só perdendo para a escassez da água. Em terceiro lugar, vem a falta de emprego, seguido da ausência de agências bancárias.

Ao evidenciar a água como o maior problema para os moradores de Auriverde, procuramos saber quais os motivos que levaram grande parte de seus moradores dizerem a mesma resposta. Descobrimos que o reservatório de água da Saneago não tem uma estação de tratamento, pois a água utilizada para todos os afazeres, inclusive para beber, é bombeada de um poço artesiano para o reservatório que, posteriormente, é distribuída entre as residências. Porém, o mais agravante é que o motor que bombeia a água do poço artesiano só é ligado na parte da manhã, ação que é justificada pelo responsável da Saneago como insuficiência de água. É alegado que o poço artesiano não suporta a demanda do distrito, admitindo que há a necessidade de perfuração de outros poços.

Já houve várias ocorrências em que o motor se encontra danificado, fato que submete os moradores, principalmente aqueles que não tem caixa d'água em casa, ficar sem água durante o período gasto para o concerto do mesmo. Sem dúvida, esse é um grande problema enfrentado pela comunidade auriverdense.

Ainda fazendo jus ao gráfico 09, foi estabelecido como 4º maior problema a ausência de agências bancárias, fato que promove um freqüente deslocamento dos moradores de Auriverde para as cidades vizinhas, para efetuar pagamentos de contas de água, luz, telefone, como também para receber o próprio salário. Aposentados, pensionistas, servidores

públicos têm, à sua disposição, um coletivo cedido pela prefeitura de Crixás para transportar essas pessoas até a cidade. Essa ação da prefeitura em dispor o transporte para a comunidade de Auriverde inibe parcialmente a fuga de capital para outros mercados de outras cidades como, por exemplo, Rubiataba, que já é uma cidade que recebe boa parte dos gastos da população de Auriverde.

Em trabalho de campo realizado na cidade de Crixás, houve um questionário destinado exclusivamente para o comércio, o qual teve a prioridade de identificar quais as cidades que fortalecem o mercado interno com gastos em produtos e serviços. O gráfico 10 mostra exatamente como é o fluxo nos comércios de Crixás.

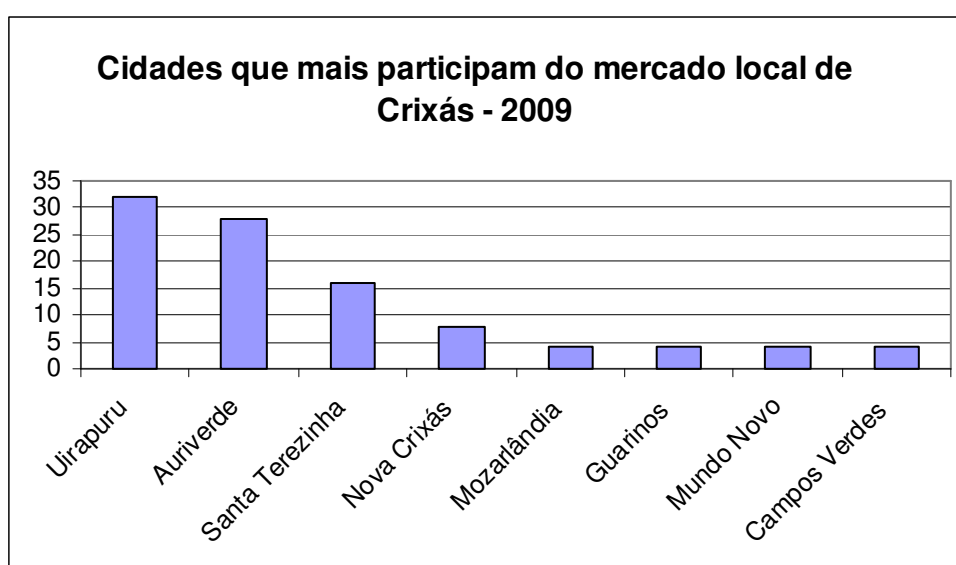


Gráfico 10 – Cidades que mais participam do mercado interno de Crixás.  
Elaboração realizada mediante questionário aplicado em trabalho de campo. 24/05/2009.  
Org. DIAS, Wagner Alceu.

De acordo com a pesquisa, fica evidente que a relação entre distrito e cidade, neste caso Auriverde e Crixás, não representa uma dependência prioritária, ou seja, é de praxe o distrito ter 100% de participação em sua cede, o que não acontece entre Auriverde e Crixás. Uirapuru fica a 35 km afastados de Crixás, quase a mesma distância de Auriverde, porém, sua estrada é pavimentada, o que se torna uma condicionante para a intensidade de deslocamento. O gráfico 10 nos informa que o comércio de Crixás é fortemente abastecido pelos gastos da comunidade de Uirapuru, representando 32% de participação. Auriverde vem em 2º lugar com uma participação de 28%. Um dos motivos de Uirapuru gastar mais em Crixás do que o distrito de Auriverde é a falta de opção. Auriverde, como já dissemos, tem opções que demonstram mais vantagens. Todavia, o que vai predominar nas relações entre as cidades e a cidade e o distrito é a logística.

Outro importante fator que deve ser considerado nos deslocamentos do distrito, ou que seja pequena cidade como o caso de Uirapuru, é a questão da regularidade fiscal, em função de comprovação, principalmente se tratando de estabelecimentos públicos. Auriverde, como foi falado, possui um colégio estadual que atende 148 (cento e quarenta e oito) alunos. Dessa forma, há uma demanda de merenda que o diretor, juntamente com a gerente de merenda, tem a responsabilidade de efetuar a compra dos gêneros alimentícios. É exigido pelo SEE – Secretaria de Educação do Estado, a execução de cotações no mínimo em três estabelecimentos diversificados para que a compra seja feita onde os preços estejam mais acessíveis. Nessa circunstância, Auriverde dispõe apenas de 2 (dois) mercados, que ainda não contém todos os gêneros necessários, iniciando pelas verduras e panificação. Além dessa deficiência ainda tem o problema das notas fiscais, que é obrigatório, emissão que não é concedida pelos mercados de Auriverde. Nessa perspectiva, fica quase como uma obrigação fazer as compras da merenda escolar em Crixás.

Foram contabilizadas 7 (sete) cidades que alimentam o mercado local de Crixás com freqüência. Entretanto, diante de tais dados é correto afirmar que Crixás possui uma conjuntura comercial satisfatória, o que pode ser verificado na figura 3.

Crixás é uma cidade que dispõe de uma estrutura comercial e de um setor de serviços que realmente chama a atenção. Souza (2005, p.26) completa que:

Ocorre que as cidades, muito frequentemente, situam-se tão próximas umas das outras que a interação entre elas vai, à medida que crescem e se relacionam mais e mais entre si, sofrendo uma transformação importante. Com o tempo, já não se trata mais, apenas, de que os bens produzidos em uma são vendidos na outra, ou de que os habitantes de uma buscam certos serviços mais especializados na outra, ou, ainda, de que eventuais instituições político-administrativas, legislativas, judiciárias, religiosas ou militares, sediadas em uma, exerçam seu poder também sobre a outra.

Três motivos podem ser considerados para justificar a efervescência dos mercados em Crixás, fato que são atribuídos aos municípios circunvizinhos.

- 1) à localização dos municípios, em se tratando da distância em km em relação a Crixás.
- 2) à diversidade de produtos e serviços que Crixás ostenta.
- 3) Um município de pouco mais de 14 mil habitantes ter duas concessionárias e uma escola de teatro é algo que extrapola a convencionalidade dos municípios goianos. Esse aparato de serviço e produtos que Crixás disponibiliza é responsável pela diversidade de consumidores de outras cidades.

SUBSTRATO ESPACIAL MATERIAL DE CRIXÁS



Figura 03 – Panorama da cidade de Crixás  
Org. DIAS, Wagner Alceu.

Por último, é a própria precariedade de cada município. Sua conjuntura mercantil oferece apenas os gêneros e produtos de uso rotineiro, satisfatório às necessidades básicas.

Contudo, Crixás também, de acordo com pesquisas realizadas em trabalho de campo, não consegue absorver todos os gastos de sua própria comunidade. A insatisfação com os serviços e produtos existe, porém de menor tamanho. Dos 55% entrevistados, a insatisfação para com a cidade é ostentada mediante a saúde, reclamando haver poucos médicos e precariedade em aparelhos para fazer exames de alta tecnologia.

Também, representando 30% dos entrevistados, houve queixa sobre a falta de opção de lazer. Segundo tais entrevistados, Crixás aos finais de semana é “muito parado”, não tem clubes e *shoppings* para que as pessoas possam sair e reunir. Normalmente, vão para a beira dos rios ou córregos, quando não vão para a cidade vizinha, Santa Terezinha, uma vez que lá tem um clube bastante freqüentado pelos crixenses.

Apenas 10% dos entrevistados reclamaram da falta de emprego. E por último, houve uma insatisfação um tanto quanto canina, pois 5% precisam sair da cidade em busca de um *pet shop* a procura de remédios, rações, veterinários e utensílios para cães e gatos. Essa, de certa forma, me surpreendeu, mas realmente é uma demanda que tende a fazer parte das relações urbanas.

No bojo da discussão entre cidade e distrito, surge um outro assunto que pretendemos tratar nos próximos itens, embora nossa compreensão da dinâmica territorial de Crixás já tenha ganhado uma direção, uma vez que fizemos a exposição de seu substrato espacial material e seu grande prestígio entre os municípios limítrofes. Mas, agora nos resta explicitar as atividades econômicas desenvolvidas por Crixás, destacando seus pontos positivos e negativos, considerando que todo desenvolvimento é advindo de uma ação direta sobre a natureza, essa que se apresenta predominantemente como bioma do Cerrado. Faremos uma análise da atual dinâmica territorial de Crixás, observando o que o tempo proporcionou ao espaço, cujas atividades econômicas incidem na transformação do Cerrado, elaborada pelos diferentes tipos de poderes que atuam no meio e sobre as relações sociais de produção.

### **2.3 – Pequena agricultura e grande pecuária em Crixás-GO**

O gráfico 11 nos orienta que a produção agrícola de Crixás não tem expressividade para a economia do próprio município. A soja, que trouxe a modernização pra

alguns municípios de Goiás, nem ao menos chega a ser plantada. A cana-de-açúcar, que tem se expandido no Estado de Goiás nos últimos anos, pelo que demonstra o gráfico, a quantidade exposta significa que são plantações pra fazer rações pra gado, fazer silagem apenas. Segundo trabalho de campo, verificou-se que toda a plantação de arroz é derivada de lavouras comunitárias, onde a prefeitura arrenda terras para a comunidade local plantar, a troco de uma pequena porcentagem da produção. Já o milho, muitos dos proprietários das terras plantam para a alimentação de animais e abastecimento interno da comunidade urbana. Uma curiosidade no plantio de milho foi notada nos comércios agropecuários. Segundo os donos dos comércios, os agricultores, em sua maioria, compram sementes crioulas. Uma minoria compra a semente usinada.

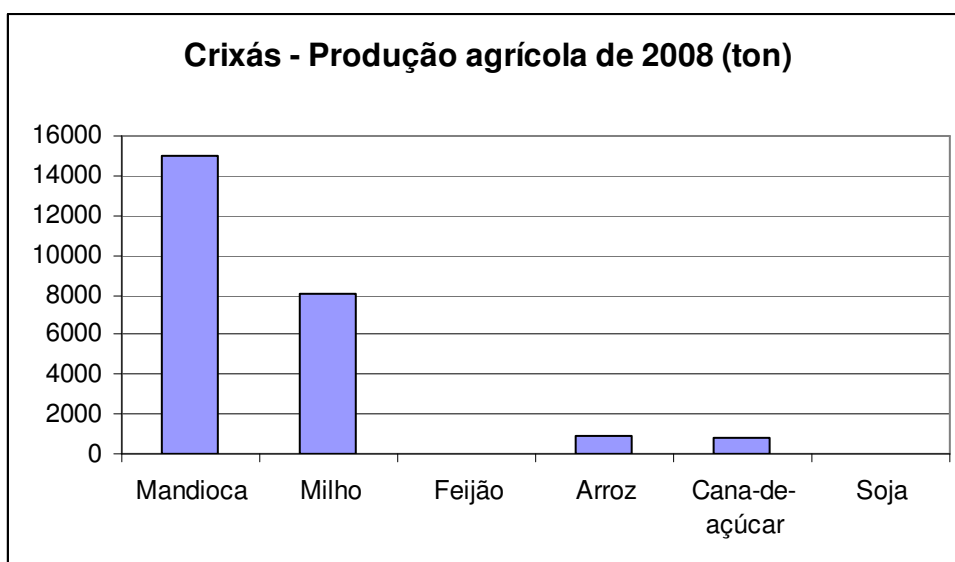


Gráfico 11 – Produção agrícola de Crixás em 2008.

Dados do IBGE, elaboração da SEPLAN-GO / SEPIN / Gerência de Estatística Socioeconômica.

Disponível: <http://www.seplan.go.gov.br/sepim/> Acesso em: 21/09/2009.

Organização/elaboração, DIAS, Wagner.

Para uma maior compreensão, vamos explicar qual a diferença das duas sementes e identificar a causa da escolha. A semente crioula é a semente selecionada ao longo do tempo pelos próprios produtores. Esse trabalho é feito manualmente executado pela seleção das melhores espigas, retirando os milhos do meio da espiga. Assim, se perpetua uma seleção das melhores sementes, sem haver nenhuma alteração de genes da semente. Já a semente usinada, ou híbridas, são sementes geneticamente modificadas. Essa semente é o resultado de um cruzamento de duas linhagens de semente, cuja mistura resulta numa semente com um potencial produtivo muito superior a uma semente crioula.

Uma semente híbrida equivale por toda uma espiga do milho primitivo, comparando a matéria. Também se afirma que a produtividade pode ser superior num grau de 40 (quarenta) vezes mais produtiva que a semente primitiva do milho. Portanto, a semente híbrida diferentemente da semente crioula, não pode ser replantada. O sucesso da semente crioula está justamente do fracasso da semente híbrida. Todos os anos a semente deve ser comprada, pois o plantio de uma produção anterior não tem êxito em uma nova produção.

Entretanto, a agricultura de Crixás tem problemas na sua produção em função da inviabilidade nutritiva de suas terras. A agricultura não decolou no cenário econômico de Crixás. Para explicar a deficiência da produção agrícola, fez-se necessário investigar a vida dos pequenos produtores, principalmente daqueles que participam da feira do agricultor realizada nas quartas-feiras, com início às 16:00 h, até o esgotamento dos produtos.

Durante a visita na feira, eu (autor desta pesquisa) juntamente com o professor Calaça, (apêndice 2.a) entre uma compra de um queijo e uma rapadura, conversamos com os produtores e pegamos o endereço das fazendas, para posteriormente fazermos uma visita. Passando a feira, no dia seguinte, fomos fazer as visitas aos produtores que vendem seus produtos nas feiras. Na primeira propriedade visitada constatamos que o imóvel em que sucede sua produção é do seu pai. Lá é plantada a cana-de-açúcar que é moída no engenho, cuja força é derivada de energia animal. Depois da moagem é feito a rapadura, (apêndice 2.b) um processo que demanda certo conhecimento, esse que foi repassado de pai para filho. Também foi encontrado uma hortaliça, um mandiocal, milho e um bananal. Todos esses cultivos são para abastecer o comércio da feira em Crixás.

Depois da aplicação do questionário, constatou-se que sua produção só não é maior porque lhe falta financiamento. Não tem apoio ou qualquer tipo de incentivo por parte das lideranças. Esse tem sido um problema generalizado, entre os produtores.

Entre todos os produtores entrevistados, 100% têm a feira como sua principal fonte de renda. Reclamam que o retorno é pouco, mas que não há outra saída, pois não gostariam de se mudar de suas fazendas. Demonstraram prazer no que fazem.

Algo que foi notado é que a divisão social do trabalho se constitui somente entre marido e mulher, já os filhos ficam na cidade estudando, fazendo cursos ou trabalhando. Os próprios pais não gostariam de ver seus filhos trabalhando como eles trabalham. A interpretação da atitude dos pais, em repudiar o futuro do filho na sua mesma profissão, pode ser explicada pela dificuldade que eles enfrentam hoje, acompanhado da deficiência dos lucros.

Apesar das poucas lavouras encontradas no município de Crixás, percebe-se que a prática da agricultura nunca foi uma forte atividade econômica praticada pela população. Para entender essa ineficiência, é preciso recorrer à interdependência entre clima e relevo, pois os elementos físicos são elementos indicativos para a compreensão da realidade da agricultura em Crixás.

O solo do município de Crixás, em sua grande parte, é composto por áreas rochosas e com cerca de 40% com muitas depressões. (apêndice 2.c). Usando o gráfico 12, para observarmos o bioma Cerrado quanto ao seu uso, pode-se tirar algumas conclusões sobre o município de Crixás. Veja a seguir que o uso e apropriação do solo seguem uma coerência em relação à sua declividade. Para tanto, os dados referentes ao gráfico não pode ser determinante, mas colabora com nossa análise em afirmar a pequena agricultura de Crixás, possuidora de uma grande pecuária.

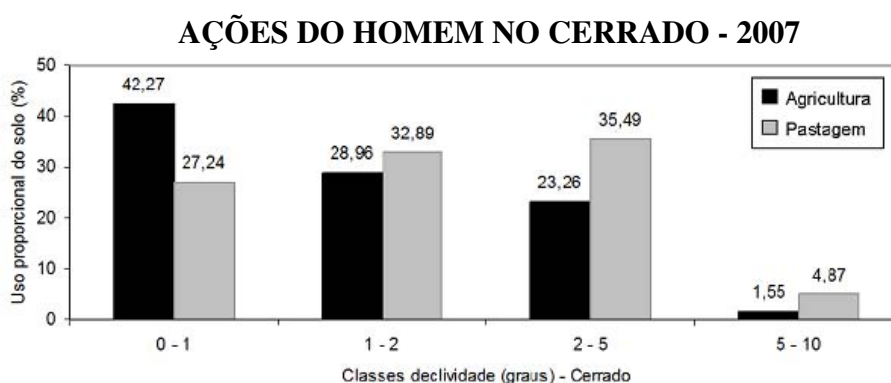
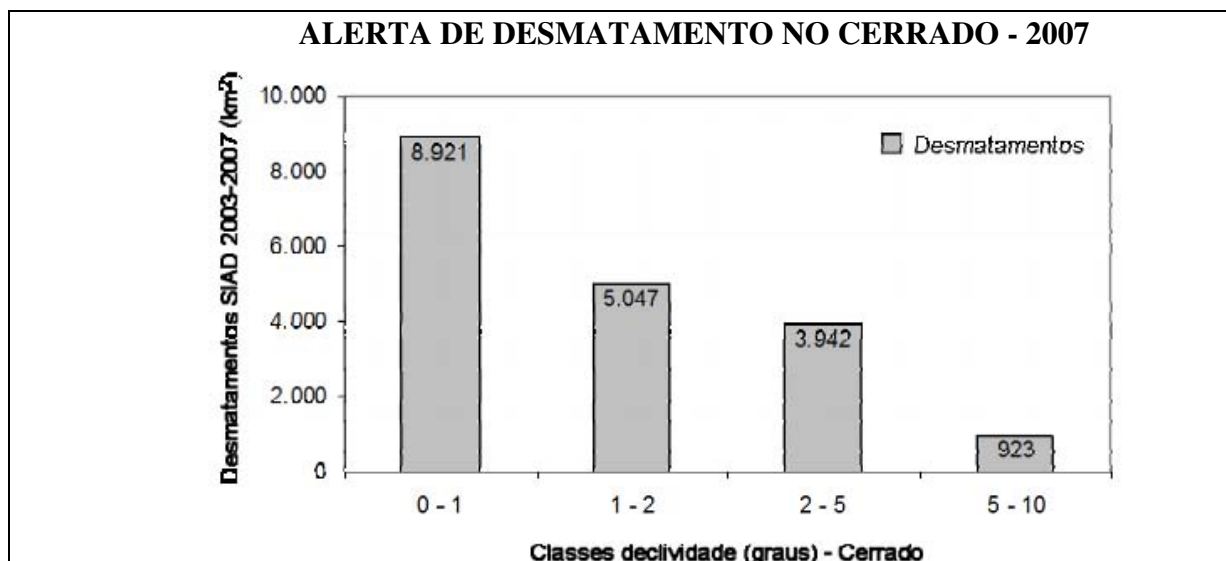


Gráfico 12 – Distribuição do uso antrópico no Cerrado (pastagem e agricultura), em função das classes de declividade com até 10°.

Fonte: Ferreira, Manuel Eduardo. Modelagem da dinâmica da paisagem do Cerrado. Dissertação defendida na UFG – 2009.

As pastagens aumentam gradativamente em detrimento ao grau de inclinação do solo, enquanto que a agricultura diminui. Esses indicativos não devem ser observados isoladamente, pois a mecanização da agricultura é um fator condicionante para a veracidade dos números. Até 1 grau de declividade do solo a agricultura é bastante significativa, uma vez que as máquinas que atuam no setor agrícola atuam com êxito de até 100% de eficácia.



— Gráfico 13 – Distribuição dos alertas de desmatamento no Cerrado (dados SIAD), entre 2003 a 2007, em função das calasses de declividade com até 10°.

Fonte: Ferreira. Manuel Eduardo. Modelagem da dinâmica da paisagem do Cerrado. Tese de doutorado defendida na UFG – 2009.

Ao passo que entre 2 a 5 graus de declividade a eficiência das máquinas agrícolas não atende ao esperado, onde algumas nem sequer podem ser utilizadas. Dessa forma, o solo ao ser apropriado como meio de produção, obedece à lógica do custo/benefício. No caso específico de Crixás, seu solo não corresponde em proporções de qualidade, investimentos para a produção agrícola. Assim, por outro lado, a pastagem por sinal é comumente vista e utilizada para a pecuária, que não depende da declividade para aplicação da tecnologia necessária ao aumento da qualidade e quantidade da produção bovina.

Como já foi comentado, Crixás possui uma boa parte da vegetação do Cerrado em estado conservado, cuja nossa avaliação foi denominada como preservação forçada, pelo fato dos proprietários das áreas não serem possuidores de um poder aquisitivo capaz de proporcionar produtividade ao seu imóvel. Também, insere-se outro fator agravante para este quadro de Cerrado conservado. É a questão mostrada no gráfico 13, que analisa a declividade e seus múltiplos usos. Nota-se que quanto maior é a declividade, menor são as áreas desmatadas. Porém, Crixás tem áreas conservadas ligadas à declividade acentuada do relevo.

Isto é, solo, clima e relevo propensos à mecanização da agricultura. Portanto, ao pensar na dominação do homem sobre o meio, eclode seguidamente a idéia da paisagem transformada, neste caso a extinção do bioma Cerrado.

Diante de fortes variantes desfavoráveis ao desenvolvimento da agricultura em Crixás, mostraremos agora as variantes favoráveis à pecuária que tanto vêm crescendo nessa região. Começaremos pelos fatores econômicos, certo que a pecuária em proporção,

comparando à agricultura, exige menos investimento para sua produção. O segundo fator está na declividade e nos aspectos do solo, pois eles não são empecilhos para a cria de gado. Entre estes e outros nota-se que as bases econômicas de Crixás são compostas, em primeiro lugar, pela mineração e, posteriormente, pela pecuária. O município de Crixás é uma referência no Estado de Goiás na cria de bezerros, observando que os municípios limítrofes efetuam compras dos produtores crixenses atraídos pela qualidade do gado.

Entre as entrevistas efetuadas com os pecuaristas, não foi possível captar nenhum tipo de tecnologia avançada que faça jus à qualidade de seus bezerros. O máximo que utilizam na cria de gado é a inseminação artificial, a qual uma minoria que chega a ser insignificante perante o a quantidade de criadores de gado. Tirando isso, o que os próprios criadores de gado relataram foi que a qualidade dos bezerros está no capim, que não se diferencia dos demais de outras regiões, mas que esse capim que é plantado em terreno rico em minérios tenha um valor mais nutritivo, fazendo bem para o desenvolvimento do gado. Isso pode ser notado no bezerro, observando seu tamanho, seu couro que é mais liso, e engordando com muita facilidade, além de adicionar que o sabor da carne é superior ao de outras regiões.

Segundo um dos pioneiros da pecuária de Crixás, cerca de 97% do gado criado em Crixás é P.O, ou seja, pura origem, considerado como gado de elite. Suas primeiras vacas vieram de Uberaba-MG, que foram importadas diretamente da Índia. Esse procedimento foi decisivo para a configuração da atual realidade da pecuária de Crixás.

Um importante esclarecimento incide sobre o reconhecimento da boa qualidade dos bezerros criados em Crixás, assim como também deve ser respondida a seguinte indagação; porque Crixás se apresenta como referência na cria de bezerros? Tais anseios são emergidos em razão da localização geográfica de Nova Crixás e Crixás, sabendo que ambos os municípios foram, no passado, um só território. Porém, hoje elas se distinguem pelas suas particularidades produtivas, da qual Nova Crixás concentra o maior rebanho bovino do Estado de Goiás, cujos bezerros são buscados em Crixás. Para entender essa lógica, deve-se recorrer à compreensão da estrutura agrária dos dois municípios.

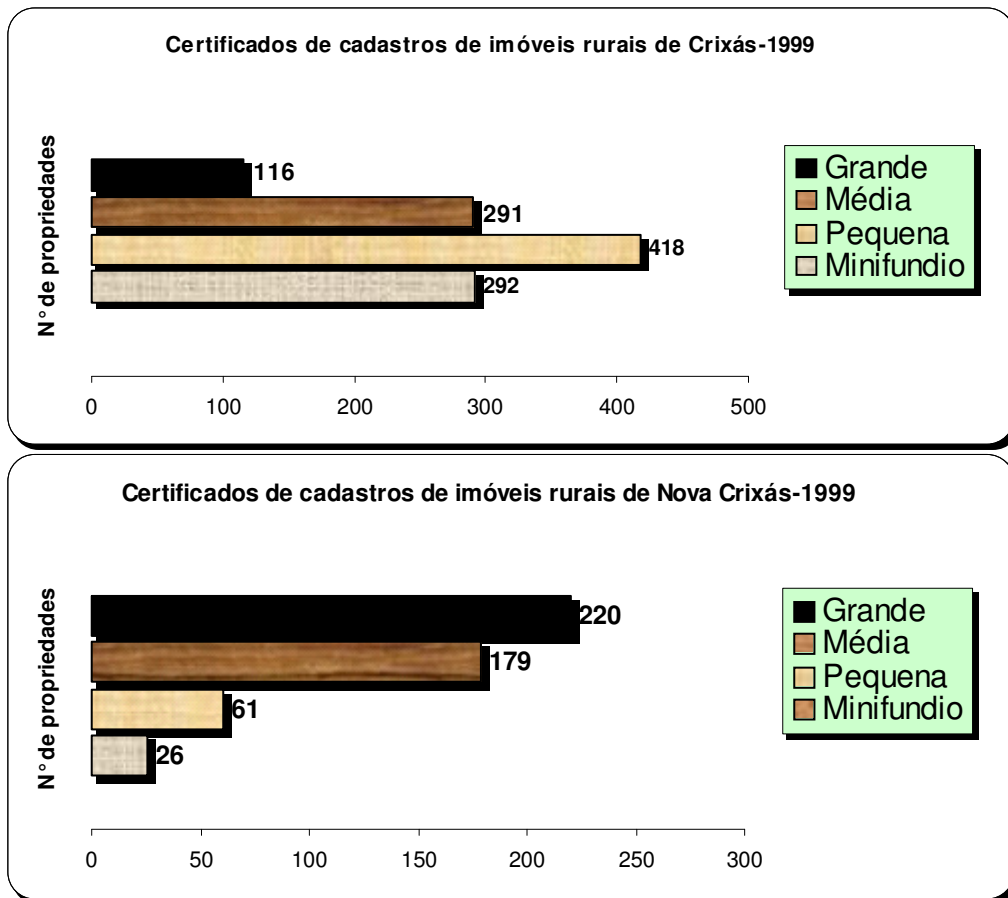


Gráfico 14 – Estrutura agrária de Crixás e Nova Crixás  
 Fonte: INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária  
 Elaboração: DIAS, Wagner Alceu.

Diante dos números que se encontram condizentes aos relatos dos pecuaristas, conclui-se que Crixás se especializou apenas na criação de bezerros, diferente de Nova Crixás que cria, ou seja, engorda através de confinamentos. Esta afirmativa é explicada com facilidade ao observar o gráfico 14, que a partir de então podemos fazer a analogia da estrutura fundiária, sabendo-se que, de acordo com o tabela 05, Nova Crixás é o município com a maior extensão territorial atingindo 29,93% de toda a Microrregião de São Miguel do Araguaia, ficando para Crixás a terceira posição no *ranking*.

Percebe-se que Crixás é possuidora de uma extensão territorial inferior à de Nova Crixás, mas que o número total de propriedade é bem mais elevado. Sem muitos esforços, verifica-se que a quantidade de propriedades de Crixás chega a um total de 1117 (um mil, cento e dezessete), do qual a soma de minifúndio e pequena atinge 63,56% de toda a área. Esta realidade não oferece possibilidades à criação de gado, pois o tamanho da propriedade é determinante na utilização de confinamento. Esse percentual de propriedades denominadas

baixa extensão não suporta a engorda de gado, no entanto, em Crixás desenvolveu-se uma cultura que procura adequar os meios de produção a uma produtividade satisfatória. Isso foi possível a partir do desenvolvimento da genética apurada concentrando sua criação em vacas que possam produzir um bezerro de qualidade. Ao contrário do que ocorre em Nova Crixás, que é constituída por 486 (quatrocentos e oitenta e seis) propriedades, das quais 45,26% são denominadas grandes. Essa estrutura fundiária estabelecida em Nova Crixás é considerada perfeitamente adequada à utilização de grandes confinamentos

<b>MUNICÍPIO DA MICRORREGIÃO DE SÃO MIGUEL DO ARAGUAIA</b>	<b>2002</b>
Crixás	4.661,077
Mozarlândia	1.734,359
Mundo Novo	2.146,649
Nova Crixás	7.298,795
Novo Planalto	1.242,639
São Miguel do Araguaia	6.144,380
Uirapuru	1.153,472

Tabela 05 – Extensão territorial dos municípios pertencentes à Microrregião de São Miguel do Araguaia.

Fonte: IBGE elaboração da SEPLAN-GO / SEPIN / Gerência de Estatística Socioeconômica.

Organização: DIAS, Wagner Alceu.

. Porém, em função das propriedades serem propícias à engorda de gado, não é financeiramente recomendável produzir o bezerro, sendo mais viável exportá-lo de outro município. O que vislumbra sobre as relações de produção que se dão entre Crixás e Nova Crixás é a divisão territorial do trabalho. Crixás se especializou na recria da vaca para a cria do bezerro macho, que é comercializado principalmente à Nova Crixás, que se especializou na engorda desse bezerro, cujo rebanho é destinado ao frigorífico Bertin, localizado no município de Mozarlândia, para seu abate e, posteriormente, para a circulação e o consumo.

Do ano de 1999 a 2005 nota-se que Crixás continua em processo de ampliação de suas propriedades. Entre estes seis anos foram criadas mais 212 (duzentos e doze) propriedades em circunstâncias de vendas ou de heranças que são divididas entre os herdeiros. O gráfico 15 esclarece a realidade fundiária de Crixás, anunciando as perdas e os ganhos em cada uma das classes, minifúndio, pequena, média e grande.<sup>6</sup>

<sup>6</sup> Atualmente, o **módulo fiscal** serve de parâmetro para a classificação fundiária do imóvel rural quanto a sua dimensão, de conformidade com art. 4º da Lei nº 8.629/93, sendo:

Minifúndio: imóvel rural de área inferior a 1 (um) módulo fiscal;

Pequena propriedade: imóvel rural de área compreendida entre 1 (um) e 4 (quatro) módulos fiscais;

Média propriedade: imóvel rural de área compreendida entre 4 (quatro) e 15 (quinze) módulos fiscais;

Grande propriedade: imóvel rural de área superior a 15 (quinze) módulos fiscais.

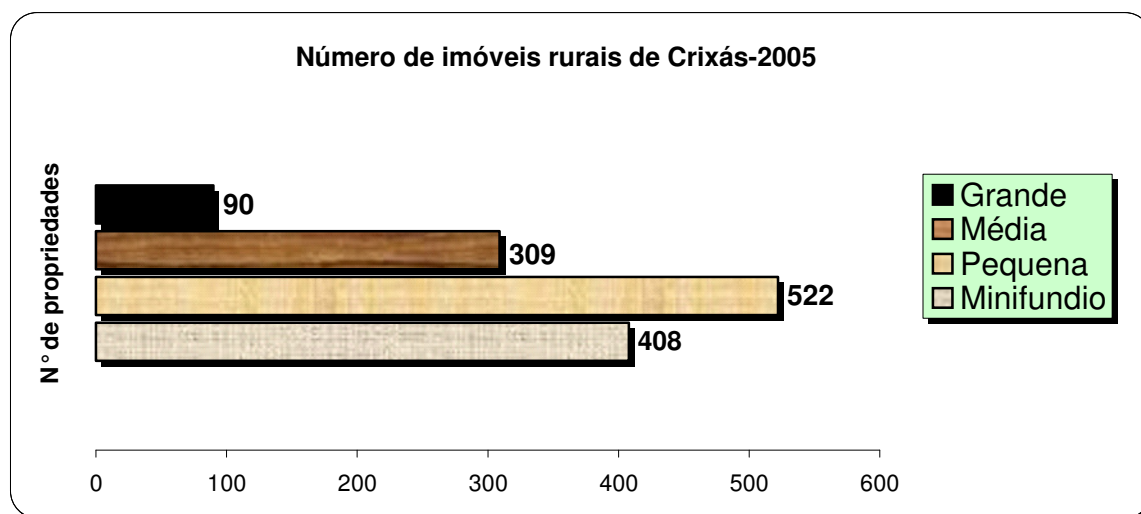


Gráfico 15 – Estrutura agrária de Crixás.

Fonte: INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

Elaboração: DIAS, Wagner Alceu.

Diante dos gráficos 14 e 15, a seguinte leitura é confirmada; das 116 (cento e dezesseis) grandes propriedades foram extintas 26 (vinte e seis), isto é, 26 (vinte e seis) propriedades deixaram de ser pertencentes à classificação de grande e, coincidentemente, 116 (cento e dezesseis) foram acrescentadas à classe dos minifúndios, 104 (cento e quatro) anexada à classe das pequenas e 18 (dezoito) incluídas nas médias propriedades. Isso significa que a tendência é cada vez mais ocorrer retalhamentos de propriedades, isto é, caso não haja mudanças nas relações produtivas através de ascensão de novas atividades econômicas que venha a fazer parte dos pilares econômicos do município.

Embora a produção de bezerros seja potencialmente satisfatória em qualidade, há percalços que inibem a expansão e aumento da produção. Em solo considerado rico em nutrientes, com fertilidade autônoma de produtos bioquímicos, estatisticamente é possível criar 12 (doze) cabeças de gado por alqueire. Em Crixás, como já foi exposto, a deficiência do solo contendo areia e muitas rochas, o máximo que um alqueire suporta são 5 (cinco) cabeças de gado. A correção desse solo com o esparramamento de calcário seria uma alternativa que elevaria a qualidade dos pastos, mas os custos de transportes ficam inviáveis economicamente, em circunstância da logística desfavorável, assunto tratado no item anterior a este.

Alguns pecuaristas contam com programas do Governo para alavancar a produção ou mesmo para iniciar as atividades econômicas. Entre os financiamentos está o FCO - Fundo Constitucional de Financiamento do Centro-Oeste, concedido pelo governo federal, que tem

como objetivo oferecer financiamentos a atividades produtivas voltados aos setores econômicos industrial, agroindustrial, agropecuário, mineral, turístico, comercial e de serviços. Este tipo de financiamento é considerado, pelos pecuaristas de Crixás, como uma boa opção para quem necessita de créditos a longo prazo, pois é permitido até 8 anos para a quitação da dívida. Embora o programa federal seja qualificado como grande incentivo ao desenvolvimento de atividades produtivas, grande parte dos pecuaristas encontram dificuldades em usufruir desse financiamento, sempre por motivos burocráticos. Por outro lado, esta burocracia se faz necessária, visto que existe uma grande inadimplência dos beneficiados, que muitas vezes fazem o contrato, pegam o dinheiro e usam para outras finalidades. Essa prática tem sido frequente.

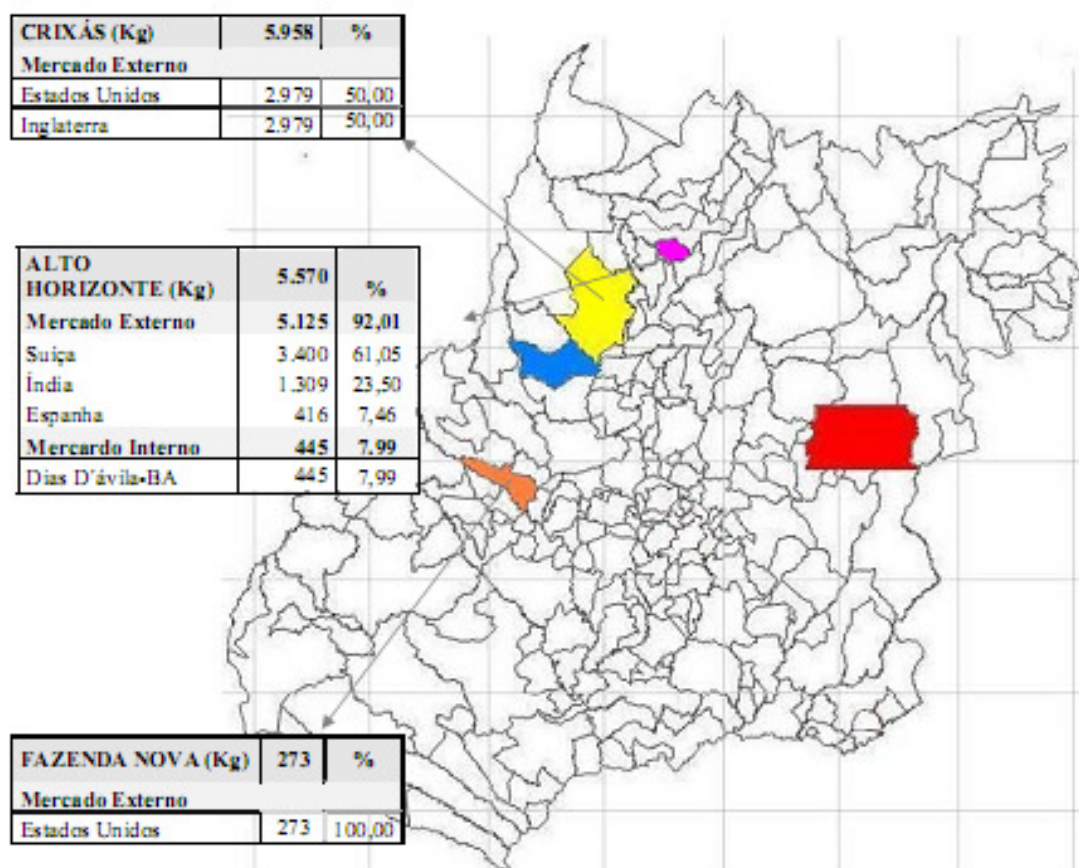
O presente item ainda não pode esgotar o assunto proposto. Para isso, faremos uma leitura da dinâmica territorial de Goiás, enfatizando a materialização do trabalho e suas diversas manifestações na corroboração econômica dos municípios goianos. Será a primazia de estudos e discussões sobre a atual conjuntura econômica de Crixás embasada na trajetória de ocupação do território goiano, sempre com o objetivo de conciliar as políticas e os movimentos que influenciaram na configuração territorial de Goiás.

A interpretação, do que foi discutido neste item, não é obstante da compreensão das relações sociais de produção no processo histórico, facetado sobre um conjunto de sistemas capazes de aludir as economias goianas, unificadas numa só condicionante.

### ***3.4 - Crixás-GO: a cidade do ouro e o campo de Cerrado***

A cidade de Crixás é localizada pelas coordenadas geográficas 14° 32' 56" S, 49° 58' 8" W, e desenvolve uma expressiva produção aurífera, visto como um dos maiores produtores de ouro do país, através do processo de industrialização que chega a lembrar os tempos de colonização, pois a mineração possui destaque em escala nacional e internacional. Trata-se da Mineradora Serra Grande, controlada pelo grupo sul-africano *AngloGold Ashanti* em parceria com a *Kinross* do Canadá, instalada desde o ano de 1989, que explora ouro no município, a 3 Km da cidade.

## PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DO OURO EM GOIÁS 2007



Mapa 08 – Principais municípios goianos produtores de ouro e sua comercialização em 2007  
 Fonte: Economia mineral – RAL-2007 DNPM 6°ds-Go  
 Adaptação: DIAS, Wagner Alceu.

A grande mina de ouro de Crixás é operada pelo maior grupo minerador de ouro do mundo, fazendo com que Goiás se encontre como o terceiro maior Estado minerador do Brasil, com 9,8% do valor da produção mineral brasileira DNPM (2007).<sup>7</sup> Veja no mapa 08 a relação do municípios goianos, além de Crixás, que vislumbra o potencial aurífero.

Portanto, Crixás é eminentemente uma cidade possuidora de uma particularidade pautada no ouro. Não há como desvincular Crixás da exploração do ouro. Embora a origem e desenvolvimento da cidade de Crixás sejam baseados na exploração aurífera, sua economia é enriquecida pela pecuária, que vem demonstrando ser uma atividade significativa para a população crixense. No entanto, seus pilares econômicos se mantêm sobre o ouro e a pecuária, fato que trás preocupação com o estado de conservação da vegetação do Cerrado, bioma que rege a extensão territorial de Crixás.

<sup>7</sup> SIGmine, DNPM- Departamento Nacional da Produção Mineral, Brasília. Disponível em: < <http://www.dnpm.gov.br/>>. Acesso em: jan. 2007.

A cidade do ouro e o campo do Cerrado. É assim que este item se dedicará em tratar o município de Crixás. A perspectiva da referida análise será prestada no anseio de revelar as relações de produção que permeiam a cidade e o campo precavendo as possibilidades e entraves. O pressuposto da dinâmica socioespacial, adquirido a partir de elementos empíricos, nos condicionou a destacar o Cerrado como ponto de partida para a presente discussão. Leite (1993, p.140), através de sua preocupação entre as relações de cidade e natureza, esclarece; “No campo natural, a técnica cria condições de transformação que têm a capacidade de subordinar essas particularidades aos interesses da exploração, produção, circulação e consumo da escala mundial, diminuindo sua importância como fator limitante do projeto.”

Nesse aspecto, a cidade de Crixás foi originária da exploração do ouro encontrado no Cerrado. Dessa forma, a presença do ouro naquela localização foi determinante para a formação do primeiro povoado. Todavia, o ouro encontrado nas imediações de Crixás é proveniente de reações mineralógicas, característico de uma formação geológica, acompanhado de um clima predominante. Nessa perspectiva, o Cerrado, antes de qualquer coisa, foi o maior dos condicionantes para a formação da cidade, pois suas características possibilitaram a formação do ouro, metal que causou alvoroço em sua exploração, conduzindo pessoas até o local para assim estabelecerem suas casas e famílias.

Pensar no bioma Cerrado é necessário para ter a compreensão da sua característica florística, contendo árvores de médio porte, tortuosas, folhas grossas e ásperas e seus caules presididos por uma casca de espessura incomparável, Almeida (1998). Também já foi reconhecida como uma mata de cabeça para baixo, devido ao comprimento das raízes de sua cobertura vegetal, que chega a atingir os 15 metros de profundidade.

Embora suas características sejam pertinentes à sua identidade, sua dimensão territorial circunscreve várias fitofisionomias (figura 04), ou seja, diversas faces apresentadas. Há, perfeitamente, uma divisão entre campo limpo, campo sujo, Cerrado convencional, Cerrado *stricto* ou sentido restrito e Cerradão. Além das cinco ocorrências ainda temos a presença das veredas, terreno que frequentemente se encontra mais úmido e marcado pela presença de uma espécie de palmeira chamada Buriti. Já os campos rupestres são encontrados em locais com altitudes acima de 800 metros do nível do mar, com perfil rochoso.

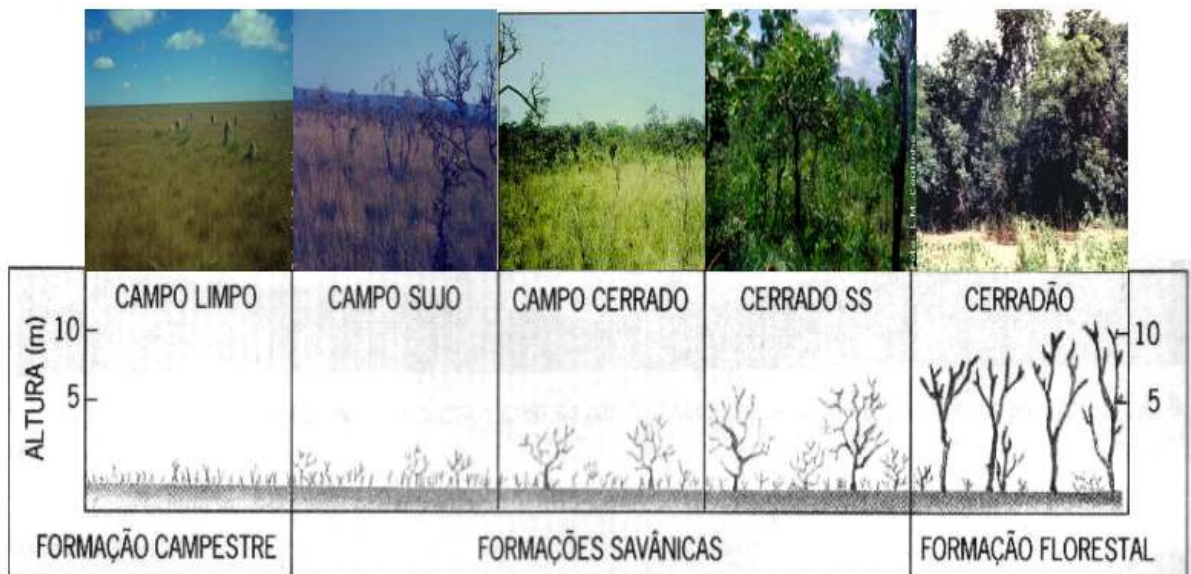


Figura 04 – Fitofisionomias do Cerrado.

Disponível em: <[www.agencia.cnptia.embrapa.br](http://www.agencia.cnptia.embrapa.br)>. Acesso em: 14 mar. 2009.

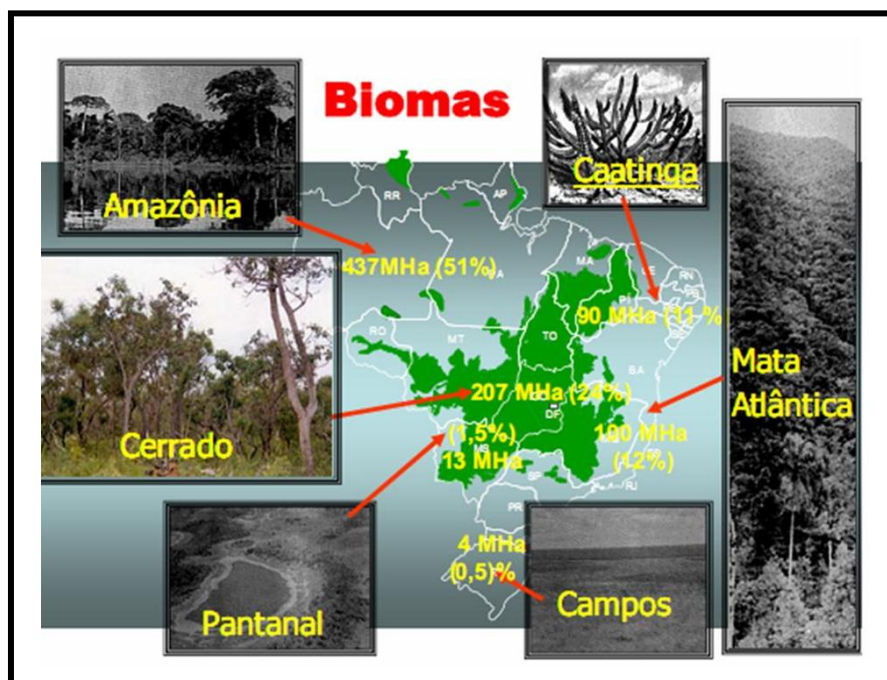
O termo Cerrado ganha sentido e originalidade brasileira, quando equiparado as grandes extensões territoriais na África, chamada de Savanas, que são relativizadas por suas semelhanças em aspectos físicos como flora e clima. Até o presente momento, os livros didáticos vêm apresentando o Cerrado com uma extensão territorial considerável em toda área brasileira, com cerca de 25%, ganhando a posição de segundo maior bioma do Brasil. O mapa 09 demonstra que o Cerrado abrange vários Estados brasileiros, perpassando para outras regiões além do Centro-Oeste, como partes do Norte, Nordeste, Sudeste e uma pequena área na região Sul, no Estado do Paraná.

Destaca-se que Goiás, predominantemente, se encontra em meio ao Cerrado, mas com variações em aspectos de relevo e qualidade de terras. Estevam (1998, p.44-45) aponta que:

a qualidade das terras goianas, em sua quase totalidade, possibilita seu aproveitamento agropecuário sem maiores restrições, pois apenas 14,5% do território não tem aptidão natural para o cultivo. Principalmente a área sul da superfície goiana ostenta potencial altamente produtivo (...) Neste sentido, a aptidão e a qualidade da terra podem ter sido fortes condicionantes na dinâmica da produção agrícola ainda na economia mineradora.

Em Crixás, a apropriação das terras foi o inverso, mas não omitindo a determinação da natureza, ou seja, o Cerrado como meio de possibilidades para as formações territoriais. Em vez de solos atrativos para a agricultura havia o ouro, que se transformou em

recurso para os bandeirantes da época, e ainda continua com a mesma função para a sociedade contemporânea. Recursos que foram primordiais para a formação territorial de Crixás.



Mapa 09 - Distribuição do Cerrado pelas regiões brasileiras  
Disponível em: <[www.agencia.cnptia.embrapa.br](http://www.agencia.cnptia.embrapa.br)>. Acesso em: 03 ago. 2008.

De sua dimensão territorial, apenas uma pequena porcentagem foi urbanizada, assim, suas áreas contam com uma vegetação do Cerrado, ainda com aproximadamente 35% conservada, porém, com uma biodiversidade extremamente relevante em quantidades de espécies da fauna e flora. Mas, de acordo com o conceito de desenvolvimento<sup>8</sup> elaborado por Celso Furtado em sua obra, “Introdução ao Desenvolvimento”, essa realidade pode ser transformada, pois os recursos são sintonizados conforme as atribuições concedidas pelas relações de produção. Evidentemente, as necessidades de desenvolvimento arremetem um sentido recíproco entre as diversas relações que estabelecem vínculos com algum tipo de produção. Esse modelo de desenvolvimento parece estar contagiado pelas incessantes inovações tecnológicas sob persuasão do capital. Santos (2008c, p.31) esclarece o que está acontecendo, aplicando sua teoria de sistemas e subsistemas, exacerbando algo parecido como efeito dominó. Veja sua afirmação:

Cada período é caracterizado pela existência de um conjunto coerente de elementos de ordem econômica, social, política e moral, que constituem um verdadeiro sistema. Cada um desses períodos representa uma *modernização*, isto é, a generalização de uma *inovação* vinda de um período anterior ou da fase imediatamente precedente. Em cada período histórico assim definido, as

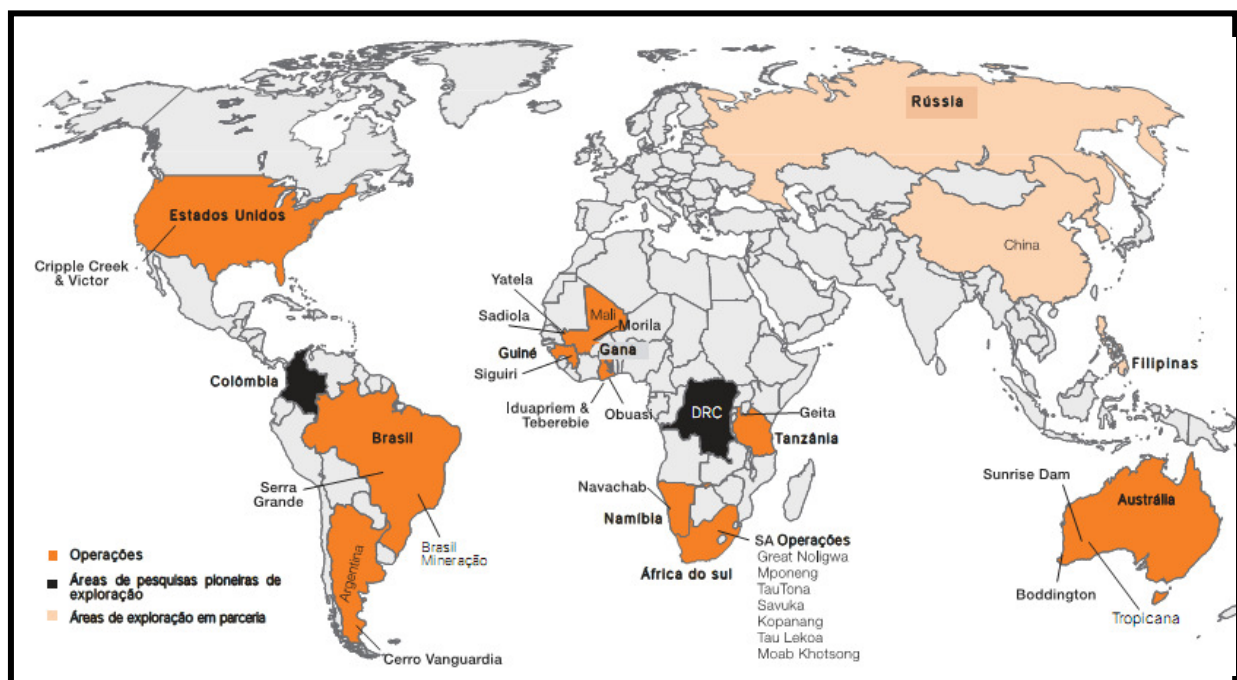
<sup>8</sup> Enuncia a idéia de reprodução da vida humana a partir de satisfações de suas necessidades.

regiões “polarizadas” ou centros de dispersão do poder estruturante dispõem de energias potenciais diferentes e de diferentes capacidades de transformá-las em movimentos. A cada modernização, o sistema tende a desdobrar sua nova energia para os subsistemas subordinados. Isso representa uma pressão para que, nos subsistemas antigos, haja também modernização. No sistema “dominado”, aqui chamado subsistema, as possibilidades de inovação estão abertas, assim, às mesmas variáveis que foram objetos de modernização no sistema “dominante”.

Se a cada período há uma produção espacial diferenciada, o tempo oferece ao espaço uma essência necessária às relações de produção. Compreender o desenvolvimento de Crixás, somente de Crixás, é ser inocente. É não considerar o tempo no espaço. Pois o tempo só pode ser mensurado pela produção espacial, a qual é fruto das relações sociais, que jamais poderia ser considerado por apenas um indivíduo.

As relações de produção que se desenvolvem em Crixás, em especial, executadas pela empresa de mineração Serra Grande, ostentam um poderio de expansão pelo mundo afora, se afirmando em vários continentes. Observe no mapa 10 os endereços das explorações auríferas executadas pela multinacional.

Os fatores geográficos parecem não oferecer limites para a multinacional *AngloGold Ashanti*. Só no Brasil possui duas filiais. Serra Grande, instalada em Crixás - Go e Brasil Mineração, alojada em Belo Horizonte - Mg. O ouro extraído pelos continentes são destinados à negociações nas bolsas de valores.



Mapa 10 – Localização da multinacional *AngloGold Ashanti* em operação.

Disponível em: <[http://www.anglogoldashanti.com/Brazil\\_Portuguese](http://www.anglogoldashanti.com/Brazil_Portuguese)>. Acesso em: 22 jun. 2009.

Essa análise representa uma preocupação com o bioma Cerrado, pois meio e recurso, que foram sinônimos de existência para o território, pode hoje em diante ter outras funções, assim como aconteceu com as áreas do sul de Goiás. Boa parte de seu território já teve o Cerrado desmatado para atender a demanda das indústrias, provocando um descompasso aos habitantes que nele estão. A fauna, que não é morta pelos pesticidas e agrotóxicos aplicados nas lavouras, é vítima nas rodovias, pois acuada de seu habitat, fogem desesperadamente, sem destino. A flora é substituída por espécies exóticas, perdendo suas características, havendo uma uniformização de produção promovida pelas monoculturas. Calaça (2000). E por último, com efeitos irreversíveis, a população, que na ausência da fauna e flora perdem sua identidade e seu endereço.

Diante do que está acontecendo com o bioma Cerrado é preciso reconhecer seu valor e sua importância para seus habitantes. O ouro que é extraído do território de Crixás tem um valor objetivo para a indústria, e subjetivo para os que compram e utilizam. Em geral, o ouro do Cerrado de Crixás é sinônimo de riqueza para a mineradora e para seus compradores. Enquanto que a comunidade de Crixás é empobrecida, sujeitando a oferta de trabalho, muitas vezes considerada de risco.

A Serra Grande produz anualmente seis toneladas de ouro, gerando em média 500 (quinhentos) empregos diretos. De acordo com as estatísticas, a quantidade de ouro retirado pela Serra Grande, submetido a um simples olhar, possui certa significância. Mas para a empresa matriz, *AngloGold Ashanti*, quase não altera muito, em comparações com a sua produção mundial. Veja o gráfico 16, que exalta a contribuição produtiva e o percentual que o ouro do Cerrado de Crixás representa para a produção total de todas suas mineradoras filiais.

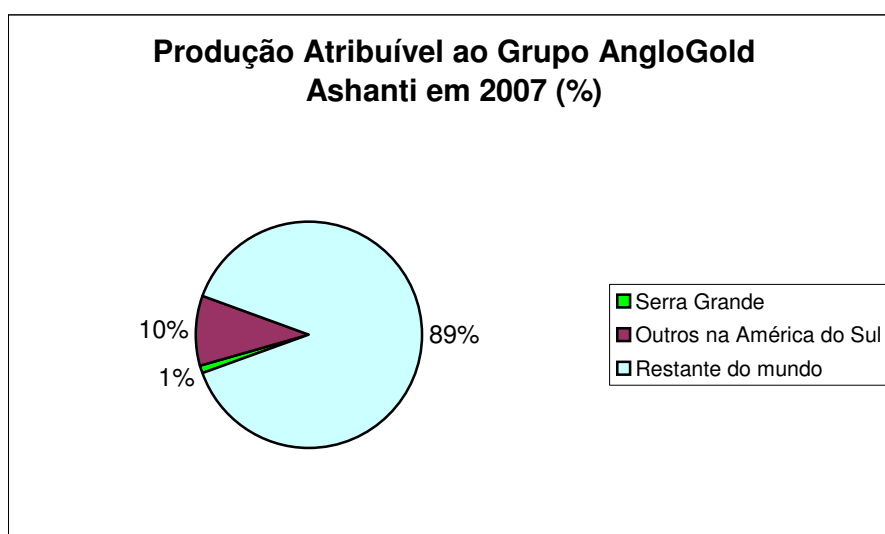


Gráfico 16 – Contribuição produtiva da filial Serra Grande à multinacional *AngloGold Ashanti*. Disponível em: <[http://www.anglogoldashanti.com/Brazil\\_Portuguese](http://www.anglogoldashanti.com/Brazil_Portuguese)>. Acesso em: 22 jun. 2009. Elaboração: DIAS. Wagner Alceu.

Diante da exposição dos números, Crixás, condicionada pela Serra Grande, se destaca nas estatísticas da produção de ouro. Por outro lado, as mesmas estatísticas analisadas pela ótica da empresa não ficam realçadas de importância vantajosa. Evidentemente, tal importância também não é merecida aos seus trabalhadores, como também para o local da extração. Um exemplo disso é a preocupação com a degradação ambiental, tema polêmico que tece comentários pela comunidade local.

Prosseguindo com a pesquisa, o próximo item, terá a sensibilidade de abordar o bioma Cerrado da seguinte forma. Sabemos que o ouro possui uma coloração amarelada, e que o mesmo é extraído de áreas predominantemente de Cerrado, que também, em sua vegetação existem outros amarelos, como o pequi e o Ipê amarelo. Nesse aspecto, pretende-se fazer uma discussão sobre os amarelos do Cerrado de Crixás, sob o qual as premissas se encontram na alienação do trabalho.

### ***3.5 - Os amarelos do Cerrado de Crixás-GO: qual é a cor da riqueza?***

As conjecturas apresentadas nesta pesquisa se concentram na analogia entre os amarelos do Cerrado, especificamente entre o ouro e o pequi. Prezaremos em considerar o processo de extração do ouro, presidida pela Serra Grande em Crixás, e sua representação para a economia e desenvolvimento do município, como também conteremos a atenção para o pequi, fruto que tem reconhecimento pela promoção de uma das maiores festas de Crixás, o festival do pequi.

No Bioma Cerrado, especialmente no município de Crixás, ao noroeste goiano, existem dois amarelos com valores econômicos e culturais. Ambos amarelos são de origem natural, ou seja, independe da ação do homem para sua existência. Os amarelos que vamos enfatizar serão o amarelo do ouro e o amarelo do pequi, fruta típica do Bioma Cerrado. Vejamos a figura 05.



Figura 05 – Imagens do ouro e do pequi  
 Fotografia extraída do documentário produzido pela rede de televisão Record.  
 Org. DIAS, Wagner Alceu.

O ouro no século XVIII tinha um valor econômico em decorrência de um valor cultural. Valor econômico para os que trabalhavam em sua extração no subsolo, e valor cultural para a Coroa, onde era destinado o ouro. Portanto, esse entrelaçamento de valores foi a causa maior da formação do primeiro povoado que mais tarde viria a se tornar cidade de Crixás. Embora o amarelo do ouro significasse riqueza para uns, também significava prisão, tristeza e morte para os escravos que ali trabalhavam na extração desse mineral. Também temos o caso dos indígenas, que faziam parte do cenário dos garimpos, pois eram eles que ensinavam aos garimpeiros o caminho para as minas, e para eles o amarelo do ouro era concebido como valorização cultural.

O pequi no século XVIII tinha um valor estritamente alimentar. Para os indígenas, escravos e garimpeiros a concepção era a mesma, diferentemente do ouro.

No contexto atual em Crixás, as concepções dos dois amarelos mudaram completamente. O ouro que é extraído na Serra Grande não brilha para a população de Crixás. O processo de industrialização, cuja produção é inserida no mercado global, faz com que o minério extraído em Crixás deixe de pertencer ao consumo local. Entretanto, o ouro que é extraído em Crixás reflete sua riqueza na Europa, Japão e outros países, tendo ações negociadas nas bolsas de Joanesburgo, Nova Iorque, Austrália e Gana.<sup>9</sup> Todavia, ainda podemos dizer que em Crixás seu valor possa ser secundariamente econômico, visto que a mineradora Serra Grande emprega um número significativo de funcionário, direto e indiretamente, o que atribui uma certa dinâmica ao município. Por meio do emprego, seja direto ou pelas prestadoras de serviço, uma grande variedade de pessoas abastece o mercado local.

<sup>9</sup> Disponível em: <<http://www.anglogold.com>>

Agora, ao tratar do pequi seus valores se ampliam. Antes era apenas utilizado para alimentação através do extrativismo; hoje ainda é e vai mais além. Passa a ter um valor comercial e cultural muito grande. Além do pequi ser um fruto enfático, ao fazer atribuição à culinária goiana, o famoso prato – frango com pequi – agora é objeto de estudos que aponta para resultados surpreendentes para a medicina. De acordo com pesquisas recentes realizadas pela Universidade de Brasília (UNB) o pequi, que é extremamente rico em vitamina A e C, tem ainda substâncias com provável resistência ao câncer, porém deve ser introduzido como alimento preventivo à doença.

Como uma forma de reconhecer e valorizar o Cerrado, desde 2006 o festival do pequi compõe as festividades de Crixás, evento que consolidou o município como a capital goiana do pequi. As festividades têm como objetivo transformar o pequi em fonte de renda para os moradores de Crixás, demonstrando as riquezas do Cerrado.

Durante o festival do pequi são expostos uma infinidade de pratos que contemplam o pequi, dos quais podem ser vistos na figura 06.

#### Diversidade da culinária encontrada na festa do pequi em Crixás - 2009

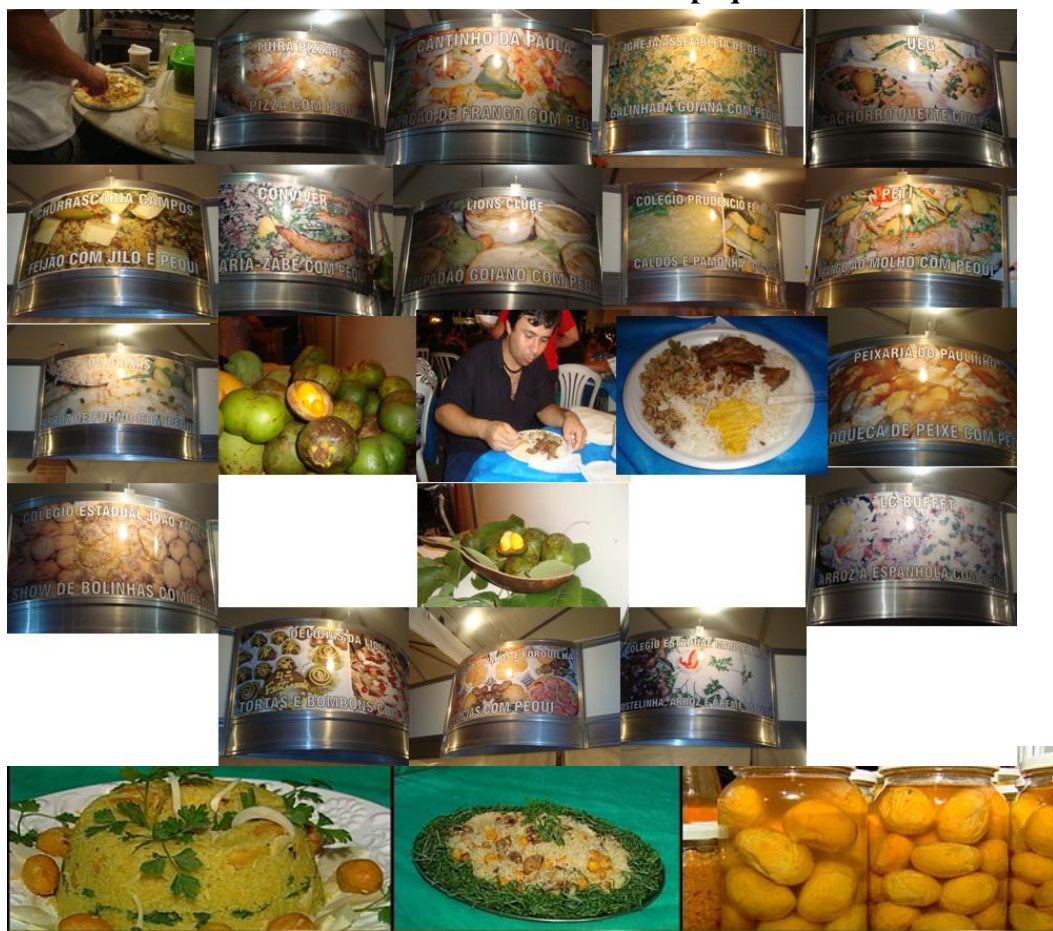


Figura 06 – Alimentos derivados do pequi – encontrados no festival do pequi de 2009.  
Org. DIAS, Wagner Alceu.

As exposições não concentram somente em pratos derivados do pequi, mas também toda a produção dos pequenos produtores rurais, como queijos, doces caseiros, rapadura, bolo de arroz, entre outros. Curso de culinária, apresentações artísticas de teatro, dança e coral fazem parte do festival do pequi, que recebe moradores de todas as cidades limítrofes.

Crixás também é reconhecida como a capital do ouro, como já mostrado neste trabalho, representando uma grande parte das exportações de ouro do Brasil. Para que a extração do ouro aconteça é necessária a utilização de máquinas e o homem num processo de perfuramento e escavação do subsolo. De acordo com entrevista concedida a rede de televisão da Record, por um arquiteto que trabalha na Serra Grande, há túneis nas minas que chegam a aproximadamente 150 metros de profundidade, existindo um verdadeiro labirinto rochoso, (figura 07), pelo qual as máquinas, tratores e caminhões transitam a todo instante.



Figura 07 – Túneis de uma das minas da Serra Grande.  
Fotografia extraída do documentário produzido pela rede de televisão.  
Org. DIAS, Wagner Alceu.

Ainda sobre a luz das palavras do arquiteto, é preciso extrair uma tonelada de detritos rochosos para que se apure 6 a 7 gramas de ouro. Esses números provocam uma dedução sobre o quanto o processo de extração do ouro é ofensivo ao meio ambiente. Além das escavações, há a perfuração das rochas para introdução de dinamites, que posteriormente são efetuadas grandes explosões. Durante esse trabalho, milhares de litros d'água são literalmente desperdiçados, visto que diversas veias d'água são encontradas no subsolo, episódio que pode

diminuir o nível do lençol freático. Muita água e muitos caminhões de detritos são retirados dos túneis. Veja a figura 08 abaixo.

Em relação às explosões, moradores da cidade de Crixás, que se encontram mais próximos à mina, reclamam de tremores nas estruturas de suas residências. Sem dúvida, as atividades desenvolvidas na empresa Serra Grande afetam diretamente na sadia qualidade de vida dos habitantes de Crixás.



Figura 08 – Água e detritos sendo retirados da mina.  
Fotografia extraída do documentário produzido pela rede de televisão.  
Org. DIAS, Wagner Alceu.

As áreas que estão em uso para a extração do ouro são todas compradas pela empresa. Os valores da compra sempre são negociados por um valor bem superior ao do mercado. Mas nos instiga em saber o que poderá ocorrer com tais áreas depois que a empresa encerrar suas atividades, uma vez que as minas possuem tempo útil até 2013. Estudos mais otimistas preveem um projeto que possa estender a vida útil das minas até 2018. Possivelmente, essas áreas jamais serão revitalizadas ou gastarão décadas para que a vegetação possa novamente recobri-la, como era no passado.

É eminente que a população de Crixás tenha uma ilusão quanto a estadia da empresa Serra Grande no município, em virtude dos postos de trabalho que seu funcionamento requer, tanto interno quanto externo. Perante a nossa discussão sobre o desenvolvimento, podemos notar que a economia de Crixás pode sofrer futuramente com a ausência da empresa. O município tem uma estrutura que obedece as demandas da empresa,

fato que pode ser explicado pela paisagem urbanística da cidade. A velha função da mineração reconfigurou as novas formas, processo esse que difere de outras realidades goianas.

O ouro e o pequi de Crixás são amarelos que podem ser contabilizados como elementos valorativos para a população, em aspectos diferentes para o desenvolvimento econômico. Porém, o que deve ser observado é a sustentabilidade de cada um dos amarelos. Ambos têm suas importâncias particulares, mas o Cerrado em sua totalidade é que verdadeiramente está colocado em cheque, pois a ideia de riqueza deveria ser concedida à situações de abundância, fato que não corresponde com o modo de produção capitalista. Riqueza é destinada às coisas apresentadas em estado de escassez. Isso é para nos alertar que quando o Cerrado estiver em escassez ele será reconhecido e valorizado, de forma merecida, pelas suas riquezas e belezas.

#### **4 - CRIXÁS-GO: A ORGANIZAÇÃO ESPACIAL E SUA DINÂMICA DEMOGRÁFICA**

Como se viu no capítulo II, as territorialidades que constituem o território do município de Crixás-GO serão elementares para introdução do que se propõe no presente capítulo, embora as premissas da dinâmica demográfica se encontram na organização espacial, ou vice-versa. A partir das territorialidades, foi possível compreender que Crixás é permanentemente construída por indivíduos que, coletivamente, imprimem suas particularidades através das relações sociais e, por sua vez, designa elementos simbólicos capazes de promover sentimentos de pertencimento a um lugar ou grupo social.

Pela análise da população de Crixás é possível tecer algumas considerações que contribuem, de forma significativa, na compreensão da organização espacial. Para isso, o espaço urbano será utilizado como elemento investigativo para atingir os objetivos da pesquisa. A cidade de Crixás é resultado da acumulação de tempo que, utilizado pelas relações sociais, produziram e reproduziram seus costumes, tradições e modos de vida, que de alguma forma se materializa, concebendo então a cidade. O atual conteúdo urbano de Crixás é o resultado das relações sociais, que simultaneamente enuncia a dinâmica demográfica, e também resulta na organização espacial. Isso porque são os arranjos espaciais da cidade de Crixás que oferecem possibilidades à ocorrência das diversas territorialidades já comentadas no capítulo anterior.

Evidenciar a cidade de Crixás, como qualquer outra cidade, faz-se impreterível a discussão em torno das relações sociais que se ampliam e se modificam simultaneamente. A relação tempo/espaço é uma condicionante e condicional da materialização das ações humanas. Para dar sustentação a esse raciocínio, Gomes (1991, p.52) faz suas considerações;

Na concepção filosófica do materialismo dialético, espaço e tempo são duas dimensões de uma mesma realidade: a materialidade do mundo. Não há matéria fora do espaço e do tempo, como também não há espaço e tempo fora da matéria. Eles são inseparáveis e, pelo fato de não existir matéria sem movimento, fazem parte da dinâmica da matéria. O espaço se reproduz indefinidamente como novo espaço, e o tempo como novo tempo.

Ainda fazendo referência ao espaço e o tempo, Gomes (1991, p.56) completa que;

Outrossim, O espaço e o tempo são também contínuos e descontínuos. A continuidade é revelada pela inexistência do isolamento absoluto entre dois

dos seus elementos constitutivos. Sempre há um elo de ligação espacial e um elo de ligação temporal, e ambos estabelecem a unidade espacial/temporal existentes nos corpos materiais e seus processos. A descontinuidade do espaço e do tempo está contida nos componentes estruturais dos objetos e dos processos materiais, e é dimensionada em termos de diferenças qualitativas e de propriedades internas.

Após, teoricamente, ter entendido como espaço e tempo se explicam, é coerente pensar na construção de Crixás considerando a descontinuidade do espaço e tempo, processo que fica bem elucidado nos extremos do Estado de Goiás, norte e sul. Tal descontinuidade aparece na discrepância da territorialização do capital, assim como Chaveiro & Calaça (2008, p.291e 292) ao analisarem o desenvolvimento desigual de Goiás destacam:

Vê-se que a incidência de baixo índice é pouco representativa na faixa que vai de Goiânia até a fronteira sul, enquanto que, caminhando-se para o norte, essa representatividade aumenta. Essa desigualdade, além de demonstrar a força do centro hegemônico nacional, esclarece que as políticas públicas devem agir para aumentar os índices de desenvolvimento das regiões mais pobres, pois a livre iniciativa da economia segue apenas o padrão hegemônico, impondo sobre o território o que lhe convém, segundo as leis do custo e da lucratividade, usando geralmente os critérios locacionais, as densidades técnicas, a oferta de mão-de-obra e as possibilidades de fluxos dos lugares.

Mesmo seguindo essa coerência da desigualdade da territorialização do capital, é preciso compreender que o norte de Goiás possui seu potencial econômico equiparável ao sul goiano, e que a questão da descontinuidade do tempo e espaço é uma consequência das relações sociais. Portanto, a população de Crixás, neste capítulo, terá uma atenção extra, entendendo que suas relações são inerentes à compreensão da organização espacial, em função da mesma, que ora se apresenta como reflexo da reprodução social e ora condicional (CORRÊA, 1986). Crixás é resultado da manifestação das relações sociais cujas atividades se desdobram sobre âmbitos econômicos, políticos e culturais. Já o espaço deve ser concebido como algo em movimento cheio de elementos vivos, que não podem ser totalmente descritos sem perder detalhes. Esse espaço que se forma é a totalização das ações humanas mediante a natureza.

É na dialética do espaço/tempo que Crixás imprime suas particularidades territoriais. Se no primeiro instante sua formação é derivada pela existência de ouro, passados centenas de anos, a agricultura e a pecuária, a última com mais efervescência, tornam atividades que contribuem para o desenvolvimento e fortalecimento da economia local. Esse

novo quadro de atividades econômicas é que constitui o território goiano, essa configuração, portanto, é determinada pelas relações sociais de produção.

A dinâmica demográfica obedece a organização espacial que é estabelecida pelas relações de produção, que em forma de ciclo alimenta, simultaneamente, a dinâmica demográfica. Vejamos alguns dados que faz-se importante apontar, sendo os elementos que arremetem suficiência para a coesão de ambos os processos, organização espacial e dinâmica demográfica. A população, a estrutura fundiária e os recursos naturais serão norteadores no desfecho da pretensa discussão, embora outros elementos possam compor o rol de análise de forma complementativa.

Para melhor entendimento, citamos Vianna (1966) que profere o meio urbano como resultado de atividades desenvolvidas no campo, pois foram lá que iniciaram as primeiras relações socioespaciais, acrescentando ainda que a passagem da organização rural para a organização urbana foi uma evolução social. Nesse raciocínio, podemos chegar a conclusão de que a cidade é a fundição das manifestações socioespaciais justapostas ao tempo. Portanto, certifica-se que Castilho (2007) estava certo ao retratar o espaço como guardião de tempos, acrescentando, portanto, que ele é histórico. Todavia, caracterizando a cidade como um processo socioespacial advindo da acumulação de tempo, a inquietação nesta ótica parte em entender como essa evolução social foi se modernizando a ponto de se materializar. Nesse sentido, Carlos (2001, p.71) afirma que, “nessa perspectiva, a cidade é pensada enquanto trabalho social materializado, objetivado, que aparece na articulação do construído e o não construído.”

Paulatinamente as relações sociais se afirmam enquanto espaço. A sociedade passa a viver no compasso das transformações enunciando uma sublime modernização. Entretanto, não é errôneo afirmar que as transformações ocorridas na sociedade também vão significar mudanças na organização espacial. Esta interferência de categorias será o resultado e reflexo da materialidade social, visto que a cidade, neste caso Crixás, faz parte de um mesmo embrião, a produção do espaço. Carlos (2004, p.19) sintetiza que,

A análise social da cidade, no que se refere ao processo de produção, revela a indissociabilidade entre espaço e sociedade, na medida em que as relações sociais se materializam num território real e concreto, o que significa dizer que, ao produzir sua vida, a sociedade produz/reproduz um espaço, enquanto prática sócio-espacial.

Portanto, com a colaboração dos autores, percebe-se que a produção espacial e suas constantes transformações surgem a partir das relações sociais de produção que Lefebvre

(1991) afirma, categoricamente, produzir é produzir espaço. Porém considera-se essencial a explicação de Corrêa (1986, p.55): “Em segundo lugar, a organização espacial é, como já vimos, expressão da produção material do homem, resultado do seu trabalho social. Como tal, refletirá as características do grupo que a criou”. Subjugando as contribuições dos referidos autores, nosso propósito aqui é identificar, em Crixás, o arcabouço da organização espacial frisando as particularidades percebíveis, como também os comportamentos sociais que anunciam as diversidades territoriais constituídas em Crixás.

### ***3.1 - Sertanejo, tradição e transformação: um olhar geográfico da população de Crixás-GO***

Quando falamos em modernidade logo imaginamos um tempo acelerado, o qual arremete a ideia de uma sobreposição do novo ao velho. Todavia, o tradicional se espairose parcialmente na modernidade. Do ponto de vista geográfico, a diversidade cultural está no corredor da mutação, enclausurada pelos avanços da ciência e da técnica. Contudo, os novos paradigmas da modernidade não abominam totalmente o antigo. As velhas maneiras e os costumes são reconhecidos e lembrados através de práticas culturais, que realçam as temporalidades desiguais do espaço.

A paisagem pronuncia a benevolência das ações humanas e denunciam a descontinuidade do tempo. Uma melhor explicação é elaborada a partir das técnicas que são utilizadas na produção do capital. Em Crixás, desde o engenho e o tear encontrado na zona rural de alguns proprietários, até a Mineradora Serra Grande, são meios de produção que estão inseridos na lógica do tempo/espaço. Santos (2008b, p.85) faz uma exposição sobre a concepção do espaço e tempo que contribui para um melhor entendimento dos mecanismos espaciais que acabam permeando a economia. Veja:

O espaço-tempo corresponde justamente à capacidade dos sujeitos sociais de usar o espaço, de inseri-lo em seu encadeamento pessoal ou societário de tempos parciais. Desse modo, os sujeitos individualizam o espaço, apropriam-se dele e o obrigam a transmitir-lhe um valor que se integra à sua atividade, conquanto nos cálculos tradicionais não se reconheça como tal o papel do espaço na formação do valor dos bens ou serviços.

Em Crixás há pessoas que acompanham um ritmo de vida derivado dos seus antecedentes, mais conhecidos como sertanejos. Já outras, em principal a juventude urbana,

não gostariam de ser denominadas por esse termo, acreditando pertencer a uma classe social moderna, distante do tradicional.

De acordo com a própria auto-definição dos homens que se consideram sertanejos, é notório o sentimento de orgulho e de prazer de ser um sertanejo. Ao captar várias entrevistas, formais e informais, construímos nosso conceito de sertanejo. Primeiramente é importante salientar que existe uma diferença entre sertanejo e caipira. O caipira não tem nenhuma expressão que condiz com o povo crixense, esse termo não faz referências com justiça a nenhuma classe social. O termo caipira é uma forma pejorativa de representar o homem do campo, o camponês. A criação desse termo veio de uma classe social residente no núcleo urbano, desconhecedor da vida e conhecimentos rurais. O pensamento urbano marginaliza o campo como uma parte atrasada, enunciando uma população inculta.

Mas, quando falamos do sertanejo de Crixás estamos enaltecendo um povo que tem um pulsar diferente, uma vida arraigada ao campo. A identidade do sertanejo, essencialmente, deve ser explicada pela sua relação com o meio, pois este não se desvincula do campo, mesmo estando na cidade. Essa é uma das formas mais notáveis de territorialidade, cujos dados simbólicos são inerentes ao conjunto de objetos que nos envolve, seja pela moradia ou trabalho, Santos (2007b). Ele até pode sair do sertão, mas o sertão é reproduzido na sua conduta em manifestações cotidianas, mesmo que seja no meio urbano. A maneira de falar, de vestir, de comer, demonstra indícios e nuances do sertão. Por essa razão o sertanejo será sempre sertanejo, pois as forças do campo são expressadas pela sua sabedoria, que é acumulada de geração para geração.

Demasiadamente falamos em cultura, a vida urbana ou rural, o estilo de vestir, a música preferida, o prato predileto, enfim, tantas situações que rotulamos uma determinada cultura. Mas o que está posto em discussão é como a modernidade interfere na diversidade cultural? Essa é uma pergunta que não será respondida, mas tentaremos inserir ingredientes para a sua reflexão, rompendo com o sentido da pergunta. Para iniciarmos a discussão, será necessário, de modo eminente, citar Schwartzman (2004, p.16) que afirma:

O termo “modernidade”, “moderno” e “modernização” existem no mundo das idéias como valores e afirmações morais sobre a vida humana; como descrição de um estilo de vida específico, típico de algumas sociedades e períodos de tempo; e como interpretação de um amplo processo de mudança social. “Modernos” ou “modernistas”, no primeiro sentido, são pessoas que se recusam a viver segundo cânones antigos e tradicionais e valorizam a inovação, a mudança e progresso.

Perante esta citação, é correto afirmar que a modernidade agrega fatores materiais e morais. Nessa perspectiva, o maior legado da discussão é evidenciar as práticas culturais como instrumento de análise, para transpor um maior compromisso com o tradicional, pois é de fundamental importância para a discussão de uma postura ética ao denominar o termo sertanejo, que alguns crixaenses adotam.

A modernidade apropria-se etnocentricamente desses valores, distanciando cada vez mais os tempos, favorecendo a indústria da cultura. Ao mesmo passo que é referenciado uma cerimônia a costumes tradicionais também nascem outros costumes. Porém, essa cadeia de mutações de cultura se faz seletivamente, se declarando como cultura de massa. Beisiegel (1988, p. 41) pontua que:

E é neste quadro que a denominada “cultura de massa” vem absorvendo a atenção dos estudiosos. A avalanche de mensagens emitidas para o conjunto da sociedade pela indústria cultural estaria dando forma a um complexo de valores, idéias, sentimentos, atitudes ..., enfim, a uma *cultura* produzida de “cima para baixo”, de certo modo imposta a largos setores da população, bem diversa daquela cultura popular resultante da interação entre os homens comuns no curso da história.

A industrialização da cultura caracteriza-se pela sua imposição, justamente por meios políticos. A cultura de massa ou cultura da moda é produzida pelo sistema capitalista, entretanto, o fator determinante que conduz cada indivíduo numa cultura será seu poder aquisitivo. A cultura hoje pode ser identificada pela intensidade de bens adquiridos por um cidadão, ter é pertencer a uma cultura. No caso do sertanejo de Crixás, a história não se repete, embora seus hábitos e costumes não corresponda a apropriação de instrumentos modernos, o que não descaracteriza sua definição de sertanejo.

Na contemporaneidade o valor e utilidade dos objetos têm um significado que simboliza a classe social do indivíduo. É a partir dessa análise que se percebe dois mundo, um de facilidades e privilégios, e o outro de dificuldades e desafios.

A necessidade é a primeira instância da evolução técnico-científica, porém, nem todas as criações facilitaram a vida do homem, funcionam ou são utilizadas para suprir tal necessidade de invenção. A exemplo disso basta pensar no automóvel. Sua criação foi na intenção de reduzir o espaço-tempo, embora o que presenciamos hoje não corresponde exatamente a esta finalidade, pois o indivíduo ao possuir um automóvel está mentalizando fazer parte de um rol de pessoas, pertencente a uma classe social, na perspectiva de aumentar suas probabilidades de inserção na sociabilidade ou até mesmo facilitar um romance. Quando

esse instrumento foi possuído na intenção de preenchimento de lacunas dos novos tempos, da modernidade, o mesmo se caracteriza como moderno. Mas não há problema algum o sertanejo possuir o mesmo objeto, no caso do exemplo o automóvel, e usar de acordo com a sua necessidade de criação, que é justamente para reduzir o espaço-tempo. Portanto, ele continuará sendo sertanejo. O poder de consumo exerce uma influência exorbitante na prioridade do indivíduo, fazendo com que, coletivamente, nossos comportamentos sejam manipulados pela cultura de massa. Com maior aprofundamento Santos (2008b, p.62) relata:

Os transportes e as comunicações conheceram grandes avanços nos países subdesenvolvidos – por exemplo, os processos maiores são obtidos através do ônibus e do automóvel e os fluxos podem intensificar-se graças à sua maior flexibilidade, o que não podia ser alcançado com o trem, meio muito mais rígido e inflexível. A melhoria das estradas e dos veículos, o encontro de combustíveis mais baratos representam modernizações que permitem a diminuição dos custos. De modo geral, o preço do transporte aumenta menos que o dos demais fatores da produção, e a redução do custo das viagens possibilita às pessoas escolher onde adquirir bens e serviços, que frequentemente vão buscar em lugares mais distantes, mas onde os preços praticados oferecem maiores atrativos. Naturalmente, os que fazem essas viagens de consumação são os que dispõem de mobilidade. Essa mobilidade no território é, aliás, negada aos que dispõem de menos renda.

Na complexidade cultural, existe uma força atrativa entre o tradicional e o moderno. Na disposição da modernização dos meios de produção, comunicação e transporte, a amplitude das necessidades cresce concomitantemente com o perfil cultural da população. Portanto, as ruas das cidades se confundem entre quadras, o sujeito passa a ser objeto e as políticas culturais nada celebram as antigas culturas. Tudo não passa de um ilusionismo, em que a preponderância do modo de produção capitalista comina um ideal de vida, fato que ilustra a carência de alternativas de vida, asfixiando a diversidade cultural.

O contingente que se denomina sertanejo, do município de Crixás, vem drasticamente caindo. A industrialização da cultura engole, principalmente, a juventude que recebe uma educação urbana, que estimula a vida urbana. As transformações da população de Crixás ocorrem no silêncio dos sertanejos, que não conseguem manifestar atrativos a seus filhos. Isso se verifica em detrimento da globalização da produção de espaço, do difundido pensamento único, sobre uma cultura de massa que consegue eleger uma maneira de vida convincente.

Alguns entrevistados, que se dizem sertanejos com muito orgulho, têm em média 70 (setenta) anos de vida arraigada ao sertão. Nunca se mudaram. O seu vínculo com a terra em que foi criado invoca o mérito de ser sertanejo. As terras, nesse sentido, seguem a lógica

do valor de uso, diferente de seus filhos, que mudam-se para a cidade em busca de educação e emprego, e quando seus pais morrem e deixam a terra como herança, a lógica passa a ser do valor de troca, visto que a dimensão simbólica da terra não corresponde a seus princípios. Dessa forma, o sertanejo que tivemos o privilégio de conhecer e entrevistar, está fadado a sofrer uma ressignificação cultural em função da transição de gerações.

#### ***4.2 - A relação de trabalho: novas formas e velhas funções em Crixás-GO***

Crixás, embora seja uma cidade que teve sua origem da exploração do ouro, não possui características semelhantes aos tempos de Brasil/colônia. A mineração do ouro presidida pela multinacional Serra Grande, relação já apresentado em outra oportunidade deste trabalho, é responsável pela dinâmica territorial de Crixás através de suas contribuições com impostos pagos ao município que chega a um montante de R\$ 135.000,00, como também pela sua oferta de empregos, diretos e indiretos. A arrecadação de ICMS do setor industrial chega a medir 50% de seu total, atingindo cerca de R\$ 1.850,00. Apesar da mineradora se apropriar do ouro Crixense que está localizado no subsolo das áreas do Cerrado para inseri-lo na economia mundial, sua participação para o crescimento econômico é substancial.

Os números demonstrados no gráfico 17 exaltam a importância da empresa na alimentação do capital comercial, visto que o maior número de empregos formais se concentra na empresa.

Um fato que impressiona é o alto número de empregos formais em Crixás, relevando os dados condizentes à população da data referente a 2008, que tinha um contingente populacional de 14.986 (quatorze mil, novecentos e oitenta e seis), enunciando uma parcela de 19,45% do total de 2.916 (dois mil, novecentos e dezesseis) empregos. De acordo com esta análise, Crixás segue o mesmo patamar de empregos formais do Estado, pois no ano de 2007 Goiás tinha uma população de 5.647.035 (cinco milhões, seiscentos e quarenta e sete mil e trinta e cinco) habitantes dos quais 1.061.428 (um milhão, sessenta e um mil, quatrocentos e vinte e oito) tinham empregos registrados, significando 18,79%. Crixás segue a lógica do Estado na relação de empregos formais.

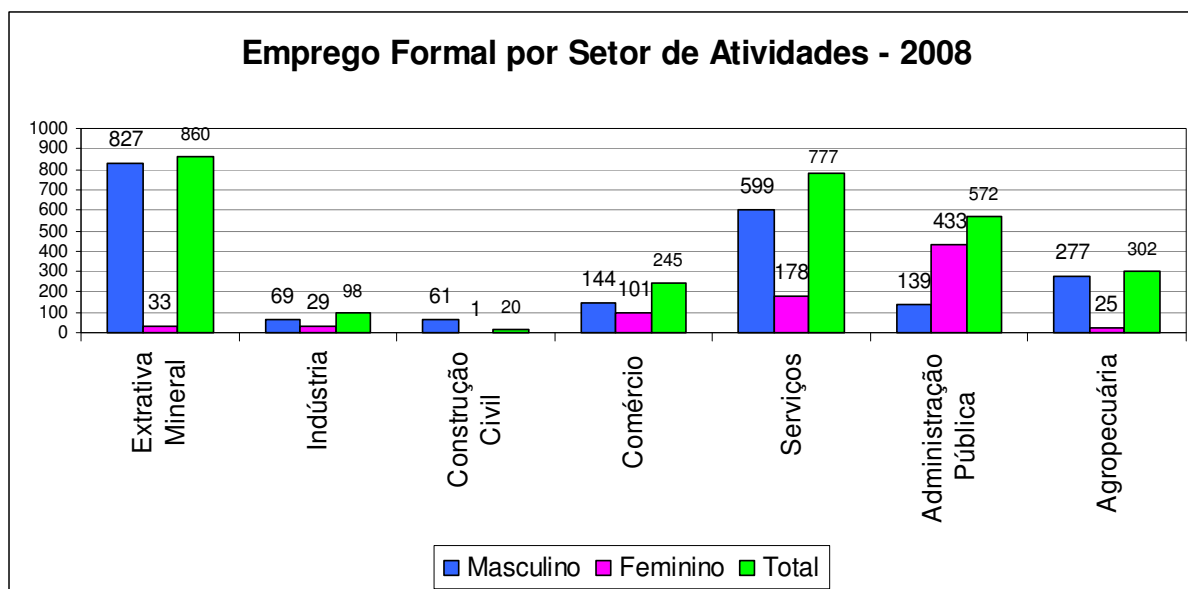


Gráfico 17 – Emprego formal por setor de atividades em Crixás, 2008.

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego.

Disponível em: [http://www.mte.gov.br/seg\\_desemp/default.asp](http://www.mte.gov.br/seg_desemp/default.asp) Acesso em: 25/11/2009

Elaboração: Dias, Wagner Alceu.

O setor da extrativa mineral lidera o *ranking* com 29,49% de toda a oferta de empregos registrados. Na posição de segundo lugar, o setor de serviços representa 26,69% do total de empregos formais, lembrando que boa parcela destes são empregos indiretos da empresa Serra Grande. Com 19,61%, a administração pública detém o terceiro lugar em registros de empregos, dos quais 75,6% são ocupados por mulheres. Na sequência vem a agropecuária com 10,35%, os comércios com 8,40%, setor industrial abarcando 3,36%, restando à construção civil apenas 0,68% dos empregos formais de Crixás. Com os resultados apresentados, pretende-se elucidar os processos pertinentes às relações de trabalho responsáveis pela formação das formas e funções de Crixás, no intuito de traçar suas particularidades, enquanto município da Microrregião de São Miguel do Araguaia, como também do Estado de Goiás.

Dessa forma, será de extrema importância mostrar os dados que abordam os fatores econômicos, embora a tabela 04 tenha o objetivo de apresentar as estimativas populacionais de cada município da Microrregião, pois serão avaliados os resultados das relações sociais que, a partir de então, demonstram o potencial produtivo relativamente à sua população.

<b>POPULAÇÃO ESTIMADA (total de habitantes)</b>					
<b>MUNICÍPIO</b>	<b>2001</b>	<b>2003</b>	<b>2005</b>	<b>2008</b>	<b>2009</b>
<b>Crixás</b>	<b>14.082</b>	<b>13.269</b>	<b>11.818</b>	<b>14.986</b>	<b>15.005</b>
<b>Mozarlândia</b>	<b>11.238</b>	<b>11.527</b>	<b>11.880</b>	<b>13.815</b>	<b>14.073</b>
<b>Mundo Novo</b>	<b>8.458</b>	<b>8.920</b>	<b>9.759</b>	<b>6.916</b>	<b>6.787</b>
<b>Nova Crixás</b>	<b>11.060</b>	<b>11.048</b>	<b>11.035</b>	<b>13.221</b>	<b>13.432</b>
<b>Novo Planalto</b>	<b>3.305</b>	<b>3.136</b>	<b>2.829</b>	<b>4.191</b>	<b>4.266</b>
<b>São Miguel do Araguaia</b>	<b>23.196</b>	<b>23.909</b>	<b>25.063</b>	<b>23.128</b>	<b>23.142</b>
<b>Uirapuru</b>	<b>3.038</b>	<b>3.061</b>	<b>3.081</b>	<b>3.112</b>	<b>3.117</b>

Tabela 04 – Comparativo da população dos municípios da Microrregião de São Miguel do Araguaia entre o ano de 2001 a 2009.

Fonte: IBGE - SEPLAN-GO / SEPIN / Gerência de Estatística Socioeconômica

Disponível: <http://www.seplan.go.gov.br/sepim/> Acesso em: 14/09/2009.

Modificação: DIAS, Wagner Alceu.

Todos os empregos formais estabelecidos no município de Crixás, ao serem submetidos a uma comparação entre os municípios da Microrregião de São Miguel do Araguaia na tabela 06, mostram que a quantidade de empregos formais de Crixás só perde para Mozarlândia, que tem 271 (duzentos e setenta e um) postos de trabalho de superioridade. Essa superação de Mozarlândia à Crixás é explicada pela presença do Frigorífico Bertin, empresa com alta capacidade de empregabilidade.

<b>NÚMERO DE EMPREGOS FORMAIS</b>			
<b>MUNICÍPIO</b>	<b>2000</b>	<b>2007</b>	<b>2008</b>
Crixás	1.422	2.659	2.916
Mozarlândia	1.163	3.221	3.187
Mundo Novo	349	639	657
Nova Crixás	718	1.590	1.486
Novo Planalto	267	353	426
São Miguel do Araguaia	1.581	2.149	2.400
Uirapuru	185	313	301

Tabela 06 – Número de empregos formais nos municípios da Microrregião de São Miguel do Araguaia entre 2000 a 2008.

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego.

Disponível em: [http://www.mte.gov.br/seg\\_desemp/default.asp](http://www.mte.gov.br/seg_desemp/default.asp) Acesso em: 11/04/2009

Modificação: DIAS, Wagner Alceu

Contudo, Crixás, ocupando a segunda posição em relação a contratação de trabalhos com carteira registrada dentro da Microrregião, possui uma considerável média salarial dos empregos formais. Neste caso, fica claro que apesar de Mozarlândia ter uma empregabilidade maior circunscrevendo os empregos formais não significa que a população

tenha maiores benefícios que outras. Isso porque sua média de empregos formais é 38,21% menor que a de Crixás, dados explicitados na tabela 07.

Município como São Miguel do Araguaia que ostenta uma população de 23.142 (vinte e três mil, cento e quarenta e dois), tem apenas 2.400 (dois mil e quatrocentos) empregos formais, com uma média salarial de 857,58. Relativizando a população com o número de carteiras assinadas, apenas 10,37% da população é beneficiada. Esses dados indicam um índice bem inferior ao do Estado de Goiás.

<b>REMUNERAÇÃO MÉDIA DE EMPREGOS FORMAIS EM 31 DE DEZEMBRO DE 2008</b>	
<b>Municípios</b>	<b>Em (R\$)</b>
Crixás	1.526,48
Mozarlândia	943,36
Mundo Novo	787,65
Nova Crixás	865,85
Novo Planalto	689,13
São Miguel do Araguaia	857,58
Uirapuru	756,11

Tabela 07 – Remuneração média dos empregos formais dos municípios da Microrregião de São Miguel do Araguaia em 2008.

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego

Disponível em: [http://www.mte.gov.br/seg\\_desemp/default.asp](http://www.mte.gov.br/seg_desemp/default.asp) Acesso em: 25/11/2009

Elaboração: DIAS, Wagner Alceu

As exposições dos números referentes aos municípios que formam a Microrregião de São Miguel do Araguaia têm a finalidade de mostrar os predicatos de Crixás, destacando seu desenvolvimento econômico e a contribuição com a economia goiana. Contudo, as estatísticas já apresentadas evidenciam Crixás como uma cidade economicamente dependente da extrativa mineral. Essa característica confirma a ideia de velhas funções e novas formas, uma inversão parcial da afirmação de Corrêa (1986, p.78-79)

O fato de muitos das formas construídas transformarem-se em capitais fixos, apresentando ainda determinado nível de remuneração do capital investido, ou então um certo valor para a sociedade, explica a força de inércia que possuem. Ademais, muitas destas formas são dotadas de certa flexibilidade que permite uma adaptação às exigências das novas funções criadas em momentos posteriores à sua criação. Assim, o moderno, a função, e o antigo, a forma, podem estar juntos, ao lado de funções e formas contemporâneas, tornando complexa a organização espacial.

Quando se trata da economia de Crixás o processo é o inverso do que foi citado, pois o território de Crixás é construído sob a economia aurífera e assim continua. De um lado,

há a exploração do trabalho e dos recursos naturais para o abastecimento de um mercado internacional. De outro, tem-se a cristalização dessas relações de trabalho, que são exatamente a infraestrutura que é utilizada para viabilizar a realização do trabalho, isto é, a forma. Nessa perspectiva é que as formas se renovam. A modernização dos meios de produção tem essa incumbência, visto que a mineração que antes era rusticamente exercida com uma precária aparelhagem para extrair ouro das profundezas do solo, hoje esse quadro foi totalmente transformado. A extração foi mecanizada com a implementação de alta tecnologia, acompanhada por uma infraestrutura capaz de oferecer eficácia à extração de ouro numa larga escala.

Ainda, sobre dados referentes aos empregos formais de Crixás, a tabela 08 realça a participação da mineração na economia do município. O setor da extrativa mineral possui uma média salarial que equilibra as demais, fazendo de Crixás um município detentor de uma população possuidora de uma alta remuneração, fato que pressupõe um maior número de capital a ser circulado no mercado interno, como também uma propensão melhora na qualidade de vida.

<b>Remuneração Média de Empregos Formais em 31 de Dezembro de 2008 em Crixás</b>			
<b>Indicadores</b>	<b>Masculino</b>	<b>Feminino</b>	<b>Total</b>
Extrativa Mineral	2.596,68	2.107,75	2.577,49
Indústria de Transformação	642,42	549,36	624,70
Serviços Industriais de Utilidade Pública	1.466,49	0,00	1.466,49
Construção Civil	616,30	1.465,20	630,00
Comércio	647,55	523,05	596,02
Serviços	1.819,61	873,20	1.602,44
Administração Pública	1.007,63	822,59	868,11
Agropecuária	662,43	594,39	656,46
<b>Total das Atividades</b>	<b>1.782,26</b>	<b>840,53</b>	<b>1.526,48</b>

Tabela 08 - Remuneração média de empregos formais em setores de atividades - municípios de Crixás em 2008.  
 Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego  
 Disponível em: [http://www.mte.gov.br/seg\\_desemp/default.asp](http://www.mte.gov.br/seg_desemp/default.asp) Acesso em: 25/11/2009  
 Elaboração: DIAS, Wagner Alceu

Outro fator importante a ser observado é a diferença dos salários entre homens e mulheres. Em todos os setores, com exceção da construção civil, o salário masculino é superior. Isso significa que a mulher ainda sofre preconceito quanto a sua inserção no mercado de trabalho. De todos os empregos formais de Crixás, a mulher ocupa 27,43% dos cargos, número que expressa uma inferior participação feminina em comparação à média do

Estado de Goiás, que concentra 41,14% de todos os empregos formais. As estatísticas de Goiás revelam a conquista das mulheres no mundo do trabalho, mas os salários continuam desfavoráveis, exemplo mostrado na tabela 09.

<b>Remuneração Média de Empregos Formais em 31 De Dezembro de 2008 no Estado de Goiás</b>			
<b>Indicadores</b>	<b>Masculino</b>	<b>Feminino</b>	<b>Total</b>
Total das Atividades	1.276,37	1.091,97	1.200,16
Extrativa Mineral	2.000,94	1.499,50	1.960,66
Indústria de Transformação	1.150,78	782,42	1.045,54
Serviços Industriais de Utilidade Pública	3.649,47	3.374,43	3.612,23
Construção Civil	1.112,13	1.145,58	1.114,30
Comércio	873,04	731,64	818,64
Serviços	1.184,02	961,70	1.082,83
Administração Pública	2.122,86	1.444,06	1.701,61
Agropecuária	864,34	636,69	832,05

Tabela 09 - Remuneração média dos empregos formais em setores de atividades no Estado de Goiás em 2008.  
 Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego  
 Disponível em: [http://www.mte.gov.br/seg\\_desemp/default.asp](http://www.mte.gov.br/seg_desemp/default.asp) Acesso em: 25/11/2009  
 Elaboração: DIAS, Wagner Alceu.

A incompatibilidade de salários é cotada como um dos elementos inibidores da procura de trabalho, uma vez que a mulher trabalha o mesmo número de horas diárias com eficiência tanto quanto igual a dos homens. Aqui não se fará necessário entrar na discussão para descobrir as causas que afastam a mulher crixense do trabalho, em especial dos empregos formais, visto que não é o objetivo central do presente trabalho.

Ao analisar os dados do gráfico 18, percebe-se um relevante desempenho de Mozarlândia e Crixás quanto ao crescimento do pib e renda *per capita*. Depois de Mozarlândia, Crixás assegura o 2º lugar dos municípios da Microrregião de São Miguel do Araguaia que mais produzem riquezas patrimoniais e individuais. Estes dados podem ser traduzidos a partir dos reflexos da conjuntura comercial da cidade, a qual é composta por 347 (trezentos e quarenta e sete) pontos comerciais,<sup>10</sup> entre eles destina-se a atenção para 6 (seis) comércios e assistência técnica de micro computadores. Diante de uma população com pouco mais de quinze mil habitantes, esse número de lojas especializadas em manutenção de computadores é considerado alto. Porém, esse é um reflexo do pib e *per capita*.

<sup>10</sup> Dado colhido na prefeitura municipal de Crixás.

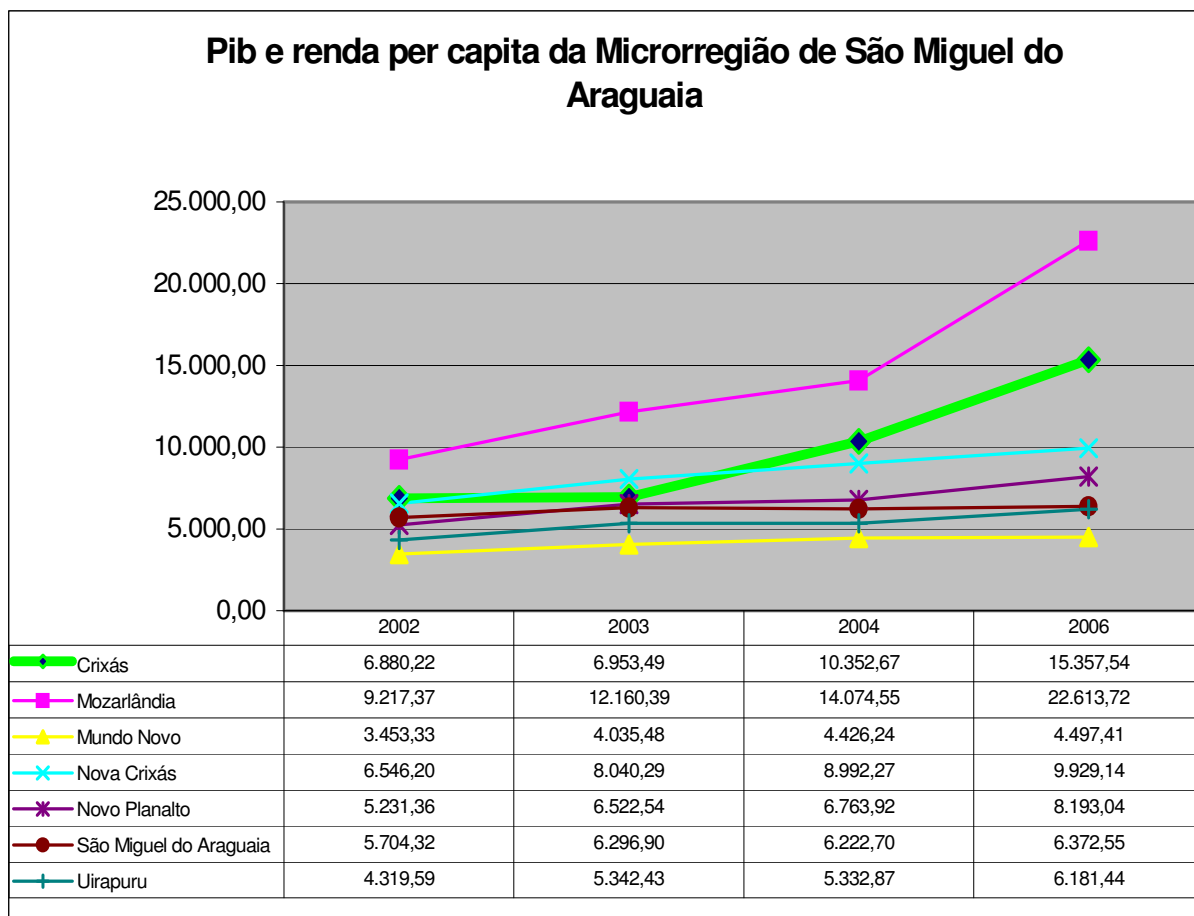


Gráfico 18 – Pib e renda *per capita* dos municípios da Microrregião de S. Miguel do Araguaia de 2002 à 2006.  
 Fonte: SEPLAN-GO / SEPIN / Gerência de Contas Regionais.  
 Disponível: <http://www.seplan.go.gov.br/sepim/> Acesso em: 15/09/2009.  
 Elaboração: DIAS, Wagner Alceu

De acordo com a pesquisa realizada entre os proprietários das lojas de informática, concluiu-se que cerca de 95% da população crixense possuem um micro computador a domicílio. A relevância desses números se dá pela territorialidade de cada uma das lojas, visto que ambas são concorrentes e possuem uma abrangente clientela.

Outro fator que está diretamente associado a esse alto índice de micro computadores é a localização da Universidade Estadual de Goiás (UEG), que oferece atualmente 2 (dois) cursos de graduação, pedagogia e tecnologia em redes de computadores. O último tem função estimuladora para os jovens que estão terminando o ensino médio, pois o curso tem grande prestígio quanto ao mercado de trabalho.

A quantidade de computadores em Crixás não deve ser um dado determinante para apresentar os reflexos do pib e renda *per capita*, mas constitui-se como um elemento indicativo, assim como os dados que serão apresentados no gráfico 19, contendo o número de

automóveis por cada município da Microrregião de São Miguel do Araguaia. Dessa forma, é possível fazer uma análise valorizando o número de habitantes e seus bens particulares.

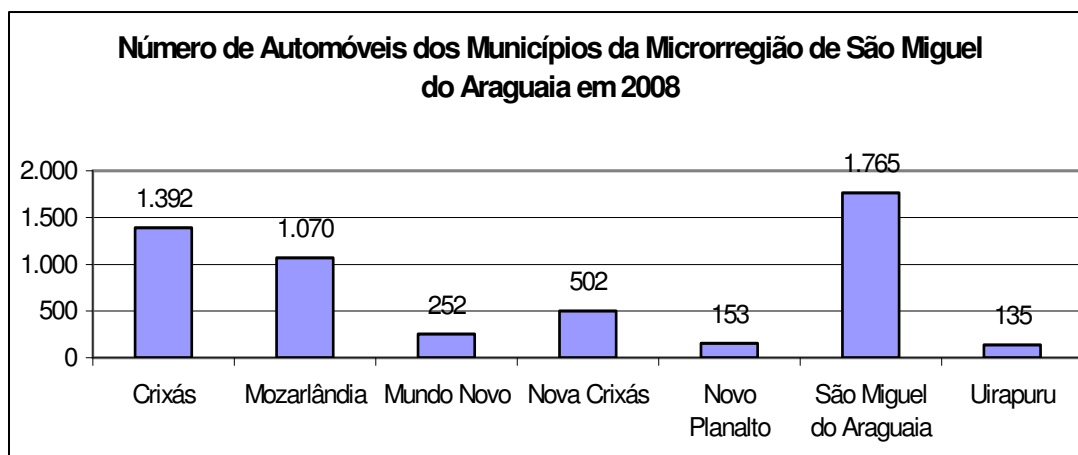


Gráfico 19 – Comparativo do número de automóveis dos municípios da Microrregião de São Miguel do Araguaia em 2008  
 Fonte: IBGE (2008).  
 Elaboração: DIAS, Wagner Alceu

Do total de habitantes de Mozarlândia, 7,60% possuem automóveis. Já São Miguel do Araguaia tem 23.142 (vinte e três mil, cento e quarenta e dois) habitantes, dos quais 7,62% possuem automóveis. A população de Nova Crixás possuidora de automóveis concentra apenas 3,73% de sua população de 13.432 (treze mil, quatrocentos e trinta e dois). Diante dessas cidades, as mais populosas da Microrregião, nota-se que Crixás se sobressai com um total de 9,27% da população que possuem automóveis. Na analogia que foi estabelecida entre as principais cidades da Microrregião de São Miguel do Araguaia, sem dúvida, Crixás segue a coerência da alta remuneração por empregos formais, como também das estatísticas favoráveis da pib e renda *per capita*. Esses dados mostram que as relações de trabalho ocorridas neste município são mais intensas, gerando um resultado satisfatório em aspectos econômicos.

Percebe-se que Crixás está em ascensão econômica ao ser comparada ao restante dos municípios que constituem a Microrregião de São Miguel do Araguaia. Mas perguntas são instigadas a todo instante, como por exemplo: Até quando essa ordem de crescimento econômico vai se perpetuar? De acordo com as atividades econômicas que mais se destacam em Crixás, é possível o surgimento de outras atividades significantes para sustentar o crescimento econômico? Em relação a sua população, quais serão as expectativas para os próximos anos, uma vez que Crixás foi, durante décadas, alvo de uma intensa emigração?

Estas são perguntas essenciais para que o próximo item possa ser exposto como forma de enaltecer o futuro do desenvolvimento socioeconômico de Crixás.

### ***3.3 - Movimentos e perspectivas do desenvolvimento socioeconômico para Crixás-GO***

Para proferir perspectivas para o município de Crixás, faz-se necessário abordar os elementos que condicionam sua economia, dos quais a demografia e as relações de produção, com destaque para a extração mineral e pecuária serão focos centrais na presente discussão.

Depois de ter analisado as relações de produção desenvolvida em Crixás, não fica difícil esclarecer que a evolução negativa populacional ocorrida entre um intervalo de 20 anos, aproximadamente, não afetou proporcionalmente a economia local. Pelo contrário, observa-se que no período que houve uma perda significativa da população, os meios de produção não sofreram reflexos. Isso se deve ao fato de que a idade das técnicas é determinante para a compreensão da realidade geográfica, isto é, a produção do espaço é constituída pela transformação da primeira natureza em segunda natureza, tendo o trabalho como elemento mediador. Desde os tempos mais remotos este trabalho foi potencializado por velhas técnicas e novas tecnologias, o que tem provocado uma ebulição das relações de produção.

As possibilidades de crescimento econômico de Crixás não podem ser determinadas pelo quesito populacional, uma vez que a própria história, através das estatísticas do gráfico 20, demonstra que a dinâmica demográfica analisada pelos fluxos migratórios, em correspondência com a economia, não indica uma condicional.

Em 1980 Crixás tinha uma população de 30.219 (trinta mil, duzentos e dezenove) habitantes, dos quais 75,66% se localizavam na zona urbana. Essa organização espacial é produto e reflexo das condições sociais, melhor dizendo, das relações de produção. Nesse mesmo ano, Crixás ainda não tinha em suas mediações a mineradora Serra Grande, porém a prática exploratória do ouro era feita com técnicas que necessitava adentrar nos aluviões dos leitos dos rios, havendo também escavações executadas utilizando a força dos jatos d'água do bombeamento mecânico.

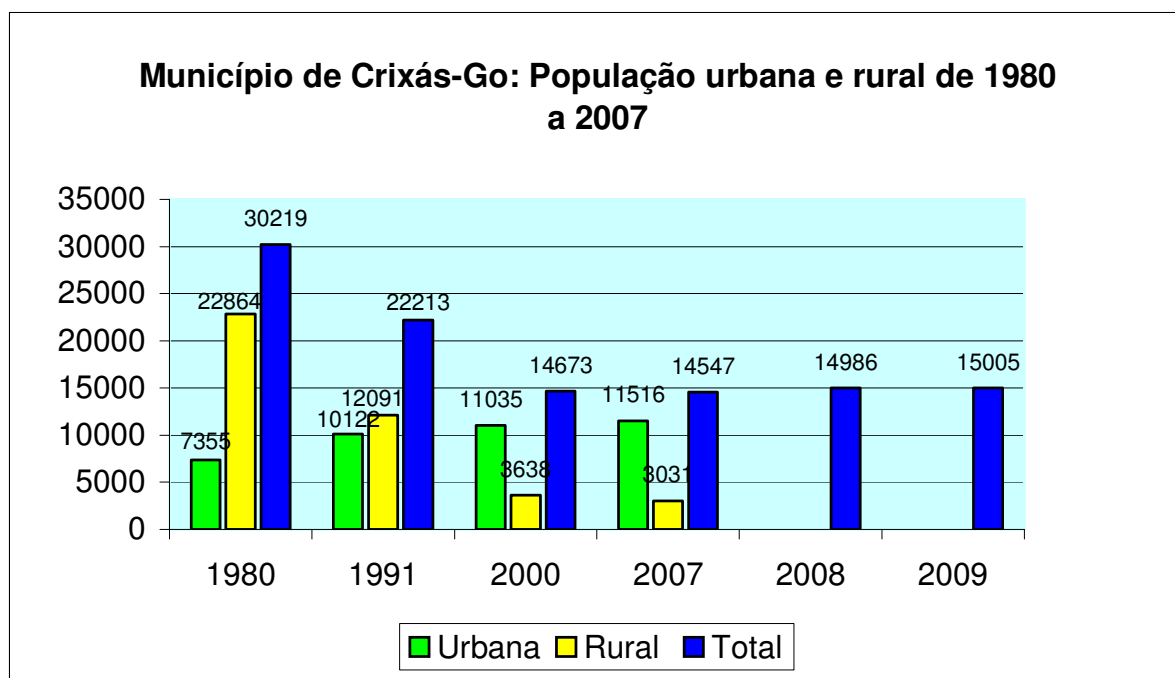


Gráfico 20 – População urbana e rural do município de Crixás entre 1980 a 2007.  
 Fonte: IBGE - SEPLAN-GO / SEPIN / Gerência de Estatística Socioeconômica.  
 Disponível: <http://www.seplan.go.gov.br/sepim/> Acesso em: 15/09/2009.  
 Org. DIAS, Wagner Alceu

Essa realidade implica em maior esforço físico como também uma maior concentração de trabalhadores denominados de garimpeiros. Este quadro é registrado por Asmar (1988, p.69, 70):

Em levantamento no DNPM, consignam-se que “os garimpeiros de Crixás desenvolvem-se nas aluviões do Rio Vermelho, principalmente entre a confluência do Córrego Geral e a barra do Córrego Água Forte, assim em pontos isolados, distanciados entre si cerca de um quilômetro. A atividade garimpeira de região de Crixás teve, durante o ano de 1984, ascensão e declínio. Em levantamento efetuado no mês de abril de 1984, foram cadastrados 1.328 garimpeiros, produzindo mensalmente cinquenta e cinco quilos de ouro. [...] Registra que a garimpagem já é praticada de duas formas opostas: Uma, irregular, no leito do rio, por 59% dos homens, 21% de mulheres e 11% por crianças, a outra por dragas de sucção, “denominadas balsas quando utilizam mergulhadores, e chupadeiras quando são fixas”. É o grasso, com 70 unidades de garimpagem, sendo duas balsas, três dragas e 65 conjuntos de chupadeiras, distribuídas ao longo do rio. As autoridades ainda não podem “calcular com precisão a produção desses garimpos”. No entanto, estimam a captura de 55 mil gramas mensais de ouro.

Todavia, as relações técnicas estabelecidas na exploração de ouro nesse período exigiam uma maior demanda de mão-de-obra, fato que explica o alto contingente populacional de Crixás. De acordo com o gráfico 19, a população de Crixás começa a entrar

em declínio da década de 1980 até 1990, justificativas que são levantadas sob duas razões. A primeira mantém-se no processo de fragmentação territorial ocorrido no ano de 1980, emancipando dois municípios, Mundo Novo e Nova Crixás, ambos pertenciam ao território de Crixás. Posteriormente, em 1992 foi a vez da emancipação de Uirapuru, que apesar de ser considerada de pequena população, também afeta na redução da população de Crixás. A segunda razão está na implantação da mineradora Serra Grande, empresa que aboliu qualquer tipo de práticas ilegais vinculadas à extração do mineral. Dessa forma, muitos garimpeiros junto com suas famílias viviam dessa atividade e se viram forçados a procurar outras áreas para explorar o mineral, visto que a empresa empregava muitos trabalhadores que tinham que se especializar e ter certo grau de estudos, a princípio o ensino fundamental, hoje é necessário ter o ensino médio como também o ensino superior, que é oferecido para os cargos de maior relevância para o planejamento e execução das atividades exploratórias do ouro. A exclusividade da extração do ouro conquistada pela empresa acaba também com o comércio do ouro na cidade, sabido que o ouro que a empresa extrai nada acrescenta a economia de Crixás, pois toda a produção é exportada e comercializada nas bolsas de valores internacionais.

As fragmentações territoriais, juntamente com mudanças no setor produtivo do ouro, fizeram com que a população de Crixás sofresse perdas quantitativas, o que não representa uma perda qualitativa. Isso porque as atividades econômicas se concentraram na extração do ouro dirigido pela Serra Grande seguindo pela pecuária. Portanto, as perdas populacionais jamais podem ser observadas como elemento determinante no desenvolvimento econômico. Damiani (2009, p.49) atenta para essa questão:

Em princípio, a densidade populacional aparece como relação numérica, ou valor indicativo entre população e superfície efetivamente ocupada, mas não sugere nem a diversidade produtiva de uma determinada região (potencial agrícola e industrial), nem a diversidade social da população. Como densidade média, inclusive, não captaria a dispersão e concentração populacionais, mascarando, assim, a realidade geográfica. Apareceria como um modelo abstrato de repartição, já que uniforme.

Isso significa que o contingente populacional é um elemento indicador de uma diversidade de possibilidade, mas não exalta o potencial produtivo e nem sua evolução econômica. Os números são resultados de um processo que merece uma análise para chegar ao entendimento de sua formação, pois tal processo é permeado de sujeitos que atuam numa estrutura produtiva capaz de denunciar os prováveis avanços ou supostas estagnações. Sobre este fato Souza (2005, p.31) complementa que:

O tamanho demográfico, assim, muito pouco explica sozinho: o que explica as características econômicas-espaciais, em matéria de diversificação, sofisticação e centralidade, é o que ela representa enquanto mercado – o tamanho do mercado potencial, é claro, mas também o nível e a distribuição da renda e as características culturais dos consumidores.

O atual modelo de produção presidido na economia de mercado impede que a simples contagem da população de um município sirva como metodologia para abarcar a realidade geográfica. A diversidade dos mercados, juntamente com a variedade cultural, é responsável pelo aglutinamento de pessoas, indícios que propõem a compreensão da densidade demográfica. Crixás, por ser uma cidade com pouco mais de 15 mil habitantes, tem uma densidade demográfica baixa. Isso se deve ao fato da estrutura econômica que ao longo dos tempos foi sendo construída, não oferecendo expectativas que excedam a própria realidade, ou seja, no município é encontrado um mercado capaz de satisfazer 95% da população, da qual os setores de serviços estão diretamente ligados à exploração mineral, pecuária e administração pública. Isso, de certa forma, limita as portas emigratórias, uma vez que a pecuária obedece a coerência da propriedade privada, impedindo que essa atividade torne uma atratividade. A mineração quase sempre é constante em seu número de operários, cujos trabalhos destinados à terceirização são passageiros não propiciando prolongamento de estadia na cidade, até mesmo porque a mão-de-obra deste trabalho é especializada. Por último, temos o setor público que constantemente emprega trabalhadores por meio de concursos públicos.

Em relação a estrutura econômica que foi montada em Crixás, segue-se um contingente populacional constante, com equilíbrio entre mercado e serviços, o que favorece o desenvolvimento socioeconômico. Lefebvre (2001, p.125) tece considerações que assemelham à realidade socioeconômica de Crixás.

Orientar o crescimento na direção do desenvolvimento, portanto na direção da *sociedade urbana*, isso quer dizer antes de mais nada: prospectar as *novas necessidades*, sabendo que tais necessidades são descobertas no decorrer da prospecção. Não preexistem como objeto. Não figuram no “real” descrito pelos estudos de mercado e de motivação (individuais). Por conseguinte, isto quer dizer substituir a planificação econômica por uma planificação social, cuja teoria ainda não está elaborada.

As necessidades descobertas incidem em articulações promovidas individualmente com capacidade de satisfazer os anseios sociais e econômicos da coletividade. Ao verificar a

taxa de crescimento geométrico populacional de Crixás na tabela 10, tira-se a seguinte conclusão:

<b>TAXA DE CRESCIMENTO GEOMÉTRICO POPULACIONAL (%)</b>				
<b>MUNICÍPIO</b>	<b>1991</b>	<b>2000</b>	<b>2006</b>	<b>2008</b>
Crixás	-2,76	-4,50	-4,25	0,26
Mozarlândia	1,61	1,17	1,18	2,67
Mundo Novo	-	4,46	3,65	-1,97
Nova Crixás	-	-0,04	-0,05	2,25
Novo Planalto	-	-2,71	-3,80	2,53
São Miguel do Araguaia	-1,56	1,94	1,87	0,18
Uirapuru	-	-	0,24	0,28

Tabela 10 – Comparativo da taxa de crescimento geométrico populacional dos municípios da Microrregião de São Miguel do Araguaia entre 1991 a 2008

Fonte: IBGE (2008) Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?> Acesso em: 12/09/2009

Elaboração: DIAS, Wagner Alceu

- De 1990 até 2006, Crixás passa por perdas populacionais não tão significativas, mas essenciais para a regulação dos serviços e mercados, caracterizando como planificação social, isto porque ambos os setores administram as demandas de mão-de-obra de acordo com o desenvolvimento econômico.

- Em 2008 sua população teve um acréscimo que não reflete no equilíbrio socioeconômico, pois o desenvolvimento socioeconômico do município, a partir de então, começa a ter um salto qualitativo, o que implica em crescimento em todos os setores, havendo grande movimentação imobiliária.

De tudo que foi apresentado, não restam dúvidas de que Crixás é o município que mais perde habitantes, comparando aos demais da Microrregião de São Miguel do Araguaia. Mesmo com uma população estagnada quantitativamente, Crixás mostra ter uma economia forte e com números favoráveis que denunciam perspectivas de maior desenvolvimento econômico. Para reforçar esse raciocínio faz-se necessário observar a tabela 10, que tem como objetivo amparar as expectativas socioeconômicas do futuro do município de Crixás.

<b>DISTRIBUIÇÃO DO ICMS REPASSE (R\$ MIL)</b>		
<b>MUNICÍPIO</b>	<b>2006</b>	<b>2008</b>
Crixás	3.103	6.265
Mozarlândia	2.890	5.206
Mundo Novo	1.215	1.685
Nova Crixás	3.569	4.896
Novo Planalto	788	1.093
São Miguel do Araguaia	5.728	5.866
Uirapuru	536	746
<b>TOTAL: 7</b>	<b>17.829</b>	<b>25.757</b>

Tabela 11 – Comparativo do repasse do ICMS (R\$mil) entre os municípios da Microrregião de São Miguel do Araguaia no ano de 2006 e 2008.

Fonte: Secretaria de Estado da Fazenda – SEFAZ Disponível em: <http://www.sefaz.go.gov.br/>

Elaboração: DIAS, Wagner Alceu

Como se observa, dos municípios da Microrregião de São Miguel do Araguaia, Crixás é o município que tem o maior repasse de ICMS, detalhe que ao ser comparado com alguns municípios, especialmente em relação à extensão territorial como também o número de habitantes, vê-se que as condições sociais de Crixás têm grandes probabilidades de produzir uma realidade mais sustentável. Com esse montante repassado pelo ICMS, juntamente com os impostos recebidos da Serra Grande, a administração pública de Crixás conta com um farto orçamento para realizar uma gestão que ofereça sadia qualidade de vida aos seus habitantes.

A organização espacial de Crixás tem suas particularidades em função de dois quesitos. Primeiro pela sua diferenciação em relação a sua localização geográfica, pois já foi feito a analogia entre norte e sul de Goiás, constatando-se que o norte tem uma vasta área ainda em estado conservado do Cerrado, mas paga o preço da estagnação econômica. Crixás não segue as características do resto dos municípios de sua Microrregião, demonstrando um desenvolvimento econômico significativo. O segundo motivo se concentra nas relações técnicas, pois suas principais atividades econômicas se dão pelas mesmas atividades econômicas responsáveis pela sua origem enquanto território; a mineração e a pecuária. No entanto, Crixás, segundo C.D. Harris, se caracteriza como “Cidade de mineração” em função da preponderância de uma ou várias atividades de interesse geral e classificada, neste caso, a mineração e o setor industrial que amparam a extração do minério ouro. Esse raciocínio está em perfeita sincronia com a afirmação de Lefebvre (2001, p.124:) que esclarece: “É essencial não mais considerar separadamente a industrialização e urbanização, mas sim perceber na urbanização o sentido, o objetivo, a finalidade da industrialização”.

Isso nos alerta sobre a necessidade de relacionar a empresa Serra Grande com os aspectos sociais e paisagísticos de Crixás. Neste aspecto, é importante ressaltar que a

configuração territorial de Crixás não pode ser explicada e entendida sem mencionar o envolvimento e reflexos da indústria do ouro, fato que nos força a pensar numa provável ausência da empresa num futuro próximo. Isso levaria a uma reorganização espacial pois, pelas diversas pesquisas que são rotineiramente feitas por outras empresas, a economia de Crixás não sofrerá declínios bruscos. Como exemplo disso tem-se registrado frequentes visitas do Instituto Votorantim, que possui um grupo de pesquisadores que financiam um projeto que tem como objetivo explorar o Níquel do território de Crixás.

Pelos encaminhamentos das atividades econômicas que ocorrem em Crixás, é possível proferir que o desenvolvimento socioeconômico não é passageiro, mesmo que os amarelos do ouro e do pequi sejam extintos, pois esse é o preço do progresso.

## CONCLUSÃO

Em todo o percurso da pesquisa não foi medido esforços para que os resultados, aqui apresentados, tenham consistência e compromisso com o objeto de estudo, neste caso o município de Crixás. Os aspectos teóricos e metodológicos foram cuidadosamente selecionados na intenção de construir um raciocínio crítico e condizente com a verdadeira realidade de Crixás, exaltando a dinâmica territorial de Crixás à luz da produção aurífera desenvolvida em pleno Cerrado. Embora a metáfora dos amarelos do ouro e pequi apresentada no tema consista em uma discussão sobre a riqueza no âmbito da acumulação de capital, como também atributo cultural, a maior pretensão incide na elucidação das particularidades de Crixás sobre o prisma das disputas territoriais, que teve início já nos primeiros momentos de sua formação territorial. Para isso, se fez necessário a identificação de várias instâncias territoriais, isto é, as territorialidades que são advindas das relações políticas, econômicas e culturais.

A construção territorial de Crixás foi estabelecida sobre constantes conflitos. Em 1734, precisamente, época que os bandeirantes se territorializam nas áreas que viriam se tornar Crixás, já inicia o conflito, pois aquelas áreas já eram ocupadas pelos índios Kuruxás e Kirirás. Portanto, no momento da territorialização dos bandeirantes, que tinham como grande objetivo explorar minérios valiosos que ali se encontravam, ocorre uma desterritorialização indígena. Isto porque há um embate entre duas culturas totalmente distintas, acompanhados de

interesses diferentes. Dessa forma, Crixás se apresenta em processo de formação territorial conflitante.

A partir de então, conduzida pela exploração aurífera, Crixás passa por transformações políticas administrativas consideráveis em virtude das disputas territoriais. Primeiro, pela sua pacata dinâmica é concebida como povoado de Nossa Senhora da Conceição. Posteriormente, quando suas relações de produção são intensificadas há uma maior concentração populacional, que oferece possibilidade de criação de várias instâncias, que fortalece os vínculos urbanos, como construção de igrejas, cerimoniais e festejos religiosos, vários comércios enfim. Essa nova fase é caracterizada como um arraial, deixando de ser povoado. Num outro momento, é reconhecido como paróquia Nossa Senhora da Conceição com título de sede da vila, o que indica sua situação de distrito. Somente depois de aproximadamente dois séculos Crixás é emancipada pela Lei Estadual nº 850, de 30 de outubro de 1953.

Mesmo depois que o território de Crixás é oficialmente legitimado por lei, ocorre significativas fragmentações territoriais, as quais podemos citar a criação dos municípios de Mundo Novo, Nova Crixás e Uirapuru, todos pertencentes à Microrregião de São Miguel do Araguaia. Contudo, a história demonstra ser um produto consciente da coletividade, isto é, o substrato material espacial de Crixás consiste na cristalização das relações sociais de produção e reprodução do capital. Esta se apresenta em constantes mudanças, com denominação de dinâmicas territoriais.

Na discussão que envolveu a dinâmica territorial de Crixás, foi estabelecido alguns elementos indispensáveis para sua compreensão, dentre os quais ressalta-se a relação tempo/espço, o campo das relações e o campo do poder, a relações entre homem e natureza e os aspectos demográficas. O entrelaçamento entre todos os elementos especificados possibilita o exame dos estágios evolutivos dos aspectos culturais, econômicos e políticos, perfis que promovem as diversas territorialidades constituintes no território de Crixás. Para melhor compreensão, é necessário que cada um dos elementos seja abordado separadamente de forma que sua funcionalidade se justifique na explicação da dinâmica territorial de Crixás.

Inicialmente, por meio de uma análise da relação espaço/tempo, é evidenciado o distanciamento entre áreas produtivas, insinuado pelo teor de capital aplicado para sua produção e reprodução. Tal como possa haver áreas que agregam maiores instrumentos tecnológicos capazes de proporcionar uma maior dinâmica às relações de produção, também existem as áreas que não têm suas aptidões produtivas alimentadas, presumindo então que os benefícios da não inserção do grande capital que tende a transformar a primeira natureza com

muita rapidez, equivale ao malefício da estagnação econômica. A idade das técnicas aplicadas em uma determinada produção vai indicar o valor e importância para a economia local, regional, nacional e internacional. Portanto, a relação espaço/tempo é contínua no sentido que em todas as instâncias sua atuação é conjunta, não existindo possibilidade de um existir sem o outro. E também pode ser descontínua, atuando como foi relatado, ou seja, a relação espaço/tempo é única na justificativa das diferenciações de áreas. Isso mostra a precisão de abordagem do espaço/tempo na explicação da dinâmica territorial de Crixás, visto que sua descontinuidade está pautada na localização dentro do Estado de Goiás, pertencedora da região noroeste, a qual não possui ocorrências de complexos agropecuários.

Outro elemento que foi considerado inerente à dinâmica territorial foi o campo das relações e o campo dos poderes, entendendo que estes se justapõem para cristalizar o território. O poder público, empresários, comerciantes, prestadoras de serviços, as igrejas entre outros são relações que se estabelecem em constante conflito. Nesse envolvimento do poder nas relações acabam por promover as territorialidades, essas que são exaltadas estritamente pelas intencionalidades de concretização dos objetivos coletivos.

Os aspectos demográficos são determinantes para o conhecimento do comportamento do município, frente a seus moradores. Este estudo oferece suporte para afirmar supostos crescimentos quantitativos e qualitativos, após identificar suas circunstâncias que variam como componentes a natalidade, mortalidade e migração. Nesse propósito, em Crixás se observou que sua população diminuiu drasticamente por inúmeros fatores, entre eles foi em consequência da própria fragmentação territorial. Mas o que tem de importante a ressaltar é que a economia não sofre alterações negativas com a diminuição da população. Pelo contrário. Sua economia baseada na produção aurífera e na pecuária se mantém em crescimento. Isso comprova que a densidade populacional indica apenas a relação numérica, camuflando a diversidade social e seu potencial produtivo. Para que esse detalhe seja compreendido, outro elemento abarcado como crucial para o estudo da dinâmica territorial se faz presente com a incumbência de denunciar a pujança econômica desenvolvida em Crixás. É a relação homem natureza. É nesta análise que a produção do espaço é identificada, pois envolve o par antagônico, capital e trabalho. Este se mostra inteiramente ligado à explicação de outros elementos que arrolam o objetivo central do esquema, que é explicar a dinâmica territorial de Crixás.

Todavia, a relação entre homem e natureza infere a cultura, que pela mesma vai refletir os aspectos econômicos e políticos, assim mediante cada um destes que derivam da relação homem natureza emergem as diversas territorialidades. No campo político a

territorialidade se forma a partir da legitimidade jurídica da extensão da área de Crixás, voltado para sua soberania administrativa, a qual se consolida por meio de leis, regras e paradigmas. As várias instâncias administrativas, principalmente do poder público, são as territorialidades que preenchem, caracterizando assim o território. As territorialidades advindas das relações econômicas são visíveis pela configuração territorial e se apresentam como resultado da produção do capital versus trabalho, com destaque para alguns fixos como as igrejas, grandes supermercados como é o caso da Agrovet, a mineradora Serra Grande, as cerâmicas, postos de gasolina, restaurantes entre outros. Todos estes se territorializam e podem se desterritorializar de acordo com seu desempenho, tanto de aglomerar pessoas, como o grau de produtividade. Por fim, temos as territorialidades concentradas sobre aspectos culturais, com fortes objetivações individuais, isto é, a valorização subjetiva por um determinado ambiente ou grupo social. Isso foi verificado pelos sertanejos, indivíduos que se consideram como tal pela sua longa data arraigado ao campo. Nesse sentido, há uma duplicidade de sentimento. Primeiro, o ambiente pelo qual ele viveu, relevando os fatores naturais, neste caso o Cerrado. O segundo, está no sentimento de pertencimento da classe social que enquadra neste parâmetro. Portanto esta territorialidade possui uma forte conotação com a tradição de seu povo, que ao se projetar como responsável e como parte deste cotidiano, engendra singularidades que o distinguem do todo. .

Contudo, as várias territorialidades encontradas em Crixás constituem-se como um primário alimento da formação, desenvolvimento e fortalecimento territorial. Os conflitos não são erigidos pela territorialidade e sim entre as diversas territorialidades. É nessa circunstância que o território de Crixás, como outro qualquer, se constrói sobre relações de poder, uma vez que no âmbito da economia, cultura e política as territorialidades emergem sobrepostas ou não, mas com caráter de cooperação, de coletividade ideológica.

Em direção à conclusão, é imprescindível relatar que, mediante as tessituras, Crixás se faz particular. Um território construído da exploração do ouro, hoje tem funcionalidade econômica internacional, porque foi promovido pela rede comercial, fazendo jus da sua verticalidade. A mineradora Serra Grande se territorializa trazendo uma nova configuração territorial a Crixás, com finalidade de atender o funcionamento global da economia, concomitante a isso, a economia interna se rende a tais propósitos reorganizando suas relações produtivas de maneira que o global conceda mais benefícios do que malefícios à Crixás.

Nesse embate de forças produtivas promovido pelo grande capital, que tende a se reproduzir onde for conveniente, instalou-se uma discussão sobre os possíveis valores

culturais e econômicos de dois elementos, que por coincidência possuem a mesma cor, ouro e pequi, ambos com coloração amarelada. Portanto, se constatou que o ouro e o pequi são nativos daquela região, porém acessíveis por diferentes grupos sociais. O ouro é muito valorizado por todo o mundo, embora sua valorização seja medida, antes de mais nada, pela cultura, depois pela sua escassez. O pequi é uma comida típica de Goiás, denunciando atributos regionais. Seu valor passa primeiramente pela cultura, sendo apreciado pela culinária com ampla diversidade de uso, e um relativo valor comercial. Crixás, possuidora de uma abundância de ouro e pequi, não foi competente em estabelecer relações técnicas suficientes para usufruir de sua riqueza mineral, aceitando pequenas barganhas de empresas norte americanas para a exploração. Como o amarelo do ouro não é refletido para os Crixenses, o que restou de amarelo foi o pequi, que é homenageado pelo festival do pequi, uma festa gastronômica com objetivo de fortalecer os elos regionais e reconhecer o valor do Bioma do Cerrado. Também ligado ao festival está o anseio do município ser reconhecido como a capital do pequi, como forma de promoção econômica, política e cultural. Mas por ironia do destino, a própria força da natureza tira a autonomia da população de Crixás de usufruir dos frutos de pequi, pois tem se notado que desde algum tempo a produção de frutos dos pequizeiros são intermitentes, ou melhor, intercaladas, uns anos produzem e outros não. O pressuposto desta descontinuidade produtiva do pequi está no desequilíbrio da natureza, pois as estações do ano já não obedecem mais o ordem estabelecida pelos estudos científicos. No ano em que o período chuvoso se inicia no final de setembro em diante é sinal de boa produtividade. Já no ano em que chove mais cedo, início de vésperas de agosto a exemplo deste ano, o pequizeiro não produz fruto. Portanto, a ausência de uma produção satisfatória implica no planejamento do festival do pequi, sobre a qual a prefeitura se vê na obrigação de importar o fruto de outras regiões, este ano do Estado do Tocantins.

Crixás, por ser um município localizado a noroeste de Goiás, foge das características dos demais, demonstrando uma pujança econômica significativa, principalmente em comparação aos municípios que compõem a Microrregião de São Miguel do Araguaia. Para finalizar, não definindo, pode se estabelecer uma conduta de critérios para dizer que Crixás está em fase mediana da modernização dos meios de produção, da qual sua dinâmica territorial se mostra com uma forte tendência a fortalecer o capital internacional, fato que não corresponde um crescimento contínuo de sua economia local. O movimento do capital é o elemento propulsor da dinâmica territorial, reestruturando as relações produtivas e, conseqüentemente, flertando uma nova conduta de vida à comunidade crixense.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Geralda de. Diáspora: viver entre-territórios. E entre culturas? In.: SAQUET, Marcos Aurélio; SPÓSITO, Eliseu Savério (Org.). **Territórios e Territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular, 2009. p. 175 - 195.

ALMEIDA, S.P. et al. **Cerrado: espécies vegetais úteis**. Planaltina: EMBRAPA-CPAC, 1998. 320 p.

ANDRADE, Manuel Corrêa de. Territorialidades, desterritorialidades, novas territorialidades: os limites do poder nacional e do poder local. In. SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A. de; SILVEIRA, Maria Laura. **Território: Globalização e Fragmentação**. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 2006. 213 p.

ARACRI, Luiz Ângelo dos Santos. Informatização do cultivo da soja em Mato Grosso e suas repercussões territoriais. In. BERNARDES, Júlia Adão; FREIRE FILHO, Osni de Luna. (Org.) **Geografia da soja: Br-163, fronteiras em mutação**. Rio de Janeiro: Arquimedes Edições, 2006. p. 39 - 55.

ASMAR, José. **Do berço do ouro à luta pela vida**. Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 1988. 120 p.

BEISIEGEL, Celso Rui. Cultura do Povo e Educação Popular. In. VALLE, Edênio & QUEIROZ, José J. **A Cultura do Povo**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1988. p. 41.

CALAÇA, Manoel. Modernização da agricultura e dinâmica territorial no Sul do Estado de Goiás. **Anais Comunicações**. XV ENGA (Encontro Nacional de Geografia Agrária. 2000. 373 p.

CANDIOTTO, Luciano Zanetti Pessoa; SANTOS, Roseli Alves dos. Experiências geográficas em torno de uma abordagem territorial. In.: SAQUET, Marcos Aurélio;

CASTILHO, Denis. **Tempo do espaço, tempo da vida: uma leitura socioespacial de Heitorai**. Goiânia: Ellos, 2007. 90 p

CASTRO, Iná Elias de. **Geografia e Política: território, escalas de ação e instituições**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. 304 p.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *A Cidade*. 5 ed., São Paulo: Contexto, 2001.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade**. São Paulo: Contexto, 2004. 154 p.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço e Indústria**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 1992. 70 p

CHAVEIRO, Eguimar Felício; CALAÇA, Manoel. A Dinâmica Demográfica do Cerrado: o território goiano apropriado e cindido. In. Horieste Gomes. **Universo do Cerrado Vol.II**. Goiânia: Ed. UCG, 2008. p.287 - 307.

CIGOLINI, Adilar Antonio. **A fragmentação do território em municípios**: um resgate histórico. Revista Paranaense de Geografia, Curitiba, n. 5, p.55-65, 2000.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e organização espacial**. 7. ed. São Paulo: Ática, 1986. 93 p.

\_\_\_\_\_. **Trajetórias Geográficas**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

DAMIANI, Amélia Luisa. **População e geografia**. 9. ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009. 107 p.

DEMATTEIS, Giuseppe. Sistema Local Territorial (SLOT): um instrumento para representar, ler e transformar o território. In. SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A. de; SILVEIRA, Maria Laura. **Território: Globalização e Fragmentação**. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 2006. p. 34 - 35.

ESTEVAM, Luiz. **O Tempo da transformação**. Goiânia: Editora da UCG, 1998. 275 p.

FERREIRA, Manuel Eduardo. **Modelagem da dinâmica de paisagem do cerrado**. Tese (Doutorado), 2009. 115 p.

GALLI, Ubirajara. **A História da mineração em Goiás**: das primeiras lavras aos dias de hoje. Goiânia: UCG, contato Comunicação, 2005.118 p.

GOMES, Horiestes. **Reflexões sobre teoria e crítica em Geografia**. Goiânia, CEGRAF/UFG, 1991. 121 P.

HAESBAERT, Rogério. **Des-territorialização e identidade: a rede “gaúcha” no Nordeste.** Niterói, Rio de Janeiro: Eduff, 1997.

KONDER, Leandro. **Que é dialética.** Rio de Janeiro: Ed. Brasiliense, 1993. 94 p.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade.** São Paulo: Moraes, 1991. 144 p.

\_\_\_\_\_, Henri. **A revolução urbana.** São Paulo. Centauro. 2001. 149 p.

LEITE, Maria Ângela Faggin Pereira. A natureza e a cidade: discutindo suas relações. In. SOUZA, Maria Adélia A.; SANTOS, Milton; SCARLATO, Francisco Capuano; ARROYO, Mônica (Org.). **Natureza e sociedade de hoje: uma leitura geográfica.** São Paulo: Hucitec – Anpuc, 1993. p.139 - 145.

LIMA, Maria Madalena. **Crixás nossa terra, nossa gente.** Goiânia: Escala gráfica e editora, 2007. 117 p.

MEDEIROS, Rosa Maria Vieira. Território, Espaço de Identidade. In.: SAQUET, Marcos Aurélio; SPÓSITO, Eliseu Savério (Org.). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos.** São Paulo: Expressão Popular, 2009. p. 217 – 227.

MENDONÇA, Marcelo Rodrigues. **A urdidura do capital e do trabalho no cerrado do Sudoeste goiano.** Tese (Doutorado). Presidente Prudente – SP: UNESP, 2004.

MONTES, Silma Rabelo. **Entre o campo e a cidade : as territorialidades do distrito de Tapuirama (Uberlândia – Mg) 1975 a 2005.** Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Geografia. Uberlândia, 2006. 181 p.

NICOLAS, F.S. A espacialização do complexo da soja no Mato Grosso do Sul: In. BERNARDES, Júlia Adão; FREIRE FILHO, Osni de Luna. (Org.) **Geografia da soja: Br-163, fronteiras em mutação.** Rio de Janeiro: Arquimedes Edições, 2006.

OLIVEIRA, Sebastiana Ester Dietz de. **Terras dos Kirirás e Poemas Mais...!** 2. ed. Arte e Lazer, 2001. 197 p.

PALACIN, Luis; MORAES, Maria Augusta de Sant’Anna. **História de Goiás.** Goiânia, Imprensa da UFGO, 1975. 125 p.

PEIXINHO, Dimas Moraes. **A dinâmica sócio-espacial do modelo técnico-produtivo da sojicultura no Cerrado e a formação dos centros dinâmicos: o caso de Rondonópolis**

(MT) e Rio Verde (GO). Tese (Doutorado). Rio de Janeiro: UFRJ/ CCMN/Depto de Geografia, 2006. 206 p.

PEREIRA, Sebastião Lázaro.; ALMEIRA FILHO, Niemeyer. Alterações estruturais na economia goiana e do sudoeste goiano. In: PEREIRA, Sebastião Lázaro; XAVIER, Clésio Lourenço. **O agronegócio nas terras de Goiás**. Uberlândia: EDUFU, 2003, p. 09 - 58.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993. 269 p.

\_\_\_\_\_. A produção das estruturas territoriais e sua representação. In.: SAQUET, Marcos Aurélio; SPÓSITO, Eliseu Savério (Org.). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular, 2009. p. 17 – 35.

ROSA, Gilson. **História de Crixás: memórias de Gilson Rosa**. Planaltina, 2004.

SAHR, Cicilian Luiza; SAHR, Wolf-Dietrich. Territórios – Faxinais – Espaços: a problemática “Espaço/Território” na formação social brasileira. In.: SAQUET, Marcos Aurélio; SPÓSITO, Eliseu Savério (Org.). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular, 2009. p. 143 – 173.

SANDRONI, Paulo. **Novíssimo dicionário de economia**. São Paulo: Best Seller, 1994. 649 p.

\_\_\_\_\_. **Novo Dicionário de Economia**. 9. ed. São Paulo: Best Seller, 1998. 375 p.

SANTOS, Milton.; SOUZA, Maria Adélia A.; SILVEIRA, Maria Laura (Org.). **Território, globalização e fragmentação**. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 2006. 332 p.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1997. p. 190.

\_\_\_\_\_. O dinheiro e o território. In: SANTOS, Milton et al. **Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2007a. p. 13 – 21

\_\_\_\_\_. **O espaço do cidadão**. 7. ed. São Paulo: Edusp, 2007b. 169 p.

\_\_\_\_\_. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. 4ª impressão. São Paulo: Edusp, 2008a. 384 p.

\_\_\_\_\_. **Metamorfose do espaço habitado**. 6. ed. São Paulo: Edusp, 2008b. 132 p.

\_\_\_\_\_. **O espaço dividido**. 2. ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Edusp. 2008c. 433p.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Abordagens e concepções sobre territórios**. São Paulo: Expressão popular, 2007. 200 p.

\_\_\_\_\_. Por uma abordagem territorial. In.: SAQUET, Marcos Aurélio; SPÓSITO, Eliseu Savério (Org.). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular, 2009. p. 73 – 94.

SCHWARTZMAN, Simon. **Pobreza, Exclusão Social e Modernidade: uma introdução ao mundo contemporâneo**. São Paulo: Augurium. 2004. 239 p.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **ABC do desenvolvimento urbano**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. 192 p.

\_\_\_\_\_. “Território” Da Divergência (e da Confusão): em torno das imprecisas fronteiras de um conceito fundamental. In.: SAQUET, Marcos Aurélio; SPÓSITO, Eliseu Savério (Org.). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular, 2009. 57 – 72.

SOUZA, Nelson Mello e. **Modernidade: a estratégia do abismo**. 2. ed. São Paulo: Unicamp, 1999. 345 p.

SPÓSITO, Eliseu Savério (Org.). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular, 2009. p. 315 – 340.

VIANNA, Francisco José Oliveira. **Evolução do Povo Brasileiro**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1966.

## APÊNDICES

## Apêndice 01.

### **QUESTIONÁRIO PARA CRIADORES DE GADO (APLICADO EM CRIXÁS)**

- 1 - QUE TÉCNICAS SÃO UTILIZADAS PARA CRIA DE BOI?
- 2 - QUEM SÃO OS PRINCIPAIS COMPRADORES DOS BEZERROS?
- 3 - PORQUE NÃO MEXER COM AGRICULTURA, EM VEZ DE PECUÁRIA?
- 4 - ACIMA DE QUANTAS CABEÇAS É VIÁVEL CRIAR GADO?
- 5 - OS PASTOS SÃO PRÓPRIOS OU SÃO ALUGADOS?
- 6 - PARA UMA BOA PRODUÇÃO DE BEZERROS, O QUE É NECESSÁRIO?
- 7 - O QUE MAIS ENCARECE PARA DAR QUALIDADE AOS BEZERROS?

### **QUESTIONÁRIO PARA PRODUTORES DA FEIRA**

- 1 - OS PRODUTOS VENDIDOS AQUI, SÃO TAMBÉM COMERCIALIZADOS EM OUTRO AMBIENTE?
- 2 - OS PRODUTOS VENDIDOS NA FEIRA É SUA PRINCIPAL FONTE DE RENDA?
- 3 - O QUE ESTÁ FALTANDO PARA MELHORAR A PRODUÇÃO?
- 4 - SEUS PRODUTOS SÃO BEM ACEITOS PELOS CONSUMIDORES?
- 5 - QUAL A MAIOR DIFICULDADE PARA PRODUZIR PRO MERCADO?
- 6 - EXISTEM REGRAS PARA A FEIRA?

### **QUESTIONÁRIO PARA FAZENDEIROS**

- 1 - O QUE O CERRADO REPRESENTA PARA VOCÊS?
- 2 - VOCÊS UTILIZAM O CERRADO PARA REMÉDIO

SIM ( )      NÃO ( )

3 – VOCÊS UTILIZAM O CERRADO PARA A ALIMENTAÇÃO?

SIM ( )      NÃO ( )

4 – VOCÊS UTILIZAM O CERRADO PARA ARTESANATO?

SIM ( )      NÃO ( )

5 – TEM VONTADE DE MUDAR PARA A CIDADE?

E SEUS FILHOS?

6 - O QUE TE SEGURA AQUI NO CAMPO?

7 – POR QUE VOCÊ ACHA QUE ALGUMAS PARTES DO MUNICÍPIO DE CRIXÁS O CERRADO FOI DESTRUÍDO?

8 – POR QUE VOCÊ ACHA QUE ALGUMAS PARTES DO MUNICÍPIO DE CRIXÁS AINDA SE ENCONTRAM PRESERVADOS?

9 - QUAL É SUA PRINCIPAL FONTE DE RENDA?

10 – VOCÊ INVESTE NA AGRICULTURA?

11- VOCÊ INVESTE NA PECUÁRIA?

12 – QUAL TEM MAIS PRIORIDADE, AGRICULTURA OU PECUÁRIA. PARA O VOCÊ E PARA SEUS VIZINHOS E AMIGOS?

### **QUESTIONÁRIO PARA COMERCIANTES**

1 – APROXIMADAMENTE, QUANTAS CIDADES EFETUAM COMPRAS EM SEU ESTABELECIMENTO?

2 – QUAL A CIDADE QUE MAIS PARTICIPA EFETIVAMENTE NAS COMPRAS?

3 – NA SUA OPINIÃO, POR QUAL RAZÃO, PESSOAS DE OUTRAS CIDADES VEM FAZER COMPRAS AQUI?

### **QUESTIONÁRIO PARA COMUNIDADE**

1 – A POPULAÇÃO DE CRIXÁS TEM ALGUMA DEPENDÊNCIA DE MERCADOS DE OUTROS MUNICÍPIOS?  
POR QUE, SE TIVER?

2 – A POPULAÇÃO DE CRIXÁS TEM ALGUMA DEPENDÊNCIA DE SERVIÇOS DE OUTROS MUNICÍPIOS?  
PORQUE, SE HOVER?

3 – O QUE FALTA PARA CRIXÁS MELHORAR?

4 – QUAL A PRINCIPAL FONTE DE EMPREGO DE CRIXÁS?

### **QUESTIONÁRIOS PARA COLÉGIOS**

1 – QUAL A PORCENTAGEM DE ALUNOS DA ZONA RURAL?

2 – QUANDO HÁ TRANSFERÊNCIA, EM SUA MAIOR PARTE É DENTRO DO PRÓPRIO MUNICÍPIO OU PARA OUTRAS CIDADES?

**(APLICADO EM AURIVERDE)**

1 – QUAL É A MAIOR DIFICULDADE EM MORAR EM AURIVERDE?

2 – QUAIS OS MOTIVOS QUE LEVA VOCÊ A IR PARA OUTRA CIDADE?

3 – ONDE É FEITO SUAS COMPRAS DO MÊS?

4 – QUAL É SUA PRINCIPAL FONTE DE RENDA?

5 – O QUE PRECISA MELHOR EM AURIVERDE?

6 – QUAIS OS MELHORES POSTOS DE TRABALHO DE AURIVERDE?

7 – PRETENDE MUDAR DAQUI? POR QUAL MOTIVO?

8 - EXISTE PROSTITUIÇÃO AQUI?

9 – EXISTE COMERCIALIZAÇÃO DE DROGAS ILÍCITAS E CONSUMO?



**Apêndice 2.a:** Feira do pequeno produtor em Crixás-GO. 2009. 1 fotografia, colorida, 9cm X 21,09cm.



**Apêndice 2.b:** Produção de rapadura, com destino a feira do pequeno produtor em Crixás-GO. 2009. 1 fotografia, colorida, 9cm X 21,09cm.



**Apêndice 2.c:** Existência de solo rochoso com depressão em Crixás-GO. 2009. 1 fotografia, colorida, 9cm X 21,09cm